

JOSE PEDRO MARTINS BARATA

Tradições religiosas
em Montalvão e em Póvoa e Meadas
no extremo-norte alentejano



LISBOA
1 9 7 0

COTA 39/BAE

NÚCLEO 5. MOGANA

REGISTRO 447/Fundo orap

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

ao meu sobrinho José António P. Faria Marujo, com um
abraço do Tio José Manuel Barata

Abril de 1970

HA muitos anos, mais de quarenta, fomos convidados a passar uns dias em casa de pessoas de família em Montalvão, a fim de assistir às cerimónias da Semana Santa que ali se iam realizar com grandiosidade. Tivemos assim a oportunidade de conhecer alguns dos actos tradicionais naquela aldeia, fundamentalmente religiosos, que demonstravam a continuação de uma fé viva naquele bom povo.

Ainda na Quaresma, numa quinta-feira, já dada meia-noite, fomos despertados por um cantar de homens, cantar doloroso, arrastado, que era correspondido longe e de lugares diferentes por outros igualmente pesados. Era a Encomendação das Almas. No silêncio da quietação da noite na aldeia adormecida, este cantar fúnebre e disperso deu-nos a sensação de ser toda a povoação, como uma só família, a lembrar os seus mortos queridos e a rezar por eles.

Tivemos ocasião de presenciar na tarde de Quinta-feira Santa, na igreja matriz e após as cerimónias litúrgicas do dia, um avultado grupo de mulheres sentadas no sobrado, sobre as pernas dobradas mas prontas a ajoelharem, que rezava entoando cânticos estranhos, ora em resignada monotonia ora em vozes implorativas, com a pronúncia característica daquela gente a tornar difícil a compreensão das frases.

Naquele mesmo dia santo, a procissão organizada ao princípio da noite saiu da igreja matriz. No extenso acompanhamento, o cântico de louvor à Sagrada Paixão de Jesus, em coro imenso de todo o povo, ressoava nas ruas e nas casas e enchia o ar calmo da noite de sons célios.

Impressionados profundamente por aquelas manifestações de forte devoção colectiva, procuramos esclarecimentos sobre elas. Soubemos então que tínhamos assistido a uns restos das antigas e grandiosas tradições religiosas que em Montalvão se desenrolavam ao longo de todo o ano, sempre observadas com o maior respeito e rigor, transmitidas de pais para filhos desde recuados tempos, exteriorizadas em actos de verdadeira fé.

Impulsionou-nos o desejo de as reconstituir e registar antes que de todo se desvanecessem da memória dos que ainda existissem e se lembrassem. Não supunhamos porém as dificuldades do trabalho a que íamos meter ombros, nas dúvidas que surgiam, insuficiências que encontrávamos, omissões involuntárias em práticas esquecidas por falta de continuidade, nas pessoas idosas, em escasso número, que amavelmente nos prestaram a sua contribuição e em quem depositávamos as nossas esperanças.

No decurso da investigação deparou-se-nos outra surpresa. Na aldeia de Póvoa e Meadas, a dez quilómetros para o sul, também se praticavam semelhantes tradições, com a mesma fé, mas admitindo variantes. E igualmente em mais povoações próximas, com as práticas cada vez mais atenuadas conforme o afastamento de Montalvão, como num esbatimento a partir de um centro irradiante.

Tivemos felicidade em nos serem indicadas, tanto em Montalvão como em Póvoa e Meadas, pessoas de robusta memória que tinham participado nestas manifestações muitos anos atrás, todas de idade superior a sessenta anos na data em que foram ouvidas.

Compilamos os apontamentos recolhidos e o apanhado foi exposto para apreciação às mesmas e outras pessoas. Serviu para relembrar pormenores, confirmarem exatidões, notarem diferenças, corrigirem erros. Em todas avivou a saudade daqueles tempos cheios de fé, alegria e paz, onde nas casas nunca faltava o pão nem o lume na lareira. Na fé pura que ainda conservam nos seus corações, as idosas mulheres de Montalvão não começavam nem terminavam os seus depoimentos sem se pousarem e rezarem de viva voz: «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua mãe Maria Santíssima», oração tradicional no princípio e fim das refeições ou quando começam e terminam trabalho sério.

Esta notícia das tradições religiosas reporta-se sobretudo aos fins do século passado, embora tenham terminado praticamente em 1910 com a mudança do regime político em Portugal. A perseguição religiosa que se lhe seguiu causou temor nas pessoas devotas e impediu as exteriorizações. Deixaram de se fazer as grandes romarias e festas. Nos lares também foram descaindo as rotinas dos devotos e pouco a pouco tudo vai decaindo para completo esquecimento. Muitas daquelas que nos deram contribuições únicas já desapareceram, de modo que hoje seria já de todo impossível reconstituir passagens importantes das tradições. Representa pois esta notícia como que uma reliquia do passado.

No que respeita à origem destas tradições, admitimos a hipótese de estar assente em duas vias de importação, uma vinda da Beira Baixa outra vinda da vizinha Espanha. Da Beira, profundamente religiosa onde se cantava o Terço, viriam as orações e a música; da Espanha viriam sobretudo as «Xácofas» da Quaresma.

De facto, Montalvão, cabeça de ponte neste extremo norte alentejano, devido à proximidade geográfica e de costumes, estava em contacto directo com estas duas regiões. Da Beira vinham os «paneiros» com os seus machos carregados de fazendas apregoando «barato e fino», pregão que lhes servia de apêdo; vinham outros mercadores, de loiças de Coimbra, de peneiros, de mercearias finas, etc.; vinham os «ratinhos» para as ceifas e debulhas, trazendo consigo o seu repertório de danças e cantigas, as suas orações, deixando, à abalada, as foices na ermida de Nossa Senhora dos Remédios em acção de graças por voltarem vivos e sãos às suas casas. De todos eles ficava marcada a influência nesta gente. Em relação à Espanha fronteiriça, dada a sua contiguidade, a gente da antiga Vila de Montalvão tem ainda grande afinidade de características com a população espanhola próxima, de fortes raízes portuguesas, — a aldeia espanhola Cedillo, que pelos portugueses é chamada Casalim ou Casalinho, consta ter sido fundada por portugueses —, e o estreito intercâmbio com a população de Além-Sever determinou mútuas influências. Em larga zona a linguagem no lado de lá era usualmente a portuguesa e considerado presunçoso quem se metesse a falar espanhol, conforme se lê numa monografia sobre Cedillo feita por um cedilhano descendente de portugueses. Até o sino da igreja de Casalim era de fundição lisboeta.

Naqueles tempos em que não havia dificuldades na transposição do fronteiro rio Sever, não havia em Montalvão romaria ou festa sem a presença de espanhóis, parentes ou amigos, que vinham animar arraiais e bailes. Tempo em que se realizavam casamentos entre portugueses e espanhóis sem haver o sentimento de ir para terra estranha, — o meio era o mesmo —. Desta proximidade, tanto étnica como geográfica, muitas são as provas de contacto neste lado da fronteira, em palavras, em usos, em cantigas que ainda perduram, como adiante veremos.

Este trabalho de recolha esteve interrompido vários anos, embora se fosse anotando tudo o que aparecia de interesse. Ao retomá-lo em 1961 pareceu-nos indispensável juntar-lhe a música dos cânticos, para o que nos foi extremamente útil o auxílio do Sr. David dos Santos, músico militar, que a escreveu. Em Montalvão, a Encomendação das Almas foi ditada por Manuel Lourenço, com 81 anos, falecido em 1963, que era a única pessoa que a sabia, embora já tivesse esquecido a letra, que felizmente nós tínhamos escrito em 1927 ditada pelo velho «Mestre» Lourenço Madeira, com 81 anos. Ambos já faleceram. Os outros cânticos da Quaresma, cuja letra também devemos ao Mestre Lourenço Madeira, velho criado de lavoura contratado ao ano por um dos lavradores de Montalvão, foram cantados por Isabel Leitinha, a Isabel Panota, de 71 anos em 1963, Ana Tomázia da Silva, a Ana Botidôa, também de 71 anos, e Maria Isabel da Silva, de 65 anos em 1963 (Fig. 1). Em Póvoa e Meadas, as Xácolas foram ditadas por Margarida de Matos Alonso, com 83 anos e cantadas por sua filha Maria de



MANUEL LOURENÇO — 81 anos em 1961.
Falecido em Agosto de 1962



MARIA ISABEL DA SILVA — 65 anos em
1961. *Vizoa de Joaquim Trancoso, conhe-
cida por Joaquim da Barra*



ANA TOMASIA DA SILVA — 69 anos em
1961. *Conhecida por Ana Burças, casada
com António Pintor, irmã de José Bordão*



ISABEL LEIRINHA — 69 anos em 1961.
*Conhecida por Isabel Panota. Vizoa de
Tomás da Silva*

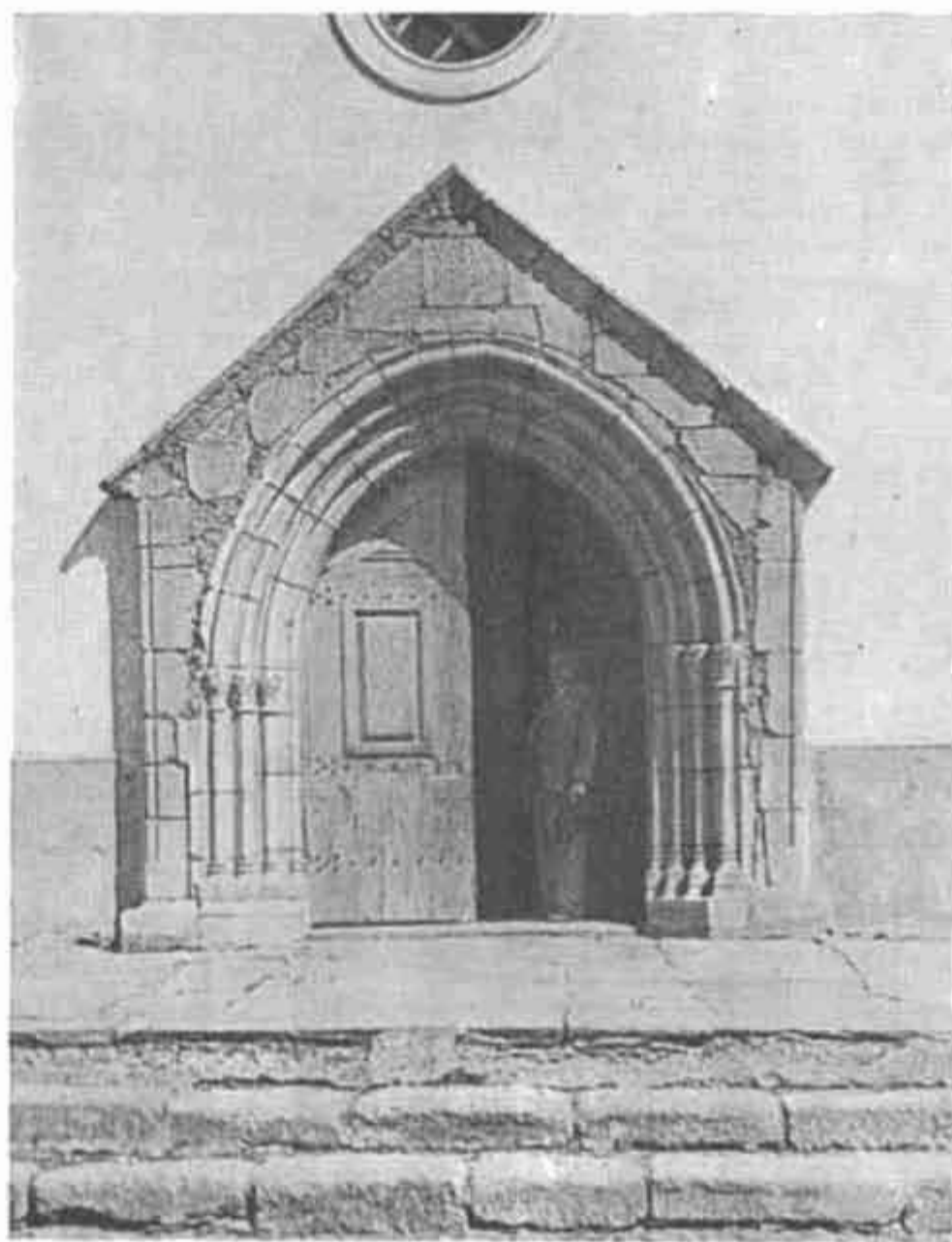


Fig. 2

MONTALVÃO — Porta principal da Igreja de N.ª Sr.ª da Graça (Matriz). Na pedra está inscrito:

ACABOU-SE
A DE 1565
REFORMADA
ANO DE 1825

Matos Cebolas. Aos já falecidos aqui prestamos a homenagem da nossa saudade. Aos vivos o testemunho do nosso total reconhecimento.

Merecem uma referência muito especial, o Homem-Bom de Montalvão César de Faria Pimentel, cunhado do autor, e sua esposa Joana Relvas Pimentel, aos quais devemos a possibilidade desta recolha. Ambos nos facilitaram a tarefa que nos impusemos, não só pelas achegas da privilegiada memória de César Pimentel como por nos terem proporcionado os contactos com as pessoas mais indicadas para este registo. César Pimentel faleceu em 1967. Deixou-nos infinda saudade este dedicado amigo e o seu nome não pode deixar de ficar ligado a este trabalho.



Fig. 3

MONTALVAO — Ermida de Nossa Senhora dos Remédios

A fé religiosa da gente de Montalvão tem raízes antigas. Foi sede de comenda templária, — ainda existe na fachada da casa paroquial uma cruz do Templo —, e foi comendador da Ordem de Cristo em Montalvão, em 1320, o último Mestre da Ordem do Templo em Portugal, D. Vasco Fernandes.

A actual igreja matriz parece ser quatrocentista, instalada onde esteve outra anterior. É de três naves, duas torres, uma sineira e outra mais recente com um relógio. O pátio é de arco ogival com gablete onde está escrito ter sido acabado em 1568 (Fig. 2). Duarte Darmas, em 1500 desenhou a igreja com uma galilé.

Além da igreja matriz, o Arciprestado de Portalegre possui dentro da vila a capela de S. Pedro e a capela do Espírito Santo, esta recentemente restaurada. Fora, tem a cerca de quatro quilómetros para o norte a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, Padroeira de Montalvão, onde a 8 de Setembro se faz a Festa em sua honra (Fig. 3). A meio caminho para Póvoa e Meadas, tem a ermida de S. Silvestre, que no bocete da abóbada de arcos cruzados tem a cruz templária. Em ruínas pelo campo as capelas de Santa Margarida, a do Mártir Santo e a da



Fig. 4

MONTALVÃO — Igreja da Misericórdia e o antigo Hospital anexo

Madalena que deu o topónimo Sítio da Madalena. Houve também a de S. Marcos, junto das muralhas, totalmente desaparecida. Independentes do Arciprestado há a igreja da Misericórdia (Fig. 4), que está em frente da matriz e a capela de Santo André, que lhe pertence, sita no arrabalde do mesmo nome.

Ao já significativo número de templos, juntamos os das irmandades, das quais hoje existe apenas a da Misericórdia. Começemos por esta referência.

I — *Irmandade da Misericórdia*

Tem vários irmãos, Mesa Administrativa com provedor, secretário, tesoureiro e dois vogais. A sua sede é na igreja da Misericórdia, que tem anexo o antigo hospital.

Vivia e vive de esmolas e do rendimento de uns lóros, cerca de mil escudos, mais do rendimento de títulos de renda perpétua da Junta do Crédito Público, que dão cerca de 400500. Regia-se por um compromisso baseado no antigo Compromisso da Misericórdia de Abrantes.

O traje dos irmãos é de balandras negros com capuz. Este capuz usa-se normalmente caído nas costas, mas é enfiado na cabeça quando das cerimónias da Adoração da Cruz, o Beija Cruz, na procissão do acompanhamento de Nossa Senhora do Calvário no enterro do Senhor e nos funerais dos irmãos falecidos.

Tem Bandeira, painel de duas faces com pinturas religiosas, enfiado numa vara. Pertence-lhe, como se disse, a capela de Santo André, na qual se fazia a Festa num domingo de Agosto, com música, arraial e fogo de artifício.

Todos os anos manda rezar uma Missa por alma dos irmãos falecidos e no dia de Quinta-feira Santa oferece a cada irmão 250 gramas de amêndoas como agradecimento pelos serviços prestados, que são gratuitos.

II — *Irmandade da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco*

Composta de vários membros, irmãos e irmãs, tinha juiz, tesoureiro e secretário, eleitos por três anos, com a nomeação confirmada pelo pároco que anunciava os nomes do alto do púlpito, na igreja. As reuniões efectuavam-se na sacristia da matriz.

Os rendimentos provinham das quotas pagas pelos irmãos e irmãs (eram de quinhentos reis por ano quando uma Missa custava duzentos reis), e também das esmolas que o povo lançava na caixa própria.

A Irmandade dispunha de Cruz Procissional e Guilão roxo. Os homens vestiam opa roxa com capuz da mesma cor e à cintura cingido o cordão branco. As irmãs usavam só o cordão branco em volta da cintura sobre o vestido.

Quando falecia um irmão ou irmã, tinha a obrigação de mandar dizer Missa por sua alma e a de mandar o irmão que estava encarregado deste serviço, ir, ao princípio da noite e de rua em rua, vestindo opa roxa e a tocar uma campainha, pedir a cada esquina e em voz alta: «Rezaí um Padre-Nosso pela alma do nosso irmão... fulano». Esta obrigação era cumprida na tarde do falecimento e igualmente no dia seguinte. O uso terminou em 1910.

A Festa de S. José era organizada e custeada por esta Irmandade, no dia 19 de Março de todos os anos.

III — *Irmandade do Santíssimo Sacramento*

Tinha Mesa com juiz, tesoureiro e secretário.

O traje era de opas vermelhas. Os seus rendimentos provinham de juro de uns fóros, de um título de renda perpétua mais das quotas dos irmãos. Possuía metade de um «chão» a S. Pedro, cuja renda era variável, pois era arrematado por ocasião da Festa do Santíssimo.

Tinha Cruz e Guião, que abriam todas as procissões salvo a da Semana Santa, na qual ia a Cruz da Paróquia à frente.

Era de sua obrigação organizar e custear a Festa do Santíssimo Sacramento, no terceiro domingo de Outubro de todos os anos, e de mandar rezar uma Missa por alma de um irmão que falecesse. Estava também a seu cargo a manutenção da lâmpada do Santíssimo Sacramento na igreja, fornecendo o azeite necessário, por compra. Hoje a lâmpada está ao cuidado de muitos devotos do Santíssimo porque a irmandade está extinta. Os devotos fornecem o azeite à medida que vai sendo preciso, por notícia do pároco que anuncia a escassez.

No dia de Quinta-feira Santa, tal como fazia a irmandade da Misericórdia, oferecia a cada irmão 250 gramas de amêndoas como compensação de serviços.

A convocação dos irmãos era feita pelo toque de nove badaladas do sino da matriz, as nove badaladas da Extrema-Unção e de todos os actos a que tinha a obrigação de comparecer.

IV — *Irmandade de Nossa Senhora das Mercês*

Esta irmandade era constituída principalmente pelos estudantes. Só quando os não havia em número suficiente eram admitidas outras pessoas.

Tinha Mesa Administrativa, constituída por juiz, tesoureiro e secretário. Mantinha-se com as esmolas e quotas dos irmãos.

O traje era de opas brancas e não tinha nem Bandeira nem Guião.

Extinta em 1907, a sua acção passou a ser desempenhada pela irmandade da Misericórdia. Era de sua obrigação a Festa de Nossa Senhora das Mercês, no dia 24 de Setembro.

V — *Irmandade de S. Marcos*

Tinha Mesa com juiz, tesoureiro e secretário. Vivia só de esmolas.

O traje era de opas vermelhas e tinha Bandeira. Extinta em 1910.

VI— *Irmandade das Almas*

Extinta há muitos anos, mais anos que as outras. A lembrança existe pelo que as pessoas idosas de agora contam por terem ouvido os pais. Teria também Mesa com juiz, tesoureiro e secretário.

A sua acção mais importante seria a de cuidar da lâmpada acesa no nicho das Almas no local a que deu o nome, e mandar rezar Missas pelas Almas do Purgatório. Era a Irmandade que na véspera e no dia de Reis fazia o peditório para as Almas, indo cantar de porta em porta versos apropriados ao fim que pretendiam.

Digno de nota era o costume em todas as irmandades de multarem os irmãos que faltavam às cerimónias sem motivo justificado, condenando-os ao pagamento de cem reis ou à entrega de 250 gramas de amêndoas.

Os cargos das Mesas Administrativas eram providos por eleição.

Além da «Bandeira da Misericórdia» existiam em Montalvão, em 1910, as de S. Silvestre, a do Espírito Santo, a de S. Marcos, a de Santo António, a de S. Pedro e a de S. João. A da Misericórdia está na sua Igreja, juntamente com a de S. João porque esta lhe pertence. As outras foram mandadas recolher à sacristia da matriz e guardadas em gavetões. Antigamente eram guardadas em casa dos Festeiros, pessoas que por promessa ou nomeação organizavam e se responsabilizavam pelas despesas das respectivas festas no ano em que lhe cabiam.

Passemos agora a Póvoa e Meadas, antiga vila com foral e hoje freguesia rural do Concelho de Castelo de Vide. O seu nome resulta da junção de Póvoa com o lugar das Meadas, a quatro ou cinco quilómetros para o lado de Espanha. Tal como Montalvão, Póvoa teria sido um aldeamento muçulmano, dada a existência de abundantes sinais.

Foi vigairaria da Ordem de Cristo. Na antiga igreja, hoje destruída, estava a cruz da Ordem no bocete dos arcos cruzados da capela-mór.

A capela da Misericórdia, antigamente igreja do Mártir Santo, apresenta portada de granito da região onde estão insculpidos símbolos em fundo circular cuja interpretação está por fazer (Fig. 5). Devem ser anteriores à chegada aqui da Ordem de Cristo, porque esta Ordem para marcar a sua posse afundou alguns destes sinais para gravar a sua Cruz. Tem no altar-mór um retábulo do renascimento, de bela talha, oferecido, segundo consta, por um dos antigos senhores de Póvoa e Meadas.

Além desta capela há a de Santa Margarida, outrora extramuros, cuja Festa se faz no terceiro domingo de Setembro, durava sábado e domingo com cerimónias na capela, procissão, arraial, tourada à vara larga e bailes.

Da capela do Espírito Santo, arrasada, só se conhece o local e sinais numa parede. Da de S. Silvestre, muito frequentada por gente da Póvoa, já se fez referência, pois pertence à freguesia de Montalvão.

Outras capelas haveria além destas, como o indicam topónimos, mas delas nem ruínas se reconhecem.

No que respeita a irmandades, havia as seguintes:

I — *Irmandade do Santíssimo Sacramento*

Tinha Mesa com três membros usuais, vivia das quotas dos irmãos (de seis vinténs por ano e cinco tostões de jóia). A sua responsabilidade estava a Festa do Santíssimo, Tinha Cruz e Guião.

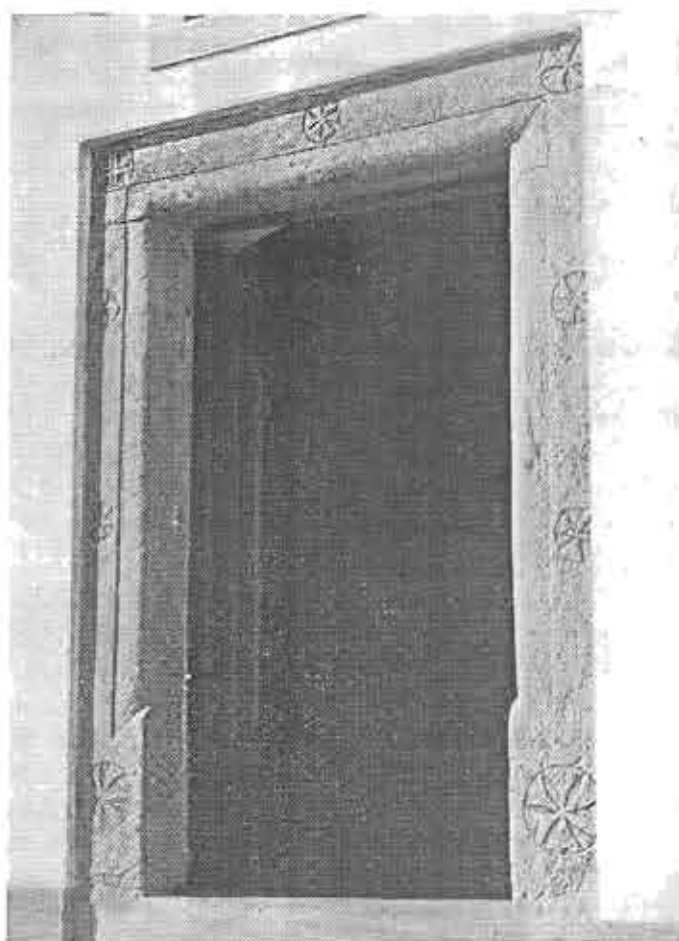


Fig. 5

POVOA E MEADAS — Porta da Capela da Misericórdia (antiga do Martir-Santo). Desconhece-se o significado dos sinais, excepto o da Cruz da Ordem de Cristo

II — *Irmandade do Divino Espírito Santo*

Organização habitual. Tinha Cruz e Bandeira.

III — *Irmandade da Misericórdia*

Organização do costume. Não tinha nem Cruz nem Bandeira.

IV — *Irmandade de S. Marcos*

Organização habitual. Tinha Cruz e Bandeira.

V — *Irmandade das Almas*

Organização normal. Tinha só Cruz, a Cruz das Almas.

Em Póvoa e Meadas só existiam dois Guiões, o do Santíssimo e o de Nossa Senhora da Graça. As Cruzes eram as de S. Marcos, das Almas, de Nossa Senhora da Graça, das Chagas, do Santíssimo e a da Fábrica da Igreja (Paróquia). As Bandeiras também foram mandadas recolher à matriz. Costumavam sair só três vezes durante o ano, na Festa do Corpo de Deus, na Festa do Espírito Santo e na Festa de S. Marcos.

Dadas estas apresentações, que nos pareceram convenientes para a apreciação do ambiente local, passemos à notícia das tradições religiosas.

AS «BOAS FESTAS»

Nos usos tradicionais de carácter religioso na antiga Vila de Montalvão, no princípio deste século XX e até 1910, a primeira prática era a das «Boas Festas», e votos para um «Novo ano muito Próspero».

Parece ser uma sobrevivência do rito do pão e da água no preceito religioso de amar o próximo como a nós mesmos, que neste caso se prestava a ser aproveitado como divertimento também, pois era praticado por raparigas-moças, que se agrupavam a três ou quatro, dentre as quais uma levava uma pequena bilha com água de beber e outra uma tigelá com farinha de trigo.

Dada a meia-noite no relógio da torre, na noite de 31 de Dezembro para o primeiro dia do ano, o grupo dirigia-se à igreja matriz, onde, frente à porta principal cerrada àquela hora, a rapariga que levava a água tomava um bochecho e borrifava a porta a fim de ficar molhada, e de seguida a companheira que levava a farinha tirava da tigelá uma pequena porção que lançava sobre o

molhado da porta, onde ficava agarrada. Ao mesmo tempo que procediam a este acto pronunciavam todas o voto: «Bons anos nos dê Deus».

Cumprida esta cerimónia na porta do templo, iam de casa em casa repetindo o acto da projecção da água e da farinha nas respectivas portas com o acompanhamento do voto de «Novo ano Próspero», e deste modo davam a volta por todas as ruas da povoação.

Geralmente as donas de casa aguardavam por detrás da porta a chegada do grupo de raparigas e respondiam do lado de dentro: «Que Deus no-lo dê a todos nós». E as raparigas, brincando, lá iam até à porta seguinte onde retomavam a respeitosa compostura exigida na pronúncia do voto.

Esta tradição parece não ter desaparecido de todo, embora longe do que era noutros tempos; movidas mais pelo divertimento do que pela devoção, as raparigas aproveitam o ensejo para se reunirem e passarem a noite brincando.

DIA DE REIS

Não era seguida do mesmo modo em Montalvão e Póvoa e Meadas a celebração do dia de Reis, embora em ambas as povoações intervissem as Irmandades das Almas. Por este motivo convém separar as notícias.

Começemos por Montalvão, onde na véspera e no dia de Reis, e só nestes dias, a Irmandade das Almas saía à rua para o pedidório.

Batiam à porta de cada um dos moradores e cantavam em salmodia lenta:

Dai esmola aos Santos Reis
Que chegam hoje à vossa porta,
Qual será o cristão
Que não lhes dará esmola,
Lhes não dará esmola,
Que não dará esmola?

A devoção pelas Almas Santas do Purgatório era muito forte nesta região, e tanto em Montalvão como em Póvoa e Meadas, numa das ruas, ainda existe o Nicho das Almas onde noite e dia arde lâmpada acesa com azeite à custa de devotos. Não havia quem passasse por diante das «Alminhas» que não rezasse.

As Almas Santas recorriam quando em caso de necessidade, do momento ou no futuro, como é o exemplo do pedido de protecção para o porco de chiqueiro que cada um criava para governo de casa, com a promessa de, se o porquinho crescesse e engordasse, entregar no dia de Reis à Irmandade das Almas um chouriço do comprimento do porco, do focinho ao rabo, o chamado «chouriço das Almas».

As esmolas eram generosas; além de dinheiro eram em gêneros, pão de trigo ou centeio, cereais, ovos, carne de fumeiro, toucinho, batatas, etc., e com o produto da venda em leilão eram mandadas rezar missas pelas almas.

Com o decorrer dos anos, os Irmãos foram cedendo à tentação do pão e da carne, começaram a aplicá-los em jantaradas, as «comidelas», em benefício dos seus corpos vivos de preferência ao resgate dos pecados das almas. O reparo nestas comidelas retraiu os devotos que assistiam escandalizados ao descaminho das ofertas, e com o descrédito, cessaram as esmolas e extinguiu-se a Irmandade, da qual só existe a memória nos velhos pelos relatos ouvidos a seus pais.

Em Póvoa e Meadas era a Confraria das Almas a encarregada do peditório. Era constituída por doze irmãos, para o serviço de um em cada mês. Todos os domingos do ano, o irmão em exercício saía com uma cesta enfiada no braço e uma vara pintada de vermelho na mão, a bater a todas as portas, pedindo: «Esmola para as missas pelas Almas Santas do Purgatório. O devoto das Almas Santas, quem dá um chouricinho para as Almas?» Parece que recolhiam dádivas às arrobas.

Porém, à noite no dia de Reis saíam todos os Irmãos a percorrer as ruas, parando apenas à porta das casas onde havia uma candeia acesa à janela e aberta a entrada, sinal de que havia ali promessa de donativo. Os doze Irmãos paravam e num cantar lento entoavam em conjunto:

As Almas do Purgatório
Chegam hoje às vossas portas,
Qual será a alma cristã
Que não dará esmola.

Des doze Irmãos entravam dois na casa e entoavam:

Espirito Santo divino
Da Glória Celestial
Vimos pedir para as Almas
Que elas nos hão-de ajudar.

os de fora continuavam:

Ajudai que elas nos hão-de ajudar.

Os de dentro estabeleciam diálogo:

As Almas do Purgatório
Gritam de noite e de dia
Que não têm quem lhes reze
Nem uma só Avé-Maria.

de fora:

A esmola que vós dais
Dai que vós bem na dais,
Lá tendes no outro mundo
Vossos avós, vossos pais.

do interior:

A esmola que vós dais
E para as Almas Santas benditas,
As esmolas que vós dais
E para sufrágios e missas.

Mais versos se cantavam, alguns ao sabor da inspiração de momento e por isso impossíveis de registar.

Também havia «chouriços das Almas» resultantes de promessa, os quais eram enfiados num pau, mas na maior parte era um par de linguças ou de chouriços de tamanho vulgar, além de dinheiro, pão, cereais, ovos, etc.

Acabado o peditório e recolhidas as esmolas, os Irmãos reuniam-se em casa de um deles, faziam um «petisco» de bacalhau ou outro género, comiam, bebiam e por fim organizavam um ballarico.

Com o produto da venda das esmolas a Confraria mandava fazer a Festa das Almas, realizada no mês de Novembro, com solenidade.

A meio da Igreja Matrix era armada uma essa, catafalco com o volume de pessoa deitada, revestido de preto e debruado com galão à volta, sobre a qual eram colocadas duas tibias cruzadas e caveira a meio. A essa permanecia armada na igreja durante oito dias e no primeiro da sua instalação, os Irmãos revezando-se dobravam o sino a finados durante o dia todo; nos restantes sete dias o dobre a finados era só de manhã, ao meio-dia e à noite. A cerimónia religiosa consistia em Meio Offício na véspera e Offício Completo no dia da Festa.

Também em Póvoa e Meadas o costume caiu no abuso. Os Irmãos reservavam para as «comidelas» grande parte das esmolas, embriagavam-se. Desacreditada, a Confraria extinguiu-se também por falta de «recursos»...

As crianças no dia de Reis iam de saquitel ao ombro e de casa em casa pedir a esmola dos Santos Reis; com a música do cântico do Natal, entoavam:

O meu menino Jesus, (bis)
O meu menino tão belo
Vieste a nascer
No rego do caramelo (bis)

Levante-se daí senhora (bis)
Da tripecinha do far
Vá direita ao seu celeiro
A ver se acha que nos dar (bis)

Ou castanhas ou bolotas	
Ou outro rico manjar	(bis)
Ou o tocinho é gordo	
E a faca não quer cortar	(bis)
Além vem a barca nova	
Que fizeram os sóldados	(bis)
Vem Nossa Senhora nela	
Toda cercada de cravos	(bis)
Além vai a barca nova	
Que fizeram os pastores	(bis)
Nossa Senhora vai nela	
Toda cercada de flores	(bis)

Não havia quem lhes negasse as guloseimas que pediam cantando e que arrecadavam no saco para depois repartirem.

O CARNAVAL

As brincadeiras de Carnaval começavam por meados de Janeiro e iam até Terça-feira Gorda. Durante este longo tempo as práticas carnavalescas mais frequentes eram as Chamboadas (na Póvoa, ou Caqueiradas, em Montalvão).

Antes de as descrever convém um esclarecimento. Há certos costumes ainda hoje, tanto em Montalvão como em Póvoa e Meadas, que evidenciam a índole ordeira e respeitadora desta boa gente. Um deles é o estar a porta da rua ou toda aberta ou só no trinco, pois só é fechada quando os donos se vão deitar. Se alguém procura o morador, abre a porta e chama para dentro até ele aparecer. As portas da casa, quase sempre de um só batente, dispõem de um postigo que, aberto, dá luz para o interior; cerrado indica ausência demorada dos donos da casa, possivelmente ocupados em trabalhos no campo, os quais à volta empurram o postigo para enfiar o braço e abrir a porta, fechada à chave que ficara na fechadura. Se a dona da casa não foi com a família para o campo e tem de ausentar-se com pouca demora, fecha a porta à chave mas deixa-a na fechadura pelo lado de fora. É sinal de que não há ninguém em casa, mas não há quem aproveite a circunstância para lá entrar.

Consistiam as chamboadas, e ainda hoje o praticam, no costume de atirar pela porta para dentro das casas, quando é já de noite e os moradores descuidados à lareira, cacos de loiça fina ou de barro, latas velhas, areia, pedras, tremoços secos, etc., de modo a causar grande barulho que o sossego da noite avoluma e fugir o mais lesto para não ser reconhecido ou apanhado. Muitas vezes

a chamboada não se limitava ao lançamento de cacos e latas, mas completada com imundícies se o alvejado não era da simpatia do provocador ou era vítima de vingança.

Era um gozo quando da casa corriam à porta na vã esperança de conhecer o autor ou autores da partida. No geral não viam rivalmas pois a habilidade do eugraçado estava em escolher o momento oportuno para o ataque e pôr-se a salvo. Vinham então os insultos e as melhores pragas de um rico repertório; a rua deserta estimulava a oratória que durava além do tempo que levava a remoção dos cascos e a limpeza. Mais sossegados, lá ficavam a matutar em quem seria o maroto, suspeitando deste ou daquele sem chegar a uma conclusão nem pelo cuidadoso exame dos despojos. Acabavam por se resignar porque era carnaval e porque provavelmente se recordavam de terem cometido atentados semelhantes no seu tempo juvenil.

Outro divertimento neste período carnavalesco, principalmente na Póvoa, mais jogo de destreza que outra coisa, e que ainda perdura, é o Fafú.

É divertimento praticado por raparigas visto o objecto que serve para a brincadeira ser um cântaro, ou infusa, já rachados e portanto inúteis. As bilhas são utensílios particularmente femininos, pois são as mulheres que as levavam à fonte e enchiam de água para uso doméstico quando nestas terras não havia água canalizada.

No decorrer do ano todo o cântaro que fique sem poder servir mas que conserve a forma, é guardado com vista às brincadeiras do Carnaval, como o eram antigamente.

Para jogar o Fafú, várias raparigas dispõem-se em quadrado ou em roda, no meio da rua, convenientemente distanciadas umas das outras. Uma delas pega no cântaro pelo bojo com as duas mãos e, sopesando-o a preparar o lançamento, atira-o para a sua vizinha, da direita ou da esquerda conforme o sentido do giro, acompanhando o gesto com o grito de aviso... ih... fafú... No fafú, vai o esforço do lançamento.

A rapariga a quem é destinado o cântaro deve estar com atenção e apanhá-lo no ar com as duas mãos. Por sua vez atira-o para a vizinha imediata com o acompanhamento do ih... fafú, e desta forma segue o jogo.

Como nem todas as raparigas são igualmente fortes e ágeis, e ainda com a agravante das risadas a quebentarem as forças e a segurança, tanto o lançamento como a recepção são muito incertos. Um lançamento mal dirigido obriga a frequentes atitudes de contorção para apanhar a bilha já perto do chão onde parece ir escaqueirar-se. A brincadeira termina entre grandes manifestações de palmas, gritos e risadas quando a bilha mal atirada ou mal recebida cai no chão e se desfaz em mil cacos.

A rapariga que neste jogo de destreza é a causadora da ruína do elemento principal da brincadeira é alvo da troça das outras, e muitas vezes sofre o castigo de lhe porem os cacos em cima da cabeça para assinalar a sua falta de jeito. Mas depressa aparece outro cântaro para continuarem o jogo.

Outro costume antigo que ainda perdura entre gente moça é o de mascarrarem a cara uns aos outros com negro de cortiça queimada ou pó de carvão, ou de igual modo enfarinharem.

A habilidade consiste em mascarar ou enfarinhar a cara de um rapaz ou rapariga de surpresa. Se esta não resulta, procuram fazê-lo pela força, com correias e detenções em luta corpo a corpo, nem sempre de todo inocentes.

Sempre com festa de risos, gritos e ditos, não deixa muitas vezes de transparecer na defesa a irritação causada pelos atrevimentos, embora algumas raparigas mais galhofeiras sejam as primeiras a atacar os rapazes descuidados, que logo correm atrás delas.

As mascaradas também se exibiam desde meados de Janeiro. Cerca do dia 20. Acompanhavam o período das chamoadas e o de enfarinhar e mascarar a cara.

Muitas vezes, a coberto do anonimato que a máscara permite aproveitava-se a época para exercer a censura popular sobre determinadas pessoas ou para criticar factos pouco do agrado do povo. Com a cara mascarada e vestidos intencionalmente, havia quem procurasse limitar o modo de andar ou as atitudes de tal ou tal pessoa, destacando o lado ridículo ou censurável, com a prudência necessária para não ultrapassar os limites das brincadeiras e atingir a ofensa, sempre perigosa, mormente em terras pequenas onde todos dependem uns dos outros.

Porém, a maior parte do povo, indiferente a ironias, queria apenas divertir-se. Uns vestidos de velho, outros de cigano, outros ainda com o disfarce que a imaginação lhes suggeria, percorriam as ruas e disfrutavam os comentários ditos à sua passagem.

Umaz noites ou outras havia bailes em casas particulares. As pessoas convidadas entravam de máscara posta, que logo tiravam em obediência à etiqueta. Nestes bailes a parte musical era executada por amadores que tocavam gaita de beijos, a «harmónica bucal». Todavia, quando não havia tocadores não deixava de realizar-se o baile, visto que as raparigas se prestavam a esganicar-se acompanhadas a adufe em cantigas populares. Para os donos da casa a obrigação consistia em terem sempre a mesa posta e bem guarnecida de carnes frias e doces para os convidados se servirem quando e quanto quisessem. Os trabalhos de preparação dos manjares eram executados pelas pessoas da casa ajudadas pelos parentes mais íntimos, durante vários dias antes do baile, tudo feito com muita fatura.

Muitas vezes já o sol era nascido e ainda havia pares a dar ao pé, incansáveis nas polcas, mazurcas, valsas, «chotices» (scotish?), com um baile de quatro de vez

em quando para variar, e não se passava destas danças. Não havia desengonçados naquele tempo.

Com o andar do tempo chega o dia de Compadres e oito dias depois o de Comadres. O primeiro na quinta-feira antes de Domingo-Magro.

O dia de Comadres foi sempre o mais festejado e consequentemente o mais ruidoso.

Antigamente em Montalvão, neste dia de Comadres, algumas mulheres do povo costumavam pedir às vizinhas os ovos, farinha e azeite necessários para fazerem filhoses, dando elas o trabalho. Instalavam-se na rua à vista de toda a gente. Amassavam a farinha com os ovos e num fogareiro ao lado iam aquecendo o azeite na frigideira. Em cadeiras baixas duas delas sentavam-se frente a frente e sobre os joelhos lançavam uma pequena tábua larga, que polvilhavam de farinha. Do alguidar da massa, ao lado, tiravam uma pequena porção que estendiam na tábua com o rolo até ficar o mais fino possível, cortavam pedaços em rectângulo mais ou menos regulares com a recartilha, golpeavam-nos com dois ou três cortes pelo meio e com destreza levantavam da tábua estas películas de massa estendida para as colocar cuidadosamente no azeite quente onde alouravam e empolavam. Depois de fritas, voltadas dum lado e outro, eram retiradas com um garfo e postas num prato grande. Já frias e polvilhadas de açúcar, eram consumidas pelas contribuintes dos géneros e manipuladoras, porém se sobravam, eram levadas às vizinhas pobres.

Por seu lado as raparigas, aos grupos de acordo com a idade, desde os doze aos vinte anos, faziam o seu «jantar» com o que a família lhes dava e depois comiam-no em grande festa em casa de uma delas. Um dos manjares obrigatórios era o arroz-doce, com desenhos de flores e raminhos feitos com pó de canela. A noite armavam bailes com rapazes convidados.

Na Quinta-feira de Compadres, as raparigas à janela, no seguro da casa, munidas de um chocalho grande, espreitavam a passagem de algum exemplar humano do sexo masculino e logo vão de tocar a fazer chocalhada ruidosa a dar a entender que passava animal próprio para usar aquele objecto sonoro pendurado do pescoço. E para venarem dos compadres saiam cantigas como estas:

Os compadres vêm, vêm,
Lá em baixo ao Fontanhão
Bebendo uma pata de burro
Julgando que é iacão.

(ou ao Portão, Cancelão)

Os compadres vêm, vêm
Vêm lá ao Santo André
Bebendo mijo de burro
Julgando que é café.

As comadres dormem, dormem
Dormem lá numa salinba
Por baixo lhes deitam roças
Por cima cambrala fina.

Os compadres dormem, dormem,
Dormem lá no casarão.
Por baixo deitam tojos,
Por cima peles de cão.

ou alguma com intenção de censura:

O moleiro é bom homem
Mas tem cara de ladrão
Quando vai para o moitinho
Leva a maquia na mão.

Os Compadres, mais modestos e corlatos, festejavam o dia reunidos em jantares.

Acabados os folguedos carnavalescos começa a Quaresma, tempo do arrependimento dos pecados. Neste dia a igreja enchia-se de gente, na participação nas cerimónias litúrgicas a receber na testa a cruz de cinza, no pesar pelos erros cometidos durante o ano. Os homens compareciam com os seus melhores fatos, escuros e cinta preta; as mulheres de saia rodada e xale escuros, entre as quais sobressaíam as senhoras vestidas de preto, saia comprida e na cabeça a coca de veu descido.

A piedade cristã, além da assistência e participação nas cerimónias religiosas na igreja, próprias do tempo quaresmal, obrigava às devoções do Terço cantado, nas casas particulares e à impressionante Encomendação das Almas, no sossego das ruas, cerca de uma hora da madrugada. A Quaresma, pelo seu carácter religioso era período de muito acatamento. Não havia bailes, evitavam-se quanto possível os casamentos e baptizados por serem marcadamente festivos, e mesmo as cantigas populares estavam condenadas, consideradas profanas, e substituídas pelas Xácolas, como próprias da época.

O TERÇO CANTADO

Aos serões de todos os dias da semana, desde a Quarta-feira de Cinzas até Quarta-feira de Trevas, em duas ou três casas particulares do Montalvão facultadas pelos seus donos, praticava-se a devoção do Terço Cantado. Para este fim juntavam rapazes e raparigas, estas acompanhadas por mães ou parentes que aproveitavam as esperas fazendo trabalhos de rendas ou bordados. Em Póvoa e Meadras, o Terço era cantado na igreja, à noite.

O Terço Cantado era regido por um homem a quem chamavam o «Mestre». Logo que todos estavam reunidos e preparados, o Mestre dava o sinal de início batendo com as mãos uma na outra e da mesma forma continuava durante os cânticos a marcar a cadência.

Começava o Terço cantando o Bendito:

Ban-di-to e lou-va-do se-ja o San - ti - ssi - mo
Sa - cra - men - to da EV - ca - ris - sia fru - to do
ven - tre sa - gra - do da Vi - r - gem pu - ri - ssi - ma
San - ta Mã - ri - a

A seguir ao Bendito e Louvado vinham as cinco dezenas do Terço do Rosário, todos os dias excepto às sexta-feiras, cantadas em música simples e andamento de marcha. A música dos Padre-Nossos foi escrita pelo Sr. Fernando Cardoso. Estes Padre-Nossos eram também cantados nas preces «Ad pretendam pluvium» por ocasião das secas.



Depois deste Terço Cantado, seguiam sucessivamente o cântico da Salvé Rainha, O meu doce Jesus, as Glórias da Virgem, a Magnificat, a Senhora do Carmo e por fim a Senhora da Lapa. Aos sábados cantavam mais as Excelências da Virgem. Nas Sextas-feiras os Padre-Nossos, Avé Marias e Glórias eram substituídos por outro cântico, como se segue:

Ben - di - ta e lou - va - da se - ja a sa -
gra - da Pa - xão do a - man - te Je - sus. Pr'a não se per -
- de - rem as al - mas deu a vi - da por to - dos nos
bra - ços da Cruz.
A - da - ram os an - jos lou - re - mo - to a -
fi - lho de De - us que in - ter - veu por nós.

Em vez das Avé-Marias, o Mestre, a solo, pedia cantando:

Bendita e louvada seja
A sagra da Paixão do amante Jesus.

e os assistentes respondiam, também cantando:

Pr'a não se perderem as almas
Deu a Vida por todos nos braços da Cruz.

No fim da dezena o Mestre cantava:

Adoram-nO os Anjos, louvem-lO nós
O Filho de Deus, que morreu por nós,

e o coro continuava:

Que por nós morreu, por nós morreria,
O Filho de Deus e da Virgem Maria.

No dia de Quinta-feira Santa era pela última vez cantado o Terço, de forma diferente e já na igreja matriz.

O servo senhor Jesus sus-to-bei-o de gra-ça mi-se-ri-
cor-dia tua com-nos-so ben-di-ta seja essa san-tis-si-ma
si-da Pa-xão e men-te ben-di-to seja san-ta que por
nós terra-mas-te plas-ta-gas da Vossa mão di-rei-ta.
Gló-ria seja ao Pa-i gló-ria seja ao Fi-lho a-
ga-ra e sem-pre sem-pre A-men.

O Mestre, em vez das Avé-Marias, cantava:

Ó Verbo Senhor Jesus Cristo,
Cheio de Graça,
Misericórdia tem conosco
Bendita seja a Vossa Santíssima Vida,

e o povo respondia, na primeira dezena:

Paixão e morte,
Bendito o Vosso Sangue,
Que por nós derramaste,
Pelas chagas da Vossa Mão DIREITA,

terminada a dezena era cantada em conjunto, Mestre e povo:

Glória seja ao Pai,
Glória seja ao Filho,
Agora e sempre,
Para sempre. Amem.

Na segunda dezena o povo, em vez das chagas da mão direita, respondia:

.....
.....
Que por nós derramaste,
Pelas chagas da Vossa Mão ESQUERDA,

A terceira dezena era pelas chagas do Vosso SANTÍSSIMO LADO, a quarta dezena era pelas do PÉ DIREITO e a quinta dezena pelas do PÉ ESQUERDO.

Seguiam-se a Salvé-Rainha e o Ó meu doce Jesus. Não se cantavam as Glórias mas três Avé-Marias, depois a Magnificat, Senhora do Carmo e por fim a Senhora da Lapa. Com esta devoção na matriz terminava o Terço Cantado da Quaresma.

SALVE-RAINHA

Musical notation for "SALVE-RAINHA" in 3/4 time, 7-measure phrase. The melody is written on a treble clef staff. The lyrics are: Deus vos salve virgem pura se-nho-ra do céu e terra. The notes are: G4 (Deus), A4 (vos), B4 (sal), C5 (ve), B4 (vir), A4 (gem), G4 (pu), F4 (ra), E4 (se), D4 (nho), C4 (ra), B3 (do), A3 (céu), G3 (e), F3 (terra). There are fermatas over the notes for "VIR - GEM" and "PU - RA".

Deus vos salve Virgem Pura
Senhora do Céu e Terra
Sois Mãe da Misericórdia
Que toda a culpa desterra.

Vida e Doçura que viva
Toda a nossa esperança
Por isso a Vós bradamos;
Senhora dai-nos confiança.

A Vós Virgem aspiramos
Gemendo e sentindo dores
Naquele mais triste vale
Onde tudo são rigores.

Ela pois Nossa Senhora,
Mãe, nossa advogada,
Pr'a nós os Olhos volvei,
O Virgem Sagrada.

E depois deste desterro
Vosso Filho nos mostra
Que ele é Jesus e no Céu
A Mão direita do Pai.

O inefável Maria
O clemente Senhora Mãe nossa,
Rogai a Deus nos ampare
Na nossa última hora.

Para que sejamos dignos
De alcançar grande vitória
Subindo ao Redentor
Dentro da eterna glória.

Salvai, Senhor, vossos servos
Que eu espero em Vós, meu Deus,
Já que Vos louvo na Terra
Que Vos vá louvar aos Céus.

Esta Salvé que rezamos,
Oferecemos a Maria,
Jesus, Maria, José,
Vem na nossa companhia.

Aos Vossos Pés, Bom Jesus
Vos peço misericórdia,
Desenganador do Mundo
Venho aqui, meu Deus, à Glória.

Quem na Glória houver de entrar
Sua alma há-de plantar
Numa flor que há-de dizer
Antes morrer que pecar.

Olha pecador que tens
Muitas culpas contra ti,
Que não tens senão uma alma
E se a perdes, ai de ti.

Ó meu Deus da minha alma,
Meu Deus do meu coração,
Trazel-me Vós à memória
Passos da Vossa Paixão.

Primeiro Vós padecestes
Grandes tormentos no Horto,
Correram rios de sangue
Do Vosso Divino Resto.

Indo ao primeiro Passo
Em terra calu Jesus.
Os Seus Joelhos tremiam
Com o peso da Santa Cruz.

Indo ao segundo Passo
Em terra calu meu Deus.
Vejam lá a crueldade
Com que o trataram os judeus.

Já levais a Cruz às Costas
Já ireis andando com ela.
Para livrar da justiça
Hás-de ser pregado nela.

Ó amantíssimo Jesus
Cruel sentença vos deram,
Que haviéis de andar os Passos
Com o peso da Santa Cruz.

Já estais numa solidão
Não tendes com quem falar.
Lá vem o Anjo do Céu
Que Vos vem confortar.

Falal agora meu Deus,
O Vosso Pai a tornar

.....

.....

Vai preso sem ser ladrão
O Filho da Virgem Maria
Levam-no a toda a pressa,
Vão prendê-lo à coluna.

Já está preso à coluna
O nosso mano Cordeliro
Levam as ruas regadas
Do Seu sangue verdadeiro.

Trespasado de açoites
Vai meu Deus para a varanda,
Preso com cordas de esparto
Nas mãos uma verde cana.

Meus Deus que estais no Calvário
Nessa cruz de oliveira,
Sois o mais lindo cravo
Que nasceu entre a roseira.

Vosso nome lindo
Que é Jesus de Nazaré,
Sempre trouxe na memória
Que hei-de morrer pela Fé.

O Vosso santo Cabelo
Mais fino que o fino ouro
Onde ele tem as raízes
Tem minh'alma o tesouro.

A Vossa santa Cabeça
Toda corada de espinhos,
Por amor dos meus pecados
Passaste tantos martírios.

Os Vossos sagrados Olhos
Inclinados para o chão,
Por amor dos meus pecados
Passaste tanta Paixão.

O Vosso divino Rosto
Cheio de estarros nojentos,
Por amor dos meus pecados
Passaste tantos tormentos.

Vossa sagrada Boca
Já bebeu fel amargoso,
Para bem dos meus pecados.
Perdoai-me, Bem Senhor.

O Vosso santo Pestoço,
Enlearam com uma corda,
Perdoai os meus pecados
Senhor de Misericórdia.

Aos Vossos Sagrados Ombros
Vos arrimaram um madeiro,
Perdoai meus pecados
Meu bom Jesus verdadeiro,

Os Vossos sagrados Braços,
Vos cravaram na Cruz,
Perdoai meus pecados
Perdoai-me Bom Jesus.

O Vosso divino Peito
Vos abriram com uma lança,
Minha alma, entrai com ela,
Senhor dai-me confiança.

Os Vossos santos Joelhos
Todos ensanguentados,
Meu Bom Jesus verdadeiro,
Perdoai meus pecados.

Os Vossos sagrados Pés
Mais alvos que a neve pura,
Correram rios de sangue
Pelas ruas da amargura,

Oh! Que ditosa mulher
Fei visitar o Calvário,
A rica paga que trouxe,
O Senhor Santo Sudário,

Estas doze petições
Meu Senhor, vo-las entrego
Pr'a que é hora da morte
Me tenhas o Céu aberto.

Não digo mais do que isto
Não digo mais por agora,
Queira Deus que nos vejamos
Todos no Reino da Glória.

Não digo mais por agora
Por ora não digo mais,
Queira Deus que nos vejamos
Nos Reinos celestiais.

Por agora não digo mais
Não digo mais do que isto
Quetra Deus nos vejamos
Todos no Reino de Cristo.

Lá em cima no Monte Calvário
Está Jesus Cristo à morte,
Numa cama tão angusta
Quer-se virar e não pode.

Para melhor caber nela
Pôs um pé sobre o outro
E naquele tempo chegou
Sua Mãe Maria Santíssima,

Ó meu Filho, ó meu Filho,
Quem te traiou de tal sorte?
Se pobremente nasceste
Pobremente estás à morte.

Peço-Vos ó Mãe Santíssima
Que se vá d'aí embora
Quero fazer testamento
Destes meus queridos bens.

Meu Corpo deixo à Igreja
Minha Alma ao Padre Eterno
A S. Pedro Deixo as chaves
Para que no céu governe,

A S. Miguel as balanças
Para que as almas pese
Quem mais pecados tiver
Não terá entrada no Céu.

A S. Gregório deixo o Cálix
Foi quem o pediu primeiro
Para aparar o Meu Sangue
Quando cair do madeiro.

A S. João o deserto
E nele faça penitência

Estas doze (7) petições

Meu Senhor vo-las entrego

Para que à hora da minha morte

Me tenhas o Céu aberto

ou: Estas doze petições

O Meu Deus vo-las entrego

Minha Alma já é Vossa.

Meu Deus não vo-la nego.

Ainda Vos pedimos mais
Pelos cravos dessa Cruz
Que nos dê a salvação
Para sempre, Amem Jesus,

OH MEU DOCE JESUS

The musical score is written in treble clef with a 2/4 time signature. It consists of three staves of music. The first staff begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one flat (B-flat). The melody starts with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, a quarter note Bb4, and a quarter note C5. The lyrics 'Ó meu do-ce Je-sus Ó meu Re-den-' are written below the notes. The second staff continues the melody with a quarter note D5, a quarter note E5, a quarter note F5, and a quarter note G5. The lyrics '-tor Trespas-sai meu pei-to com o peso do ri-' are written below. The third staff begins with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, and a quarter note Bb4. The lyrics 'gar Ó meu' are written below. The staff ends with a double bar line and repeat dots.

Oh meu doce Jesus. Oh meu Redentor.
Trespas-sai o meu peito com peso do rigor.

Oh meu Redentor. Oh meu doce Jesus,
Aqui tendes os cravos, dai-me essa Cruz.

Quero ir convosco, nessa Cruz morrer
Convosco igualmente quero padecer.

Já ardem amores no meu coração
Recordando as dores da Vossa Paixão.

Reparti comigo as Vossas tormentas
Para que Deus nos livre dos maus pensamentos.

Oh Virgem soberana, Mãe dos campos dignos
Falai voz humana pois sois Santa divina.

Que tornes ao Mundo, não é maravilha
Por serdes Mãe e filha do Senhor de tudo.

Oh quem Vós perdeu, oh quem por Vós nasceu
Por Vós se criou e por Vós se coroou.

Sois jasmim cheiroso posto na ribeira,
Num campo fermoso, fermosa oliveira.

Entre espinhos e rosas vem o lírio junco n'água
Só Vós não amavas, toda sois formosa.

Quanto o mar abraça e o sol rodeia
Oh Virgem Maria, sois de Graça cheia.

Quanto o sol rodeta e quanto o mar abraça
Oh Virgem Maria, sós cheia de Graça.

Quanto o mar abraça, quanto o sol alumia,
Todos cheios de Graça da Virgem Maria.

Oh Virgem Maria, tão alta Senhora
Os Anjos do Céu lhe ponham a coroa.

Não lhe ponham de ouro, nem também de prata
Ponham-lha de rosas que lhe dá mais graça.

Oh Virgem Santíssima, Ela nos prometeu
Não morrer na vida em pecado mortal.

Em pecado mortal não havemos de morrer,
Que a Virgem da Lapa nos há-de valer.

Nos há-de valer na maior aflição
Brudando por Ela do meu coração.

Do meu coração, da Virgem Maria
Dentro da minh'alma, Vós sois alegria.

Vós sois uma alegria, Vós sois mãe dos homens
Dos Anjos e Santos, Vós sois todo o bem.

Que todo o bem seja, eu sou pecador
D'entre todos com Cristo choram seu horror.

Choram seu horror meu peito em grande dor
Merece devoto, devoto do Vosso favor.

Do Vosso favor, para mim será eterno,
Para que Deus nos livre das penas do inferno.

Das penas do inferno cantar a vitória
Contente e alegre lá na Vossa Glória.

Lá na Vossa Glória Vós hei-de louvar
Se fôrdes servido de me lá levar.

De me lá levar, quem há-de dizer,
Por nos salvar quisésse morrer.

Morrer em louvor para meu Jesus
Que para nos salvar morreu na Cruz.

Nessa Cruz suspensa para o nosso bem
Levai-nos à Glória para sempre Amen.

Eu sou pecador, não Vos sei pedir
Não sou merecedor do Senhor me ouvir.

Sou um maligno sempre a pecar
Sempre a pecar sem emenda ter.

Sem emenda ter Senhor São João
Senhor São João nos há-de valer.

Senhor São João, capelinha de rosas
Pedi ao Senhor que não nos mande má sorte.

Senhor São José, ramalhete de flores,
Pedi ao Senhor que não nos mande terrores.

Senhor São Francisco, dai-me o vosso cordão,
Quero ir ao Céu fazer uma oração.

Perguntai à Senhora que vem de Belém
Se a Virgem da Lapa nos paga bem.

Ela dissera que bem nos pagára
Móramos com ela mas não queremos soldada.

Não queremos soldada nem queremos dinheiro
Queremos só a bênção do Deus verdadeiro.

Não queremos dinheiro nem queremos soldada
Queremos só a bênção da Virgem Sagrada.

Senhora da Lapa, oh quem lá me dera
Passando eu a noite na sua capela.

Quem me lá dera, oh quem lá fora
Sábado à noite de Nossa Senhora.

Almas Santas divinas pedi a Jesus
Que nos leve à Glória pela sua Cruz.

Almas Santas divinas pedi ao Senhor
Que nos leve à Glória pelo seu amor.

Almas santas divinas pedir-lhe-ei também
Que nos leve à Glória para sempre Amen.

AS GLÓRIAS DA VIRGEM

The image shows a musical score for the hymn 'As Glórias da Virgem'. It consists of three staves of music. The first staff is in treble clef with a 3/4 time signature. The lyrics are: 'AS GLÓRIAS DA VIRGEM EV -'. The second staff continues the melody with lyrics: 'PRO NOBIS EST TAE LAS AS'. The third staff is in bass clef and continues with lyrics: 'GLÓRIAS DA VIRGEM O - RA PRO NOBIS'. The music features a mix of quarter and eighth notes, with some rests and slurs.

As Glórias da Virgem, supremo das estrelas,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

Criador que criaste o espirito da pobreta,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

Vosso Filho nos deste, pr'a que nos tirou Eva,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

Pr'a que no Céu entrarmos, nos tenha a porta aberta,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

O alto Redentor, sei é da Luz supremo,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

O gente presumida, apresentai grandeta,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

Jesus Filho da Virgem, a quem a Glória seja,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

O Padre Santo Espírito, pedi a Deus Eterno,
As Glórias da Virgem, ora pro nobis.

Final:

San-ta Ma - ria Mãe de De - us Ro - gai
a Je - sus por nós Ten - de mi - se - ri - cor - di
- a se - nho - ra Ten - de mi - se - ri - cor - dia de nós

Santa Maria Mãe de Deus,
Rogai a Jesus por nós
Tende misericórdia senhora
Tende misericórdia de nós.

(Cantada três vezes)

A MAGNIFICAT

RES - CA To - do Po - te - ra - So
O SEU NO - ME AS - SEN - TOU

Minha alma magnifica
E engrandece com grande amor,
Seu Senhor do Céu e da Terra,
De todo o Mundo criador.

Eu sou sua criatura
Ele foi quem me criou
Eu por ser da Terra
Seu Espírito me alegrou.

Viva sua escrava
Que do coração se prestou,
Dirão todas as gentes
Boa Ventura deixou.

Risca todo poderoso,
O seu Nome assentou
Pr'a ver Mãe de Seu Filho
Pai de todos se criou.

Por mim sois misericórdia
De gente, gente que passou,
Mas lá com os soberbos
Do seu trono derrubou.

Por meios que O temem
Nos castigos com rigor
Mostra o poder do Seu Braço
Que assegura com dolor.

O coração mais ativo
Sem poder abraços deu,
Tirando de ser delicioso (ou, de ser ocioso)
Que eu espero humano error.

Tirando seu alto assento,
Já poderosa depôs
Lá vêm os benditos anjos (mendigos anjos)
Que por mim alevantou.

Por mim cheios os famintos
De abundância e favor,
Já aos ricos e avarentos
No vazio os deixou.

Honra ao povo de Israel
Lá em baixo assentou
Para que Deus viesse ao Mundo
Para nosso Redentor

Todos os Padres da Graça
A todos Ele perdoou
Já seu Filho o Verbo encarna
Que é Jesus, o meu Senhor.

Para redenção do Mundo
Já aos homens se entregou
Nessas curas de latada
Todas como o puro sol.

Passaram cruzes por cevada
Para mistérios maiores
Isto foi da mesma forma
Que a nossos pais se falou.

Quem abraços prometeu
Por mistérios ou por favor,
Que nisto não faltaria
Essas curas que adorou.

Demos infinitas Graças
Criaturas, aos Criadores.
Todas as criaturas,
Depois serel eu só.

Comigo dizem alegres
Todos com perfeita voz (ou, perfeita Glória)
Aceitai-nos meu Senhor
Esta nossa devoção.

Seja para glória Vossa,
Para a nossa salvação,
Para remédio das almas
Que no Purgatório estão.

SENHORA DO CARMO

Se - NHO - RA DO CAR-MO MÃE E NOS-SA A-DVO-
-GA-DÁ LI - VRAL - NOS SE - NHO - RA DA MOR-TE A PRES
-SA VA-LEI NOS MÃE NOSSA DO CAR-MO SE - NHORA

Senhora do Carmo, Mãe e nossa advogada,
Lívrail-nos Senhora, da morte apressada.
Valei-nos, Mãe nossa. (ou Lívrail-nos, Senhora)
Do Carmo Senhora.

Da morte apressada que todos tememos,
Para que toda a vida, Virgem Vos louvemos
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Virgem. Vos louvemos como Padroeira,
Valei-nos, socorrei-nos nesta terra inteira.
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Nesta terra inteira somos vossos devotos,
Lívrá-nos Senhora, Mãe dos terremotos,
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Dos terremotos que o Senhor mandou,
Está cheia de Graça, que por nós bradou,
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Que por nós bradou, nos deu o auxílio,
Valei-nos, socorrei-nos, Jesus, Vosso Filho.
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Jesus, Vosso Filho, sóis nosso desvelo,
Pai dos Carmelitas, Mãe do Carmelo.
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Oh Monte do Carmelo, com que foste corçada
Alcançai-nos o perdão da vida passada,
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Da vida passada, nos pesa também,
Levai-nos à Glória, para sempre, Amem.
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

Final:



Valei-nos, socorrei-nos
Como protectora,
Valei-nos, Mãe nossa,
Do Carmo Senhora.

SENHORA DA LAPA



A Senhora da Lapa, mandou-me um mandado,
Que fosse cantando o Bendito e Louvado.

O Bendito e Louvado havemos de cantar,
Que a Virgem da Lapa nos há-de pagar.

Perguntemos aos Anjos que vêm de Belém
Se a Virgem da Lapa nos paga bem.

Eles disseram que bem nos pagava,
Moramos com Ela, não queremos soldada.

Não queremos soldada, nem queremos dinheiro
Queremos só a bênção de Deus verdadeiro.

Não queremos dinheiro nem queremos soldada
Queremos só a bênção da Virgem Sagrada

Que homem é aquele que leva a Cruz
Quero ir com Ele, que Ele é Jesus.

Que Ele leva a Cruz e os seus Pés pregados
Derramando o Seu Sangue por mor dos nossos pecados.

Olhai para o Céu, verão o Céu estrelado
Filho do homem rico em berço dourado.

Só Vós meu menino, em palhas deitado
Nanjas por não serdes o Senhor de tudo.

Mas só para nos deixares exemplo no Mundo;
Mas só para nos deixardes exemplo no Mundo.

Olhai para o Céu, verão uma Cruz.
Capela de rosas, menino Jesus.

AS EXCELENCIAS DA VIRGEM
(para todos os sábados da Quaresma)



Voz: Há uma excelência
Que oh! Virgem tiveste
Senhora da Graça
Que Graça nos deste.

Coro: Só Vós mereceste
De serdes coroada
Rainha dos Anjos
Mãe de Deus chamada.

Voz: Há duas excelências
Que oh! Virgem tiveste
Senhora da Graça
Que Graça nos deste.

Coro: Só Vós mereceste, de serdes coroada, etc.

Voz: Há três excelências, etc.

Coro: Só Vós mereceste, etc.

Voz: Há quatro excelências, etc.

Coro: Só Vós mereceste, etc.

Voz: Há duze excelências
Que eu tenho rezado
Também as ofereço
Ao Senhor Louvado.

Há onze excelências
Que oh! Virgem tiveste
etc.

Coro: Há dez excelências, etc.

Voz: Há nove excelências, etc.

Coro: Há oito excelências, etc.

Voz: Há uma excelência
Que oh! Virgem tiveste
etc.

A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

Coro VAGAROSO



Ben-dito quem se-creta se-ja do segredo mar-tal e pa-jão-o
de Noss' Senhor ja-dos cris-ti de de-voto fi-el tra-tá-o

GRITOS



Uma fan-ta-sia de toda a-ni-ma em-vi um fú-ne-re de vida
do céu mais do que a-pa-lá que se-creta em-vi um fú-ne-re de vida

FINAL



Vando que não fôr regerem-se as almas do A-vé Ma-ri-a
faça pelo amor de De-us e pelo amor de Deus se-ja

A devoção da Encomendação das Almas era praticada nas madrugadas das quintas para sextas-feiras da Quaresma, menos na Semana Santa, por um grupo de três homens que tinham a iniciativa de se reunirem para este fim.

Quando passava da meia noite, no sossego da povoação adormecida, saíam da casa de um deles onde se tinham reunido, calçados com alpercatas para que

os seus passos não ressoassem na calçada, dirigiam-se para a porta da igreja matriz. Ali, de chapéu na mão, fizesse o tempo que fizesse, cantavam juntos os versos do coro, versos que damos a seguir. Como já dissemos, a letra de todos os cânticos da Quaresma foram-nos ditadas pelo velho Mestre Lourenço Madeira em 1927, falecido em 1929, com 83 anos.

Os versos do coro que juntos cantavam à porta da igreja, eram:

Bendita e louvada seja
A sagrada Morte e Paixão
De Nosso Senhor Jesu-Cristo
Do devoto e fiel cristão.

Devotos e fiéis cristãos
Amigos de Jesu-Cristo,
Lembremo-nos das Benditas Almas
Que no Furgatório estão
Ajude-mo-las a Urar
Com alguma oração.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja,

Também pelos que andam
Sobre as águas do mar
Rezemos um Padre-Nosso
Para que Nosso Senhor as chegue
A porto de as salvar.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Dentro do mar em tormentos
Rezemos um Padre-Nosso
Para que Nosso Senhor os chegue
A porto de salvamento.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Em culpas criminosas
Ajude-mo-los a tirar
Com orações lacrímicas.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

os seus passos não ressoassem na calçada, dirigiam-se para a porta da igreja matriz. Ali, de chapéu na mão, fizesse o tempo que fizesse, cantavam juntos os versos do coro, versos que damos a seguir. Como já dissemos, a letra de todos os cânticos da Quaresma foram-nos ditadas pelo velho Mestre Lourenço Madeira em 1927, falecido em 1929, com 83 anos.

Os versos do coro que juntos cantavam à porta da igreja, eram:

Bendita e louvada seja
A sagrada Morte e Paixão
De Nosso Senhor Jesu-Cristo
Do devoto e fiel cristão.

Devotos e fiéis cristãos
Amigos de Jesu-Cristo,
Lembramo-nos das Benditas Almas
Que no Purgatório estão
Ajude-mo-las a tirar
Com alguma oração.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Sobre as águas do mar
Rezemos um Padre-Nosso
Para que Nosso Senhor as chegue
A porto de as salvar.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Dentro do mar em tormentas
Rezemos um Padre-Nosso
Para que Nosso Senhor os chegue
A porto de salvamento.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Em culpas criminosas
Ajude-mo-las a tirar
Com orações lacrimosas.

Seja pelo Amor de Deus
Pelo Amor de Deus seja.

Terminado o coro, do grupo destacavam-se dois dos homens que se dirigiam para dois pontos diferentes, uma esquina de rua ou à porta de uma casa, mas a distância que lhes permitisse ouvirem-se uns aos outros.

Aquele do grupo que permanecera junto à porta da igreja, entoava os versos do primeiro «grito»:

Cristandade toda unida,
Ouvi um triste gémido,
As almas de avós e pais
Que estão na outra vida,
Os seus gritos estão sentindo
Vendo que não lhes rezamos
Nem uma só Avé-Maria.

Logo o outro componente do grupo que ficara mais próximo, entoava o segundo grito:

Tenhamos dó e compaixão
Daquela tão triste voz
Que reparta para nós
As almas que em penas estão
São nossas pais e avós,

Continuava o terceiro homem:

Bradam pelos seus amigos
Que cá deixaram no mundo
Pois é tal o seu descuido,
Não dizem sendo vivos
Dai-nos a mão que eu vos ajudo.

O que ficara à porta da igreja entoava:

Gritam contra os seus parentes
Da sua consanguinidade
Por não terem a caridade
De oferecer uma esmola,
Remediar uma necessidade.

Voltava o segundo homem:

Clamam contra os seus herdeiros
A quem seus bens deixaram
Pois não os aliviaram,
São os seus testamenteiros
O testamento nunca acabaram.

O terceiro do grupo:

O contritos, ó pecadores,
Despertaí vossos ouvidos
Ouvide um triste gemido
Que as almas dão com clamores

O primeiro:

Gritem as Almas Benditas
Postas em tanta aflição,
Bem mal faz quem desperdiça
Das Almas a devoção,

O segundo:

Somos das Almas irmãos
Vamos-lhes ouvir uma Missa
Demos-lhes esta consolação.

O terceiro:

Desta sorte se consolam
As Almas de avós e pais
Com o pouco que lhes rezais,
Ofereçamos-lhes uma esmola
Para nós mesmo lha darmos,

O primeiro:

Admitindo ao Senhor
A esmola com devoção
Quebrantem suas dores
As Almas que em penas estão,

O segundo:

Olha ó pecador o que fazes,
Olha bem o que vais fazer,
Quando te vais confessar
Ao Senhor vais prometer
Nunca mais O agravar
Nunca mais O ofender,

O terceiro:

Porque faltas ao que prometes
Cruel lança Lha metes
No Seu Santíssimo Lado
Que é Jesus Sacramentado.

O primeiro:

Olha que te vais lavar
Aquela Fonte de Lavo (?)
Que é Jesus crucificado

O segundo:

Toda a alma que se confessa
Logo a Deus faz promessa
De viver e ser criatura
De emendar a sua vida
De assinar uma escritura.

O terceiro:

Sou temente a tentar
Logo deves procurar
Letras que queiram dizer
Antes morrer que pecar.

O primeiro:

Dizem os ricos e os nobres,
Vivam as nossas visitas,
Gritem as Almas Benditas
Dai esmolas aos pobres
Que inda haveis de ser mais ricos.

O segundo:

Quem das almas se lembrar
Nesta vida transitória,
O prémio de Deus terá,
Na outra alcançará
De Deus eterna Glória.

O terceiro:

Rogai à Alma Excelente
Que é Jesus, que assim nos vem
Para que os nossos devotos
Alcançem a Glória. Amem.

Terminado o último verso o grupo deslocava-se para novos postos pré-combinados e iniciava nova Encomendação. Desta forma percorriam a povoação para que não houvesse quem não despertasse e rezasse.

O cântico era comovente tanto pela letra como pela música, no ambiente sossegado da noite, e impelia aquela boa gente a recordar os seus mortos e a rezar por eles.

Algumas vezes acontecia um dos postos ser à porta de uma das muitas casas pobres de Montalvão. O morador, erguia-se da cama e aguardava atrás da porta que o devoto cantor lançasse o último grito. Então abria mansamente a porta e, em silêncio, oferecia ao encomendador a modéstia de um ovo ou um cálice de aguardente. O cantor desaparecia na escuridão da noite, passos abafados, a caminho de nova estação. Não se trocava uma palavra, na solenidade do acto.

Outro costume era, desde Sábado de Ramos até Quarta-feira de Trevas, os rapazes da escola primária juntarem-se no adro da igreja matriz, providos de um martelo de madeira ou de um pau que para o mesmo servisse. Sentavam-se no

lajeado e começavam a martelar o chão na cadência dos seguintes versos que entoavam em lengalenga:

Trevas trevas, mulheres velhas,
Trevas, trevas, mulheres novas,
Truco, truco, maceirão,
Pelaa cordas de cordovão,
O palhaço da cozinha
Quantos dedos terá em cima,
Um, dois, três,
Por aqui passou um inglês,
Pelaa barbas de Diana,
Com uma gaita castelhana,
Plo, plo, repiplo,
Onde estão os vinte e três,
Um, dois, três.

Repetindo este batedeiro e cantilena, corriam à volta da povoação.

Na noite de Quinta-feira Santa, pela última vez na prática desta praxe tradicional, iam com os martelos para a igreja e esperavam o bater das Trevas para começar o marteladeiro acompanhado dos versos, mas pela traquinisse própria dos garotos aproveitavam a ocasião para pregarem no sobrado, com pregos de que iam munidos, as saias das mulheres, que as usavam compridas. As mulheres ao erguerem-se, ou ficavam presas ou rasgavam as saias no repuxão. As palavras que este atentado provocava estavam longe de serem próprias do lugar.

No Domingo de Ramos, na igreja matriz decorriam as cerimónias religiosas próprias do dia. Após a Missa procedia-se à Bênção dos Ramos, de alecrim, de oliveira ou de palma. A seguir a procissão dava a volta à igreja.

Havia pessoas que levavam de casa os ramos para serem abençoados. Outras limitavam-se a recebê-los na igreja. Depois de bentos levavam-nos para casa a fim de serem queimados, em parte à passagem das procissões de Quinta-feira e Sexta-feira Santas, outros para arderem quando havia trovoadas.

No dia de Quarta-feira de Trevas rezava-se na matriz o Offício de Trevas, com a assistência na capela-mor da Irmandade do Santíssimo Sacramento, nas suas opas vermelhas, a qual não saía da igreja, tal como as outras, durante toda a Semana Santa.

Na Quinta-feira Santa, além das cerimónias religiosas da obrigação deste dia, realizava-se uma procissão custeada pela Irmandade da Misericórdia, que, igualmente pagava o sermão.

Na sacristia da igreja da Misericórdia, todos os irmãos reunidos, o «consistório» como lhe chamavam, ao escurecer do dia, esperavam o padre que na procissão havia de conduzir o pesado Crucifixo, propriedade daquela igreja. Por este serviço a Irmandade pagava-lhe a quantia de um quartinho, ou sejam 1.200 réis.

A procissão era estabelecida da seguinte forma: À frente, abrindo a marcha ia a matraca (Fig. 6) tocada pelo marido da hospitaliera, a empregada do hospital da Misericórdia. Seguia a Bandeira da Misericórdia, nesta circunstância levantada ao alto, conduzida por um dos irmãos com o acompanhamento de toda a Irmã-



Fig. 6

MONTALVAO — A irmã hospitaliera, da Misericórdia, com a matraca

dade. Atrás ia o Pálio preto, com as pessoas mais gradas de Montalvão a pegar nas varas, a cobrir o Sacerdote que levava, suspenso do pescoço por uma correia em virtude do peso que tem, o Senhor da Misericórdia. Outro Sacerdote, também sob o Pálio e que seguia mais atrás, levava enrolado o Santo Sudário (Fig. 7) que seria desenrolado durante o sermão. O povo acompanhava a procissão entoando cânticos, a «Sagrada Morte e Paixão», a «Paixão e Morte» e a imploração «Senhor

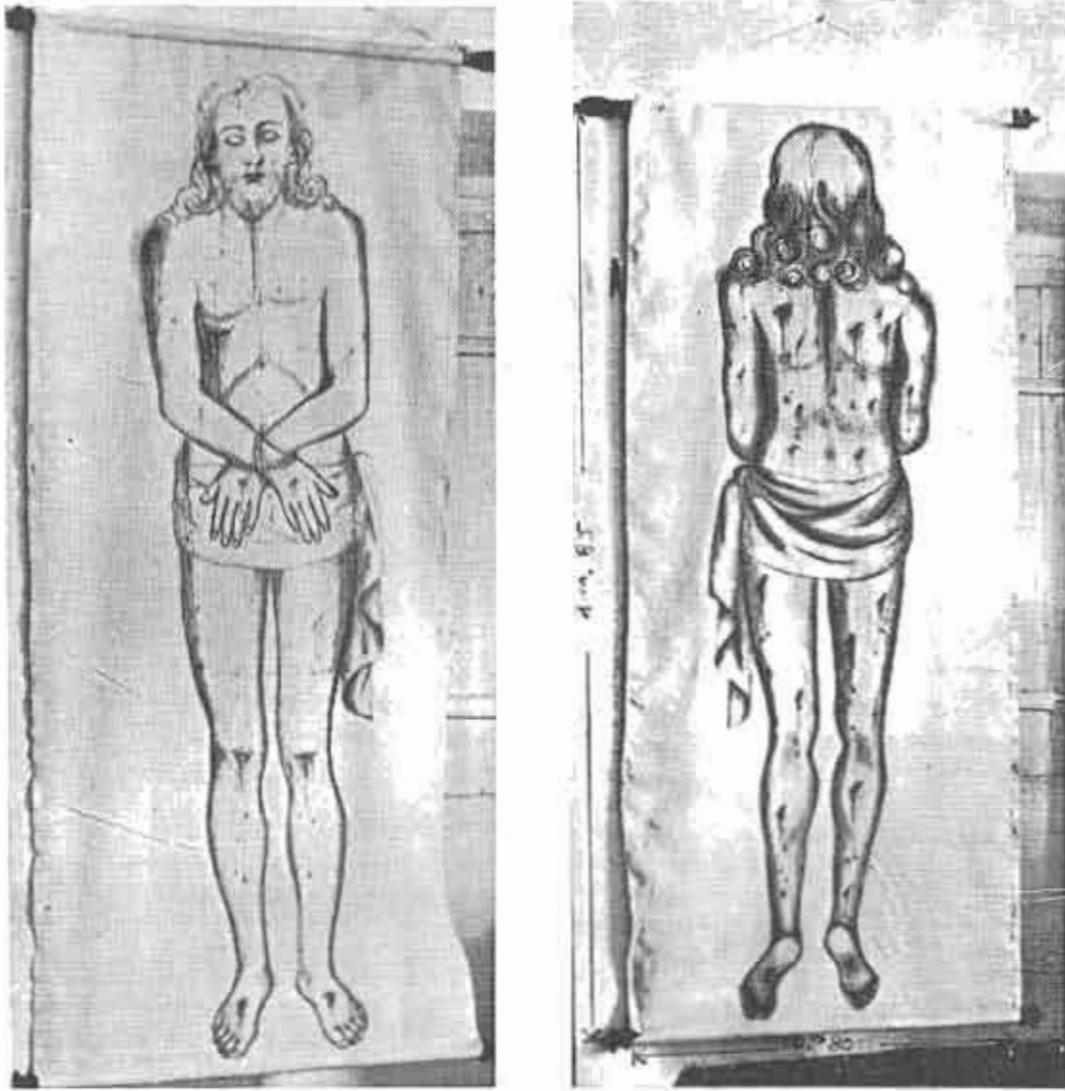


Fig. 7

○ Santo-Sudário (Montalvão) — Semana-Santa

Deus, misericórdia; Virgem Santa, Mãe de Deus e Mãe nossa, alcança-nos de Vosso amado Filho, misericórdias.

O itinerário era o habitual das procissões, descia a Rua da Barca, subia a Rua da Costa, torneava pela Rua Direita para o Poente, cortava pela Travessa do Bruzuneiro, continuava pela Rua de S. Pedro e Rua do Arneiro até atingir a Rua do Arrabalde, que subia, até à igreja da Misericórdia onde recolhia com todos os fiéis que lá coubessem. Por ser pequena esta igreja e conseqüentemente não conter todo o povo de fiéis, mais tarde a procissão passou a recolher na matriz, quase em frente, onde era esperada pela Irmandade do Santíssimo, formada à porta do guarda-vento, com opa e tochas. Quando entrava a Irmandade da Misericórdia unia-se a ela, caminhando pela coxia central até à capela-mor onde permaneciam ambas durante as cerimónias litúrgicas que se seguiam.

Na altura de ser pronunciado o sermão, dois irmãos da Misericórdia escoltavam o pregador até ao púlpito. O sermão era dramático. Em determinada altura o pregador deixava desenrolar o Santo-Sudário e expunha-o ora para a direita ora para a esquerda para que todos os fiéis o vissem bem. O Santo-Sudário é propriedade da Misericórdia, que ainda o conserva. É constituído por uma tira de pano com as dimensões de 0,80 m por 1,85 m, que tem pintado numa das faces o Senhor morto visto de frente e na outra visto de costas, ambas as pinturas a vermelho escarlate. No lado superior, o pau enfiado na bainha prolonga-se num punho onde o pregador o segura e deixa desenrolar pelo peso do pau embainhado no lado interior (Fig. 7).

Terminavam as cerimónias com o sermão. A Irmandade recolhia à Misericórdia, a matraca à frente seguida do provedor empunhando a Vara do Mando, a acompanhar o sacerdote que reconduzia o Crucifixo ao seu lugar de sempre, no Altar-mor. A Irmandade do Santíssimo acompanhava a da Misericórdia até ao guarda-vento da matriz e ali se despediam dando as boas noites até ao dia seguinte.

Cerca da meia noite os fiéis voltavam à matriz para o Terço Cantado. As portas da igreja nessa noite não se cerravam e os sinos não soavam desde o meio-dia de Quinta-feira Santa até Domingo de manhã. Os toques das matinas, meio-dia e trindades eram dados pelo toque da matraca, manejada pelo marido da hospitaleira que, vestido de opa preta, percorria todas as ruas de Montalvão.

Os padres de fora que tomavam parte nas cerimónias religiosas, eram alojados em casa de lavradores.

As cerimónias de Sexta-feira Santa começavam com a Paixão, cantada por três padres, segundo o preceito. Acabada a Paixão rezava-se a Missa dos Pré-santificados, depois do que os irmãos do Santíssimo apagavam as luzes.

Seguia-se a Adoração da Cruz. O Crucifixo grande do altar de S. Francisco, por ser o maior de que a igreja dispunha, era colocado ao centro da capela-mor,



deitado sobre uma colcha de damasco e apoiado numa almofada bordada. Ao lado colocava-se uma bacia de cobre onde os fiéis lançavam as suas esmolas, destinadas aos Lugares Santos. Os sacerdotes, um após outro, iam prostrar-se e beijar a Cruz, o pé da Cruz. Os irmãos do Santíssimo, que assistiam sempre na capela-mor, desciam ao corpo da igreja caminhando pela nave esquerda, fazendo vênias a todos os altares colateral e laterais. Chegados ao guarda-vento dirigiam-se para a nave central que subiam aos pares, ajoelhando por três vezes durante o trajecto até à capela-mor onde se prostavam a beijar o pé da Cruz, lançavam a sua esmola e regressavam aos seus prévios lugares.

Entretanto a Irmandade da Misericórdia, nos seus balandrans negros e o capuz pela cabeça, estacionava a coberto do guarda-vento, com a porta levemente entreaberta para observar o decorrer da cerimónia. Logo que a Irmandade do Santíssimo terminava o seu desfile, a porta era aberta de todo, e também a dois e dois, procediam como os do Santíssimo na adoração, depois do que, descendo pela nave esquerda regressavam à sua própria igreja. A seguir era a vez dos fiéis, cumprindo de forma igual na adoração.

Terminada a cerimónia, a Irmandade do Santíssimo despia as opas vermelhas e eram apagadas todas as tochas, porque acabavam as galas e começava o luto, e assim davam por acabada a sua acção e comparência. Ficava a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês.

Acabados os actos litúrgicos na matriz, a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, ou das Dores, sempre no mais rigoroso silêncio, acompanhava até ao Calvário, na capela do Espírito Santo, o Andor com a imagem de Nossa Senhora das Mercês, levando um dos padres uma cruz com uma toalha. A imagem ficava para a adoração dos fiéis até à noite, aguardando a incorporação na procissão do Enterro do Senhor. Já de noite, dois padres sob o Pálio, um conduzindo um Crucifixo e o outro o Santo-Sudário enrolado, acompanhados por as duas irmandades já referidas, dirigiam-se em absoluto silêncio para o Calvário e atavam com uma fita branca o Santo Sudário às mãos de Nossa Senhora das Mercês.

A procissão do Enterro do Senhor, quando não havia dinheiro para a banda de música, realizava-se dentro da igreja. Quando sala para a rua, com acompanhamento de banda, seguia o itinerário habitual de todas elas, como já foi indicado. Ao cimo da Rua do Cabo juntava-se-lhe, atrás do esquife, o andor de Nossa Senhora das Dores que vinha do Calvário. A abrir a procissão ia a Bandeira da Misericórdia, levada horizontalmente por três irmãos, dois adiante e um atrás, e seguidos por toda a Irmandade. Vinha depois o esquife com o Senhor Morto, a pegar-lhe por turnos estudantes e lavradores, todos sob o Pálio preto com as pessoas mais importantes a pegar às varas. O povo ladeava toda a procissão entoando o Terço com a «Bendita e louvada seja a Sagrada Paixão do amante

Jesuus aos Padre-Nossos e a «Paixão e Morte» às Avé-Marias, e no intervalo entre Terços a imploração «Senhor Deus Misericórdias».

Recolhida a procissão à matriz, era pronunciado o sermão. O padre orador era escoltado até ao púlpito por dois irmãos de Nossa Senhora das Mercês, mas depois da sua extinção em 1907 a cerimónia passou ao cuidado da Irmandade da Misericórdia.

No decorrer do sermão, a certo sinal do pregador, quatro irmãos avançavam com o andor de Nossa Senhora das Mercês e chegavam-no ao púlpito. O pregador desprendia o Santo Sudário atado às mãos da imagem, e, depois do andor ter recuado, desenrolava-o e, ora para a direita ora para a esquerda, expunha-o à vista do povo. Tornava a enrolá-lo, o andor era aproximado de novo e o Santo Sudário atado às mãos da imagem. Com o sermão terminavam as cerimónias na igreja e dado o sinal com a matraca.

No Sábado de Aleluia o repicar festivo dos sinos anunciava a Ressurreição do Senhor. Os garotos, com um chocalho cada um, saíam do adro da igreja onde aguardavam o toque dos sinos, a badalar os chocalhos, com gritos de alegria, a percorrer as ruas em grande ruído. Muitos anos o seu entusiasmo levava-os até à ermida de Nossa Senhora dos Remédios, distante três a quatro quilómetros.

No dia de Sábado de Aleluia os lavradores ofereciam, e ainda hoje oferecem, às pessoas de família e às de amizade que não possuam rebanhos, o anho pascal, o botrego para o jantar do dia de Festa. Aqueles que não recebiam o borrego por oferta, compravam-no e os mais pobres juntavam-se a dois e a três para o adquirirem por compra. Os borregos oferecidos ao pároco eram chamados «aleluias» e dizia-se que o senhor padre tinha recebido tal número de aleluias.

No Domingo de Páscoa, Domingo de Festa, pelas nove horas da manhã, o «tamboreiros», um homem que rufava num tambor, dirigia-se à casa onde estava a Bandeira da primeira Festa a realizar naquele ano, a de S. Silvestre. O Festeiro saía de casa empunhado a Bandeira à vara da qual pegava com a mão envolvida num lenço de seda. Com o tamboreiro à frente a rufar no tambor, seguia para a matriz acompanhado dos festeiros auxiliares e pelo escrivão da Festa.

Recolhida na matriz a Bandeira de S. Silvestre, ia o tamboreiro a casa do Festeiro da segunda festa do ano, a de S. Marcos. Bandeira que recolhia na matriz com o mesmo cerimonial. Do mesmo modo, por ordem cronológica das festas a realizar naquele ano, se juntavam na igreja todas as Bandeiras e respectivos festeiros, para assistirem à Missa.

Depois da Missa organizava-se a procissão. À frente o tamboreiro a tocar no tambor em andamento de procissão. Seguia depois a Cruz da Paróquia, a Cruz do Santíssimo, o Guilho do Santíssimo e a sua Irmandade, as Bandeiras pela ordem em que tinham sido levadas para a igreja e por fim o Pálio do Santíssimo Sacra-

mento cobrindo a Sagrada Custódia. Filas de mulheres, rente às casas, ladeavam a procissão, ao passo que os homens acompanhavam atrás do Pálio.

Percorrido o itinerário do costume, a procissão recolheu à igreja e as Bandeiras com os respectivos festeiros às respectivas casas, seguindo sempre a mesma praxe da ordem cronológica, com o tamboreiro à frente e uma de cada vez.

Cada Festeiro oferecia em sua casa ao seus festeiros auxiliares, pão, linguiça assada e copos de vinho, depois do que se despediam aprazando-se: «Até ao dia da Festa».

Em Póvoa e Meadas, além destas cerimónias da Quaresma, era costume, na noite de Sábado de Aleluia para Domingo de Páscoa, irem cantar à porta da igreja matriz as Alvisaras à Senhora:

Alvisaras ó Senhora
Alvisaras vos quero dar
Vosso Filho já morreu
Tornou a ressuscitar. (bis)

Já tomaram a Aleluia
Do sacrário do convento
Dizem todos Aleluia
Santíssimo Sacramento, (bis)

Já apareceu a Aleluia
Bem no haja quem a achou
Foi o senhor padre cura
Que do Sacrário a tirou. (bis)

A roseira do Sacrário
Tem a raiz na Tribuna
Dá rosas a quem as quer
Quem me dera de lá uma, (bis)

Aleluta, Aleluia,
Aleluia outra vez
Com este nosso cantar
Se alegrou a Mãe de Deus, (bis)

Nessa Senhora da Graça
Está virada para a porta
Está a ver se vê entrar
Alguma sua devota, (bis)

Nossa Senhora das Dores
Está virada para a rua
Está a ver se vê entrar
Alguma devota sua. (bis)

Nossa Senhora da Graça
Está virada para as portas
Está a ouvir as alvianças
Que cantam as suas devotas. (bis)

Acorde senhor prior
Vá tirar a Ressurreição
A Senhora está preparada
Para ir na procissão (bis)

Acorde senhor padre cura
Que a igreja já é sua
Vimos dar-lhe as Boas-Festas
Alelula, Alelula. (bis)

Viva o senhor padre cura
Que é homem de talento
Digam com ele Alelula
Santíssimo Sacramento (bis)

Os olhos do padre cura
E mais do tesoureiro
São duas tochas acesas
Que alumiam o Cordeiro. (bis)

AS XÁCOLAS

Como já referimos, durante a Quaresma não se deviam cantar as cantigas populares, impróprias do período. Em seu lugar estavam as Xácolas (corruptela de Xácaras?). Este costume perdurou mais em Póvoa e Meadas, onde conseguimos registar as que se seguem, das quais muito poucas eram lembradas pelas pessoas de Montalvão.

A grande maioria das Xácolas provém de romances medievais, muitos importados do Romanceliro espanhol. A chegada a estas povoações seria por duas vias,

Para melhor caber nela
Pôs um pé sobre o outro
E naquele tempo chegou
Sua Mãe Maria Santíssima.

O meu Filho, ó meu Filho
Quem te tratou de tal sorte,
Se pobremente nasceste
Pobremente estás à morte.

Peço-Vos ó Mãe Santíssima
Que se vá daí embora
Quero fazer testamento
Dos meus queridos bens agora.

Meu Corpo deixo à Igreja
Minha Alma ao Padre Eterno
A S. Pedro deixo as chaves
Para que no Céu governe.

A S. Miguel as balanças
Para que as almas pese
Quem mais pecados tiver
Não terá entrada no Céu.

A S. Gregório deixo o Cálix
Foi quem pediu primeiro
Para apagar o meu Sangue
Quando cair do madeiro

A S. João o deserto
E nele faça penitência

.....
.....

Estas cinco petições
Meu Deus, eu vo-las entrego
Para que à hora da minha morte
Me tenhas o Céu aberto.

Ainda Vos peço mais
Pelos cravos dessa Cruz
Que nos dês a salvação
Para sempre, Amem Jesus.

XACOLA DA VIRGEM DA LAPA

Ve-nho da Vir-gem da La-pa mais va-len-
te que can-sa-da o-ra va-lha-me Deus mais a
Vir-gem sa-gra-da.

Venho da Virgem da Lapa
Mais valente que cansada
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Venho de ver a pastorinha
Que lá ficava sentada
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Ao seu marido disseram
Que ela andava namorada
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Com sacerdote de Missa
E era Missa cantada
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Confessa-te mulher minha
Que hoje te tiro a vira
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Era a velhaca da vizinha
Era quem o influa
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Quer me mates quer me deixes
Essa conta eu fazia
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Peço, se me matares
Que me enterres na Ermida

Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Lá em cima ao altar-mor
Aos pés da Virgem Maria
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
De aí a uns oito dias
Um lindo cantar se ouvia
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Foram ver à sepultura
Era a menina que nascia
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
S. João a baptizava
A Virgem era madrinha
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Quem a tinha nos braços
Era Santa Catarina
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Aqui tens marido meu
A devoção que eu trazia
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada
Aqui tens marido meu
Na cegueira em que eu andava
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada

XACOLA DE TUNILHAS

The musical score is written on three staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one sharp (F#). The melody consists of eighth and quarter notes. The lyrics are: "Vin--do pe-----la rua a---baix---xo Indo pe-". The second staff continues the melody with lyrics: "la outra a- ci-ma Oh! tão linda In--do pe-". The third staff concludes the piece with lyrics: "la outra a--xi-----ma" and ends with a double bar line and repeat dots. A small "fin" marking is placed above the final note of the third staff.

Vindo pela rua abaixo
Indo pela outra acima
Vi estar uma menina
Muito linda à maravilha
Lá por essa noite adiante
Cavalheiro à porta batia
Oh! Quem bate à minha porta
Que esta noite me temia?
Não procuro por D. Ana
Procuro só por sua filha.
Minha filha não está cá
Foi dormir com a tia.
Ela não aguardou mais resposta
A escada acima subia.
Já corri a casa toda
Tunilhas não aparecia.
Só lhe faltava a salinha
Que era onde ela dormia.
Assim que ela o ouviu
Ela logo lhe dizia:
Tende, cavalheiro
Quero vestir a anagoinha
Aonde quer que me levardes
Quero ir preparadinha,
A mãe veio à janela
A dar conselho à filha,
O filha faz pela honra
Nem que ela te custe a vida.
O mãe faça pela sua
Que a minha já vai perdida,

Lá para o meio do caminho
De amores a acometia
Ela como estava forte
Sempre disse que não queria.
Para me desonrares
Antes morrer eu queria,
Quando foi à madrugada
Cavalheiro à porta batia.
Ó D. Ana, Ó D. Ana
Aqui tens a tua filha,
Honrada e fortunosa,
Mas a ela custou-lhe a vida,
Um raio do Céu viera
Que na terra não havia
Que matara aquele maroto
Que matou a minha filha.

XÁCOLA DO POBREZINHO
(Montalvão)

The image shows three staves of musical notation in 6/8 time. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is written on a single line. Below the notes, the lyrics are: "vin-do o la-vra-dor da lavra Ó meu Je-sus a ca-". The second staff continues the melody and lyrics: "va-lo no seu car-rinho a ca-va-lo no seu car-rinho, Fim". The third staff shows the end of the piece with a double bar line.

Esta Xácola provém dos novelescos asturianos, com o nome de El labrador y el pobre.

Vindo um lavrador do campo
Ó bom Jesus,
Encontrou um pobrezinho
Encontrou um pobrezinho,
O pobre lhe disse,
Ó meu Jesus,
Leve-me no seu carrinho
Leve-me no seu carrinho,
O lavrador se desceu,
Ó meu Jesus,
A amontar o pobrezinho
A amontar o pobrezinho,
Levou-o para sua casa,
Ó meu Jesus,
Para o melhor quarto que tinha,
Para o melhor quarto que tinha,
Mandou fazer-lhe a ceia,
Ó meu Jesus,
Dos melhores manjares que tinha
Dos melhores manjares que tinha,
Mas quando foram para comer,
Ó meu Jesus,
O pobrezinho não comia
O pobrezinho não comia,
Mas quando foram para rezar,
Ó meu Jesus,
Que lindo rezar tinha

Que lindo rezar tinha,
Mandou fazer-lhe a cama
Ó meu Jesus,
Das melhores roupas que tinha
Das melhores roupas que tinha,
Lá por essa noite adiante,
Ó meu Jesus,
O pobrezinho gemia
O pobrezinho gemia,
Levantou-se o lavrador,
Ó meu Jesus,
A ver o que o pobre tinha
A ver o que o pobre tinha,
Achou-O crucificado,
Ó meu Jesus,
Numa cruz de prata fina
Numa cruz de prata fina,
Ó meus Deus, quem tal diria!
Ó meu Jesus!

XACOLA DA DELGADINHA
(Do Romancero espanhol, andaluz, La delgadilla)

The image shows two staves of musical notation in G major and 2/4 time. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). The melody is written in a single line. Below the first staff, the lyrics are: "ti Inat um dia jan... tar meu pai muito me mi... ra... ra Que me". The second staff continues the melody. Below it, the lyrics are: "mi... ra Senhor pai es... ta mi... nha fei... a ca ra".

Estando um dia a jantar
Meu pai muito me mirava.
Que me mira. Senhor pai
Esta minha feia cara?
Miro-te que és minha filha
E hás-de ser minha namorada
Não permita Deus do Céu
Nem pela Virgem Sagrada
Que eu seja sua filha
E também sua namorada.
Alto, alto, meus criados
Vão-me prender a Delgada,
Dêem-lhe pão por ração
Carne de porco salgada
E para mais eis se mirrar
Não lhe dêem gota de água,
Foi-se dali Delgadinha
Muito triste e desconsolada.
Mas dali a alguns dias
Aquele sala tornava,
Viu estarem as suas manas
Cosendo numa almofada.
Ó irmãs, ó irmãs,
Irmãs da minha alma,
Pelo amor de Deus vos peço
E mais pela Virgem Sagrada
Que a sede, que não a fome,
Que me deis um jarro de água,
Como t'a daremos nós
Irmã da nossa alma,
Se o ladrão do nosso pai
Água nos tem quitada?
Foi-se dali Delgadinha
Muito triste e desconsolada

Dai a mais algum tempo
A mesma sala tornava.
Viu estar os seus irmãos
Com bolas de ouro jogavam.
Ó irmãos, ó irmãos,
Irmãos da minha alma.
Pelo amor de Deus vos peço
Mais pela Virgem Sagrada
Que a sede, que não a fome
Que me deis um jarro de água,
Como t'a daremos nós
Irmã da nossa alma,
Se o ladrão do nosso pai
Água nos tem quitada?
Foi-se dali Delgadinha
Muito triste e desconsolada.
Dai a mais uns dias
A mesma sala tornava,
Viu estar sua mãe
Em roca de ouro fiava
Ó mim madre, ó mim madre,
Mim madre da minha alma,
Pelo amor de Deus lhe peço
Mais pela Virgem Sagrada
Que a sede, que não a fome
Que me deis um jarro de água,
Vai-te daqui Delgadinha
Delgadinha mal fadada,
De sete para oito anos
De mim faves mal casada.
Foi-se dali Delgadinha
Muito triste e desconsolada.
Dai a uns oito dias
A mesma sala tornava,

Viu estar seu pai rei
Com cartas de ouro jogava,
O mim padre, o mim padre,
Pelo amor de Deus lhe peço
Mais pela Virgem Sagrada
Que a sede que não a fome
Que me deis um jarro de água,
Val daí Delgadinha
Deu-ta com uma condição
De seres minha namorada,
E de me dares a tua mão,
De mim faça o que quiser
Já me não importa nada.
Alto, alto, meus criados
Vão-me soltar a Delgadinha

Delem-lhe boa comida
Água da mais apurada.
Mas a boa Delgadinha
Nada disso precisava.
Nos braços de Jesus Cristo
Que grande exemplo dava.
A cama da Delgadinha
De anjos estava cercada
E a cabeceira da cama
Uma fonte de água clara.
A cama de seu pai rei,
De fogo estava cercada
E os mosquitos eram tantos
A roer a sua alma.

XACOLA DO SOLDADINHO

(Do Romanceliro espanhol; Romance del amor y la muerte)

O que tens ó sol...da...dinho que an...das tão triste na guerra Lem-
bra-te pai ou mãe... e ou al...guém da tu...a terra.

O que tens tu, ó soldadinho
Que andas tão triste na guerra?
Lembra-te pai ou mãe,
Ou alguém da tua terra?
Não me lembra pai ou mãe
Nem ninguém da minha terra,
Só me lembra a minha amada
Que é uma linda donzela,
Sete anos te darei
Para ir casar com ela,
Depois desses sete anos
Torna outra vez à guerra.
Onde vais soldadinho
Que te encontro agora aqui?
Vou ver a minha amada
Que há anos a não vi,
Tua amada já é morta,
É morta que eu bem a vi.

Dá-me os sinais que levava
Para eu me fiar de ti,
Levava meia de seda
Vestido de carmesim
E o caixão onde ela ia
Era de pau de anequil.
A gente que a acompanhava
Não tinha conto nem fim
Os padres que ela levava
Eram vinte ou coisa assim
Onde se foi a enterrar
No centro do seu jardim.
A enxada era de prata
E o cabo era de marfim.
Ai de mim, triste soldado
Que não passo com a mágoa,
Volto de novo à guerra
Com o coração feito em água.

XACOLA DE D. CARLOS DE GRENA

MUITO MODERADO

A - pos - te meu pai a - pos - te E qual - ra bem a - pos -
ta ... r Ou'hei-de dormir com Mariana Antes do ga-lo can -
ta ... r FIM

Aposte, meu pai, aposte
E queira bem apostar
Que hei-de dormir com Mariana
Antes do galo cantar.
Não apostes ó meu filho
Nem te deites a apostar
Que Mariana é muito fina
Não se deixa enganar,
No outro dia pela manhã
A minha porta a passear.
Que tecedeira é aquela
Que à mim porta passear?
Sou tecedeira, Senhora,
Daqueles lados do mar.
Tenho uma tela urdida
As faltas venho buscar,
Suba para cima donzela
Em mim casa descansar,
Que mim madre foi à missa
Pouco se há-de demorar
Isto é tarde, Senhora,
E eu quero-me retirar,
Suba para cima, ó donzela,
Em mim casa almoçar,
Isto é tarde, Senhora,
E eu quero-me retirar,
Sua madre já demora
E a noite está a chegar,
Perto de dezolito léguas
Ainda hoje tenho de andar.
Suba para cima, ó donzela

Em mim casa dormirá,
A Senhora tem criados
De mim hão-de roubar,
A minha casa tem quartos
Eu os mandarei fechar.
Lá por essa noite fora,
Mariana suspirava,
Não te assustes Mariana
Não te queiras assustar,
Tu és moça e eu sou moço
Ambos havemos de casar,
O Conde, como era Conde,
As Cortes se foi gabar
Que dormiu com uma menina
A mais linda de Portugal.
Disseram os outros Condes,
Quem seria quem será
Mariana é tão discreta
Não se deixava enganar.
Sua tia estava ouvindo,
Logo se pôs a chorar.
Hoje te juntam a lenha
Amanhã te vão queimar,
Não se me dá cometê-lo
Nem que me mande queimar
Só se me dá do meu ventre
Que tem sangue real.
Há por aí algum criado
Que meu pão queira ganhar?
Oh! Que criado tão belo
E tão perfeito no falar.

Vá-me levar esta carta
A D. Carlos de Grená,
Se ele andar passeando
Vá logo a entregar,
E se ele estiver jantando
Ponha-se à porta a aguardar,
Mas o Anjo, como era Anjo,
A marê soube aguardar.
Ele andava passeando
Foi logo lá entregar,
Ele começou a ler
E começou a chorar.
Minha esposa Mariana
Que m'a querem queimar.
Alto, alto meus criados
Cavalos me vão ferrar
Com ferraduras de bronze
Que de ferro hão-de quebrar,
Perto de dezolto léguas
Ainda hoje temos de andar,
Montaram-se nos cavalos
A correr e a saltar.
Foram ter a um convento
Aonde eles tinham de passar,
Dal-me cá essa menina
Que vós vandes a matar
Agora que aqui chegásteis
Eu quero-a confessar.
Confesse-a lá senhor
Que nós vamos a jantar.

E o jantar é de peixes
Ainda há-de demorar,
Ao primeiro mandamento
Um beijo lhe ia dar,
Não permita Deus do Céu
Nem os Santos do altar,
Rosto que um conde beijou
Não há-de um frade beijar.
Ao segundo mandamento
Um abraço lhe ia dar
Não permita Deus do Céu
Nem os Santos do altar,
Corpo que um Conde abraçou
Não há-de um frade beijar,
Ao terceiro mandamento
A mão lhe ia a apertar,
Não permita Deus do Céu
Nem os Santos do altar
Ele começou-se a rir
E ela a desconflar,
Cá me parece pelo rir
E também pelo falar
Agora não me engano
Que é D. Carlos de Grená,
Pois sou eu minha menina
Que á venho aqui buscar,
Montaram-se a galope
A galope a caminhar,
Diga agora á sua tia
Que a venha aqui queimar.

XÁCOLA DA GUERRA DE ARAGÃO
(La nina guertera)



Grandes guerras se apregoam
Lá nos campos de Aragão
Ai de mim que já estou velho
Não as posso vencer, não
De três filhas que aí tenho
Sem nenhuma ser varão,
Responde a mais-nova
Em lugar da mais velha,
Cale-se, ó pai da minha alma
Que eu lhe vou vencer a guerra.
Tendes o cabelo mui belo
Filha, a conhecer-vos vão,
Os meus cabelos, senhor pai
Lindo remédio terão,
Dê-me cá uma tesoura
Verá cal-los no chão.
Tendes os olhos mui lindos
Filha, a conhecer-vos vão,
Lindo remédio terão,
Os meus olhos, senhor pai,
Quando passar pelos homens
Pregá-los-ei no chão
Tendes os peitos mui belos
Filha, a conhecer-vos vão,
Os meus peitos, senhor pai,
Lindo remédio terão,
Dê-me armas carregadas
Que elas se abaxarão.
Tendes as mãos muito bem feitas

Filha, a conhecer-vos vão,
As minhas mãos, senhor pai,
Lindo remédio terão,
Meterão-se numas luvas
Nunca de lá sairão,
Tendes os pés pequeninos
Filha, a conhecer-vos vão,
Os meus pés, senhor pai,
Lindo remédio terão,
Meterão-se numas botas,
Nunca de lá sairão,
Tendes andar miúdo
Filha, a conhecer-vos vão,
O meu andar, senhor pai,
Lindo remédio terá,
Quando passar pelos homens
Terei andar de dragão
O meu padre, ó mim madre,
Eu por amores me morro
Os olhos de D. Marquês
São de mulher, que não de homem
Levai-o vós, ó meu filho
Levai-o convosco a jantar,
Põe-lhe cadeiras altas
E baixas no mesmo lugar,
Se ele mulher for
Ele se há-de acobardar,
Há-de passar pelas alturas
As baixas se há-de ir sentar

D. Marquês como era discreto
Não deixou de suspeitar,
Passou pelas cadeiras baixas
Nas altas se foi sentar,
O meu padre, ó mim madre
Eu por amores me morro
Os olhos de D. Marquês
São de mulher, que não de hombre,
Levai-o vós, ó meu filho
Levai-o a uma feira,
Pontai-lhe espadas de ouro
Brinco da mesma maneira
Que se ele mulher for
Ele se há-de acobardar,
Há-de passar pelas espadas
Aos brinco irá parar.
D. Marquês, como era discreto
Não deixou de suspeitar,
Oh! que belos trincos de ouro
Para nas moças brilhar,
Oh! que belas espadas de ouro
Para na guerra lutar,
O meu padre, ó mim madre
Eu por amores me morro,
Os olhos de D. Marquês
São de mulher, que não de hombre,
Levai-o vós, ó meu filho,
Levai-o convosco a dormir,
Se ele mulher for
Ela se há-de afligir.
D. Marquês, como era discreto,
Não deixou de suspeitar,
Deu um nó em sua ceroula
Não o pode desatar.

O meu padre, ó mim madre,
Eu por amores me morro,
Os olhos de D. Marquês
São de mulher, que não de hombre,
Levai-o vós, ó meu filho,
Levai-o convosco a nadar,
Que se ele mulher for
Ela se há-de acobardar,
D. Marquês como era discreto
Não deixou de suspeitar,
Tendo já um pé descalço
Outro para ir a descalçar
Meteu a mão ao bolso
Deitou papéis ao ar,
Novas me trazem, senhor
Novas me estão a chegar
Que já tenho meu pai morto
Minha mãe está a acabar,
Há por aí um cavalheiro
Que me queira acompanhar?
Pois sou eu minha menina
Que a quero acompanhar,
Montaram-se a galope,
A galope a caminhar
Chegaram ao seu palácio
Mesmo a horas de jantar,
Sete anos andei na guerra,
Em guerra de Aragão
Sem ninguém me conhecer,
Só o filho de um capitão,
Dê-me cá uma almofada
Que hei-de ver se sei coser
Sete anos andei em guerra
Sem ninguém me conhecer.

XACOLA DO CONDE DE ALARDO
(Conde de Alarcos)

Muito triste an...da a prin ce...sa Muito triste á
ma...ra...vi...lha De seu pai a não ca...sa...ra...
com o rapaz que e...la queria. Já cor...

Muito triste anda a princesa
Muito triste á maravilha
De seu pai a não casar
Com o rapaz que ela queria
Já corri o meu reinado
Não achei quem te pretendia
Senão o Conde de Alardo
Que filhos e mulher tinha
Esse mesmo é que eu quero
Esse mesmo é que eu queria
Mande-mo aqui chamar
Que venha jantar um dia
Lá para o melo do jantar
Ele lhe procuraria
O que quer Vossa Alteza
Vossa Real Senhora
Quero que mates a Condessa
Para casar com minha filha
Isso não farei eu
Que ela morte não merecia
Mandarei-a ao seu pai
Que ela lá lugar teria
Não quero isso, Conde de Alardo
Não quero isso, vida minha
Quero que mates a Condessa
Para casares com minha filha.

Meterei-a num convento
Daqueles lados do mar
Que nem as aves de pena
Neia iriam dar.
Não quero isso, Conde de Alardo
Não quero isso, vida minha
Quero que mates a Condessa
Para casares com a minha filha.
Meterei-a num convento
Nunca de lá sairia
Lá estivera sempre, sempre,
Toda a noite e todo o dia,
Não quero isso, Conde de Alardo
Não quero isso, vida minha
Só quero que mates a Condessa
Para casares com a minha filha
E que me mandes a cabeça
Numa formosa bacia
Coberta com uma toalha
Das mais finas que ela tinha.
E não m'a troques por outra
Que eu muito bem a conhecia
Pelo sinal que ela tem
Do lado da escrevania.
Foi-se dali o Conde de Alardo
Muito triste á maravilha.

Conta-me lá as tristezas
Que eu te conto as alegrias
Como las hei-de eu contar
Se elas contra ti seriam?
Manda o nosso Rei matar-te
Para casar com sua filha.
Meterás-me num convento
Nunca de lá sairia
Lá estivera sempre, sempre
Toda a noite e todo o dia,
Tudo isso eu já lhe disse
E ele nada de isso queria,
Meterás-me num convento
Daqueles tado do mar
Que nem as aves de penas
Em mim iriam dar
Tudo isso eu já lhe disse
E ele nada disso queria,
Quer que te mande matar
Para casar com a sua filha,
E que lhe leve a cabeça
Numa formosa bacia,
Coberta com uma toalha
Das mais finas que tu tinhas
E que não te troque por outra
Que ele muito bem te conhece
Pelo sinal que tu tens
Do lado da escrevania,
Mama filho, mama filho

Este leite amargurado
Que amanhã por esta hora
Meu corpo está sepultado,
Mama filho, mama filho
Este leite de amargura
Que amanhã por esta hora
Estarei na sepultura
Anda cá, filho mais velho
Que te quero ensinar
Quando passares pela infantia
Como tu lhe há-de falar,
O joelhinho em terra
O chapêuzinho na mão,
Dê-me cá a sua bênção
Minha mãe do coração .
Estando naquelas razões
As campanas reteniam.
Desce lá abaixo, ó preto
Vai ver quem morreria,
Que espere mais um bocadinho
Que eu lhe farei companhia.
Abra-me as portas, Senhora,
Abra-m'as com alegria,
Já morreu o nosso Rei
Que tanto mal vos queria,
Abro-t'as portas, ó preto,
Abro-t'as com alegria,
Já morreu o nosso Rei
E a infantia sua filha.

XÁCOLA DO CEGO



Oh! Abrem-se as portas
Fecham-se as postigos
Dê-me cá um lenço
Que eu já venho ferido.
Pois se vem ferido
Venha muito embora
Que as minhas portinhãs
Não se abrem agora.
Minha mãe acorde
Se está a dormir
Venha ouvir o cego
Cantar e pedir.
Se ele pede pão
Dá-lhe pão e vinho,
Eu não quero pão
Nem tampouco o vinho,
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
Ela não quer pão
Nem tampouco o vinho
Quer só que eu
Lhe ensine o caminho.
Pega já na roca
E também no linho
Vai com o triste cego
Ensinar-lhe o caminho.
Nem pego na roca
Nem pego no linho
Nem vou com o cego
Ensinar-lhe o caminho.

Vai ó minha filha,
Sejas bem mandada
Vai com o triste cego
Ensinar a estrada.
Já pego na roca
Já pego no linho
Vou com o triste cego
Por esse caminho.
Vai adiante, cego,
Que aí vai a estrada.
Sou curto de vista
Não enxergo nada
Quero que a menina
Venha mais além.
Sou curto de vista
E não vejo bem.
Aí de mim perdida
Da minha morada,
Também já estou cega,
Já não vejo nada.
Adeus aos meus ares
Adeus minha terra,
Adeus minha mãe
Tão falsa me era
Adeus ó meu pai
Meu amor primeiro,
Adeus lindas flores
Do meu jardineiro.

XACOLA DO CONDE DE ARAMENHA



Todos falavam na Corte
Uns para os outros diziam
Mal o hajam as mulheres
Nas que os homens se fixam
Mas não sabia El-rei
Nem Condes, ninguém sabia,
Só sabia Juliana
Juliana sua filha,
Só te peço Juliana
Que me queiras encobrir
Que o Senhor Conde de Aramenha
De ouro te há-de cobrir,
Não quero vestidos de ouro
Que eu já os tenho de damasco,
Ainda tenho o meu pai vivo
E já me quer dar padrasto,
Estando naquelas razões
Seu pai à porta batia,
Que é isso, Juliana,
Que é isso, filha minha?
Não é nada, senhor pai,
São razões de mãe com a filha

Não é isso, Juliana,
Não é isso que eu ouvia,
Era o Conde de Aramenha
Que comigo brincar queria,
Tu és moça e ele é moço,
Tudo é por zombaria,
Mal o haja o seu brincar
Mais a sua zombaria,
Agerrou'-me pelo braço
A cama me levar queria,
Não me queiras mais dizer
Não me queiras mais contar,
Deixa vir a manhã clara
Que o mandarei matar.
Mal o hajas, Juliana,
Mais o leite que mamaste
Era um Conde tão lindo
E a morte lhe causaste.
Não me faça mais dizer
Não me faça mais falar
Que a morte que o Conde teve
Não lhe faça eu tomar.

XACOLA DE D. LUIS

A mulher de D. Luis
Anda muito em segredo
A volta do seu Jardim
Penteando o seu cabelo
Pente de ouro na mão
Seu cabelo penteava.
Deitou os olhos ao largo
Vi despedir uma armada,
Capitão que nela vinha
Trazia-a muito bem guiada
Chegara-se ao seu jardim
Pedra-lhe um púcaro de água.

Um lindo amor que eu tinha
Não m'o viu lá nessa armada?
Não o vi nem o conheço
Nem sei que sinais levava.
Levava cavalo branco
E a sela toda dourada
Na ponta da sua espada
Um Cristo de ouro levava,
Pelos sinais que me dá
Lá o vi morrer na armada
Ao pé de uma junquelrinha
Mil estocadas lhe davam

Ai de mim triste viúva
Ai de mim triste coitada.
Um lindo amor que eu tinha
Lá me ficou nessa armada.
Mas o que dera a Senhora
A quem lho trouxera aqui?
Darei ouro, darei prata,
Será mais rico qu'a mim
A sua prata, Senhora,
Não pretendo para mim,
Que eu sou capitão de armada
Amanhã me vou daqui.
Mas o que dera a Senhora
a quem lho trouxera aqui?
De três cavalos que tenho
Daria-lhe o mais gentil,
Os seus cavalos, Senhora
Não pretendo para mim
Eu sou capitão de armada
Amanhã me vou daqui,
Mas o que dera, Senhora
A quem lho trouxera aqui?
De três moínhos que tenho
Daria-lhe o mais gentil,
Um moe cravo e canela

Outro moe o argelim
Outro moe farinha bela
Para o Rei mais para mim,
Os seus moínhos, Senhora
Não pretendo para mim
Que eu sou capitão de armada
Amanhã me vou daqui,
Mas o que dera, Senhora
A quem lho trouxera aqui?
Das três filhas que tenho
Daria-lhe a mais gentil,
Deixe estar as suas filhas
Que elas são de mim,
Se ele meu marido for
Eu o quero receber,
Eu vou chamar o meu pai,
Que o venha a conhecer.
Se meu marido não for
Verá o que lhe há-de acontecer.
Lembre-se lá, ó Senhora,
Que se deve lembrar,
Um anel que nós partimos
Numa noite de Natal,
Mostre-me a sua metade
Que a minha ainda aqui está.

XACOLA DE FREI JOÃO

Levantou-se o Frei João
Numa manhã de nevada
Apertando o seu colete
Tocando numa guitarra,
Chega á porta de um mancebo,
Por Aninhas procurava.
— Abre-me a porta ó Aninhas
Abre-m'a per tua alma,
— Não te posso abrir a porta
Frei da minha alma,
Tenho o meu filho nos braços
E meu marido no jado.
— Para quem falas, mulher minha,
Para quem dás as tuas falas?
— Dou-as para a mulher do forno
Que procurava se amassava.
Se amassasse pão quenteio
Que lhe deitasse pouca água,
— Levanta-te ó meu marido

Vai fazer uma caçada.
Vai agarrar uma lebre
Para uma desujada,
Que não há melhor coelho
Que o coelho da madrugada,
— Levanta-te ó mulher minha
A alinhar a nessa casa.
Manda criados ao mato
Manda criados á água,
Para mais descanso teu
Eu te vou varrer a casa.
— Levanta-te ó meu marido,
Vai fazer uma caçada,
Que não há melhor coelho
Que o coelho da madrugada.
Assim que ele abelou
Ela toda se enfeitava.
Pôs logo o seu manto de curu,
Não corria mas saltava.

Calçou chinelas de prata,
A calçada alumitava,
Frei João mal a viu,
Não corria mas saltava,
Mandou pôr a mesa
E muito bem preparada
Ofereceu-lhe vinho fino
Que era do que ela mais gostava,
— Val-te para tua casa
Aninhas da minha alma,
Não venha o teu marido
E encontre a porta fechada,
— Meu marido não está lá
Foi fazer uma caçada,
Foi agarrar uma lebre

Para uma desejada,
Quando da porta saiu
Seu marido encontrava
— Onde vindes, mulher minha
Que vindes tão preparada?
— Venho de ouvir Missa-Nova
Que Frei João a cantava,
— Onde foi a Missa dita
Que foi tanto à calçada?
— Foi em casa da vizinha
E foi de porta fechada,
— Toma lá uma facada
No lado do coração,
Para não ir dormir a sesta
Nos braços de Frei João.

XÁCOLA DA POMBA SEM FEL

Era uma pomba sem fel
Que vivia só com a mãe,
Mas esta não queria
Que ela amores tivesse.
Mas ela tinha-os às escondidas
Sem que sua mãe soubesse,
Ali andaram nove meses
Sem haver maior novidade,
Mas no fim dos nove meses
Deu-lhe Deus uma enfermidade,
Era grande a enfermidade
E chamava-se febre amarela,
Chamou a mãe à cabeceira
Chamou-a com grande dor,
— Não posso dar a minha alma a Deus
Sem me despedir do meu amor,
A mãe como de nada sabia
Procurou como ele se chamava
E ela tudo lhe disse,
Até a rua onde ele morava,
Mandou uma criada a casa,
Tudo isso no mesmo dia,
Venha ver a sua amada
Que está na última agonia,
Ele de nada sabia
E assovacado ficou,
Desceu pela escada abaixo
A criada acompanhou.

Assim que à sua rua chegou
As janelas viu fechadas,
O seu coração lhe disse
Já morreu a minha amada.
Subiu pela escada acima
No quarto dela entrou
Ele viu-a em tal estado
Muitas lágrimas chorou,
— Mandaste-me chamar,
Que me queres, pomba sem fel?
— Quero que acompanhes o meu corpo
Da cama ao cenitério.
Dá-me tu cá um beijinho
Desse teu rosto sincero
Dá-me tu cá um abraço
Antes que me coma a terra,
Assim que estas palavras disse
Virou-se para a parede e morreu.
Meus senhores se queriam ver
Dois corações aflitos,
Era o dele e da mãe dela
Em altas vozes aos gritos:
— Ó morte, tirana morte,
Olha o roubo que fizeste
Levaste a minha amada
Para a sombra do acipreste.

XACOLA DE SANTA HELENA MILAGROSA

Estando eu cosendo na minha almofada
Minha agulha de ouro meu dedal de prata
Veio um passageiro pedindo pousada,
Se meu pai lha der está muito bem dada,
Mas deu-lha minha mãe, de quem ele não gostava,
Deu-lhe pão e vinho, do que ele gostava,
Não quero o seu pão nem quero o seu vinho
Quero que sua filha me ensine o caminho.
— Pega já na roca, pega já no linho,
Vai com o triste cego ensinar-lhe o caminho.
— Não pego na roca nem pego no linho
Não vou com o cego ensinar-lhe o caminho
— Vai ó minha filha, seja bem mandada
Vai com o triste cego ensinar-lhe a estrada.
Quebrou-se-me a roca e acabou-se o linho
Vem triste cego que aí vai o caminho,
Adeus ó meu monte, adeus ó minha terra
Adeus minha mãe que tão falsa me eras.
Adeus minha terra, adeus ó meu monte,
Adeus minha mãe que tão falsa me foste.
Para ali a matou, para ali a deixou.
Coberta de mato para ali ficou,
No fim de sete anos ele por ali passou,
Que capela é aquela que ali está formada?
É a de Santa Helena que morreu degolada.
Morreu degolada e quem a degolou?
Foi um passageiro que por ali passou.
Perdoai-me ó Helena, amores primeiros,
Não te perdoe, lobo carniceiro
Que me degolaste como a um carneiro,
Perdoai-me ó Helena, que serás teuromeiro,
Veste-te de azul e vai para o deserto,
Se Deus te perdoar, perdoar-te eu quero.

XÁCOLA DA MULHER FALSA

Estando eu na minha cama
No melhor do meu dormir
Quando a porta me bateram,
Quem será, quem seria?
Se é D. Bernardo Francês
Minha porta se vai abrir
Se é outro cavalheiro
Tire-se já de aí.
Seu D. Bernardo Francês
Tua porta me venham abrir,
Ao descer da sua escada
Apagou-se-lhe o candil
Ao abrir da sua porta
Deu-lhe um desmalo e calu.
O marido como manda
Para a sua cama a levou
Com o amor que lhe tinha
De fato a abafou,
Lá por essa noite adiante
Quando ela entrou em aí:
— O que tens Bernardo Francês
O que tens já para aí?
Meia noite é já dada
E tu sem te virares para mim.
Se tens medo às minhas vizinhas
Elas não vêm aqui,
Se tens medo às minhas cunhadas
É lugar a que elas não vêm,
Se tens medo ao meu marido,
Longe terra está de aqui,
Balas lhe passem o coração,
Mã nova me venha a mim.
— Não tenho medo às tuas vizinhas
Que elas vizinhas são de mim.
Não tenho medo às tuas cunhadas
Que elas irmãs são de mim
E não tenho medo ao teu marido
Que o tens ao pé de ti,
— Pois se ele é o meu marido
Eu lhe quero mais que a mim.
— Cala-te falsa traidora
Que amanhã te darei o fim,
Ele assim que a matou

Pôs-se logo a caminhar,
Lá para o meio do caminho
Encontrou Bernardo Francês,
— Onde vais Bernardo Francês,
Onde vais tu já para aí?
— Vou ver a minha Aninha,
Há dias que a não vejo.
— Tua Aninha já é morta
É morta que eu bem a vi,
— Dá-me os sinais que ela levava
Para eu me fiar em ti,
— Os sinais que ela levava
Eu t'os dou agora a ti,
Levava saia de malha
Oleslem (ou oleshem?) de carmezim
Coleiras eram facadas
Só ela o causou assim.
Sete condes a levaram
Cavaleiros mais de mil
Isto do povo miúdo
Não tinha cabo nem fim,
A enxada era de prata
O cabo de marfim
Abri eu a sepultura
No centro do seu jardim.
Corre, meu cavalo corre
Corre até rebentar
A sepultura da minha Aninha
Irás tu a descansar
Assim que lá chegou
Ele lhe pode falar:
— Os olhos com que te via
Já os não tenho de mim,
A boca com que te beijava
Já de terra a enchi
Os braços com que te apertava
Já os não tenho de mim.
Só te peço que caxes
Com uma Aninha com'a mim.
Quando vás bradar: Aninha
Lembra-te sempre de mim
Que ela morra por homens
Como eu morri por ti.

XACOLA DA CIDADE DE CLAMOR

Na cidade de Clamor
Na maior que tinha a Espanha
Passela um cavalheiro
Um cavalheiro de fama,
Onde vai ele ouvir Missa?
Ao convento de Santa Clara,
Pois o padre lha dizia
Como era costumada,
E a Missa que lhe dizia
Era uma Missa rezada.
Quando se acabou a Missa
Ele logo se levantou.
Entre as portas do convento
Uma freirinha o esperava
Deus te salve, cavalheiro
Lindo rosto, formosa cara,
Desde que tu és vindo
Minha vida é roubada,
Leva-me por tua esposa
Ou por tua namorada,
Ou, quando não me levardes
Matal-me com esta espada.
Eu vou falar a um anjo

Que me vá fazer a guarda,
Das dez para as onze horas
Cavalheiro que chegava,
Agarrou-lhe pela mão
Ao seu quartel a levava,
De galinha e capões
Grande cela se arranjava,
Quando se acabou a cela
Ele logo se levantava,
Agarrou-lhe pela mão
Ao seu quarto a levava.
Eu não me delto com hombre
Com Jesus Cristo estou casada.
Agarrou-lhe pela mão
Ao seu convento a levava.
Aqui tendes a freirinha
Pois eu não lhe devo nada,
Se lhe correr algum perigo
Que de mim se não queixara.
Ó ditoso soldado.
Ó ditoso da sua alma,
Nos braços de Jesus Cristo,
Que grandes alentos dava.

XACOLA DO MORGADO

Ó tia, ó minha tia
Ai, deixe-me ir à Junqueira,
Vestir minha roupa fina
Para eu levar à feira.
Meu sobrinho não vás lá
Que tu andas ameaçado,
Em vestindo roupa nova
Serás o mesmo morgado.
Ateimou, saiu de casa,
Lá o estavam a esperar,

Tomai lá o meu cavalo
E o dinheiro que eu trazia,
Não queremos o teu cavalo
Nem nada da tua mão,
Queremos tirar-te a vida
E arrancar-te o coração.
Os ladrões que o mataram
Eram todos muito maus
Deitaram-no numa barroca
E cobriram-no de calháus.

XACOLA DO CASAMENTO

Dizem que te vais casar
A mim tudo m'o anuncia
Teu casar e minha morte
Será tudo num só dia.

Quando te fores casar
Deves levar muita gente
Eu terei por companhia
As quatro velas somente.

Quando te fores casar
Com teu marido a teu lado,
Nem ao menos lembrarás
O teu pobre namorado.

Quando te fores deitar
Entre brentanha macia,
Estará meu corpo gelado
Jazendo na campa fria.

Quando te fores deitar
No teu leito de ventura,
Estará meu corpo gelado
Jazendo na sepultura.

De manhã quando acordares
Com teu marido ao lado,
Nem ao menos me dirás
Deus te tenha perdoado.

São estas dezanove xácolas quantas pudemos obter.

Se a da Mulher falsa é uma corrupção do Bernal Francês, se a do Casamento faz lembrar as novelas de cordel, quase a totalidade delas veio dos lados de Espanha.

Recordemos que a gente raiana espanhola além-Sever, falava muito mais a língua portuguesa que a espanhola, e ao receber o Romanceiro medieval espanhol deu-lhe a primeira adaptação a português. A vinda para cá acentuou a corrupção. «O Conde de Alarcos» é muito mais extenso no original espanhol, o mesmo sucedendo com o da «Niña Guerrera», — nosso «Guerra de Aragão» — e com a «Delgadinha». Permaneceu a essência e algumas palavras, que esta boa gente compreende e aceita com tantas outras da mesma origem.

Primeira Sexta-feira de Março

A primeira Sexta-feira de Março era o dia dos rapazes e raparigas que frequentavam a escola primária fazerem a sua confissão quaresmal e irem depois em romagem até à ermida de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Montalvão, onde rezavam as cem Avé-Marias sem as oferecer, a fim de terem a possibilidade de em momento de aflição as invocar, dizendo: «Valham-me as cem Avé-Marias que eu rezei na primeira sexta-feira de Março».

Muitas mulheres também se confessavam neste dia e iam à Senhora dos Remédios rezar as cem Avé-Marias com os estudantes. Aquelas pessoas que não podiam ir até à ermida, tinham esta devoção em suas próprias casas.

Ainda hoje muita gente reza as cem Avé-Marias da mesma forma e com as mesmas intenções.

Festa de S. José ou Festa dos Passos

E com grande saudade que em Montalvão se recordam as grandiosas festas de S. José, também chamada Festa dos Passos. Realizava-se todos os anos no dia de S. José, em 19 de Março.

A festa começava praticamente no dia 18 à tarde com a condução para a igreja matriz das Bandeiras e andores com as respectivas imagens, guardadas durante todo o ano em casas particulares por não terem lugar nos altares da igreja. Era unicamente neste dia e para comparecerem na procissão de S. José que estas imagens e Bandeiras saíam das casas onde estavam recolhidas, na sua totalidade.

O cerimonial da condução para a igreja decorria da seguinte forma: Os alunos mais velhos que frequentavam a escola recebiam ordem do seu professor para se apresentarem ao pároco, na igreja, onde cada um recebia uma opa roxa e uma tocha. Depois, quatro irmãos da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, vestidos também com opas roxas, saíam da igreja matriz acompanhados pelos rapazes e dirigiam-se em respeitoso silêncio à casa onde estava a primeira imagem que buscavam. A dona da casa convidava-os a entrar e oferecia-lhes bolos, que a etiqueta mandava aceitar. Cumprida esta formalidade, os quatro irmãos terceiros punham ao ombro o andor com a imagem e encaminhavam-se para a matriz cantando em coro com os rapazes o cântico do Terço:

Voz: Bendita e louvada seja
A sagrada Paixão do amante Jesus.

Coro: Para não se perderem as almas
Deu a Vida por todos nos braços da Cruz.

Chegados à igreja colocavam cada andor em cima de um dos bancos dispostos para este fim em locais previamente determinados segundo a ordem da recolha, que era a ordem em que deviam seguir na procissão.

A maior parte das imagens era de «roca». Algumas destas ainda hoje estão guardadas em casas particulares com todo o cuidado e devoção, reliquias de tempos antigos de festas e procissões religiosas que todos os anos davam extraordinária animação a Montalvão, até 1910, como dissemos.

As imagens que no dia 19 de Março eram conduzidas para a igreja matriz eram as seguintes, pela ordem como eram recolhidas e como iam na procissão, mais a indicação das casas onde eram guardadas:

- 1.º andor: O Senhor Salvador do Mundo Casa de Joaquim Fernandes Tremocino
- 2.º andor: São Ivo Casa de Maria da Piedade
- 3.º andor: São Lúcio Casa de Sacramento (esposa do Sacramento)

Neste andor ia Santa Boina, pelo que o povo lhe chamava o andor dos Bem-Casados. Santa Boina era guardada em casa da Sr.^a Baptista.

- 4.^o andor: Santa Isabel Casa de Isabel da Graça
5.^o andor: São Roque Casa de (já se ignora)
6.^o andor: Santa Margarida de Cretona Casa de António Papagalo
7.^o andor: Santa Rosa Casa de Joana Teresa

A manhã do dia 19 era ocupada na confissão dos fiéis, antes da Missa solene que era cantada às 10 horas por três ou quatro padres, com a assistência de toda a Irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco, vestidos com a opa roxa cingida à cintura com cordões roxos, as irmãs só com os cordões roxos por cima do vestido. A igreja estava sempre repleta de povo.

A procissão realizava-se da parte da tarde e era na verdade grandiosa. O itinerário marcado era sempre o seguinte: sala da igreja, descia a Rua da Barra, subia a Rua da Costa, continuava pela Rua Direita em direcção ao Poente, passava pela Travessa do Bruzoneiro, seguia, pela Rua de S. Pedro, baixava pela Rua do Arneiro e pela Rua do Arrabalde regressava à matriz onde se desfazia.

O nome das pessoas que deviam pegar nos andores era anunciado pelo pároco do alto do púlpito, aonde subia para este efeito.

Aos sete andores que na véspera haviam sido recolhidos pelos irmãos terceiros acompanhados pelos estudantes, juntavam-se os andores de S. Francisco e do Senhor dos Passos com a Cruz às Costas. O andor de S. Francisco levava pela frente e a toda a largura um pano roxo com estrelas amarelas e douradas. A imagem de S. Francisco encarava com um pequeno Crucifixo voltado para ele, com as Chagas de Jesus ligadas por trancelim branco às respectivas chagas da estigmatização de S. Francisco.

Abria a procissão a Cruz e Guião roxo da Irmandade da Ordem Terceira. Atrás do Guião seguiam dois rapazes, um envergando vestido branco à maneira de bata, armado com uma espada de aço; o outro segurava um ramo de laranjeira com laranjas agarradas. A cada esquina das ruas do percurso, o rapaz com a espada decepava do ramo uma laranja que rebojava pelo chão e era disputada pelos garotos que estavam sempre à espreita do momento; Sobrevivência do culto de Ceres ou de Pomona? Não se conhece qual a origem e explicação deste acto.

Vinham depois os anjinhos em grande número, vestidos de branco ou azul, descalços ou calçados com sapato e meia, todos com asas e coroas de flores na cabeça, as «capelas».

A organização dos anjos nesta procissão obedecia a preceitos. Pela Irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco era nomeada uma Reitora, mais conhecida por «Ministra», cuja nomeação era apregoada pelo pároco na altura do sermão, e para ter efeito para o ano seguinte. Se houvesse alguma mulher que tivesse

feito a promessa de ser Ministra, mesmo que não pertencesse à Ordem Terceira, seria essa a nomeada depois de ouvido o parecer dos irmãos terceiros; se não houvesse, era eleita uma das irmãs da Ordem. A missão da Ministra era a de ordenar a participação dos anjos na procissão. Os anjinhos reuniam-se em casa da Ministra e depois iam para a igreja acompanhados por ela cerca de uma hora antes da procissão, e levados para a capela-mor onde esperavam sentados em bancos a eles destinados. Terminada a procissão e as cerimônias, os anjinhos voltavam juntos com a Ministra para casa dela, onde os regalava com amêndoas e bolos. Era também da praxe a Ministra oferecer bolos e vinho ao pároco e irmãos terceiros.

Na procissão os anjinhos eram portadores de símbolos. Um levava um Crucifixo numa bandeja de estanho, em representação do martírio de Jesus; outro levava um prato com cinzas; outro um livro, as Sagradas Escrituras; outro um molho de alecrim; outro duas tíbias e dois fêmures humanos; outro uma pequena escada; outro cotoas de rosas; outro um crânio humano esculpido em madeira; outro um prato com os cravos da Cruz; outro com as correntes; outro com o sol e a lua (Fig. 8); e ainda mais, de que já não há recordação.

Atrás dos anjinhos caminhava uma rapariga, ou excepcionalmente um rapaz, de 14 ou 15 anos, levando pela mão dois anjinhos, vestida com um manto roxo e adornada com cabeleira postiça de longos cabelos soltos derramados pelas costas. Era a MAEDA (Mãe Eva?). A criança que personificava a Maeda cumpria a promessa de o ser na procissão de S. José. Levava na mão um ramo grande de carapeteiro com maçãs inteiras espetadas nos espinhos.

A seguir vinham os andores, pela ordem já indicada, mais o de S. Francisco e o do Senhor dos Passos: Senhor Salvador do Mundo, São Ivo, dos Bem-Casados, São Lúcio e Santa Boina, Santa Isabel, S. Francisco, São Roque, Santa Margarida de Cretona, Santa Rosa e por último o andor do Senhor dos Passos.

Por fim, com as pessoas de maior representação da vila a pegar às varas do Pálio roxo, vinha o pároco que levava em exposição o Crucifixo do Santo Lenho.

Completado o percurso a procissão entrava na matriz onde continuavam as cerimônias litúrgicas acompanhadas com os próprios cânticos. Na devida altura o padre pregador subia ao púlpito e pronunciava o sermão, no decorrer do qual dava o sinal para ser corrida a cortina roxa que tapava a Tribuna do Altar-Mor. Então apareciam escalonados pelos lados dos degraus do Trono os anjinhos com uma vela acesa na mão. A Maeda, que também estava atrás da cortina, avançava e com os cabelos soltos fazia menção de limpar os pés de Jesus no Crucifixo grande colocado atrás do Sacrário e firmado numa abertura especialmente preparada na banquetta do altar. A luz amortecida do dia já em fim da tarde e a igreja mal iluminada davam à apresentação deste quadro grande realce.

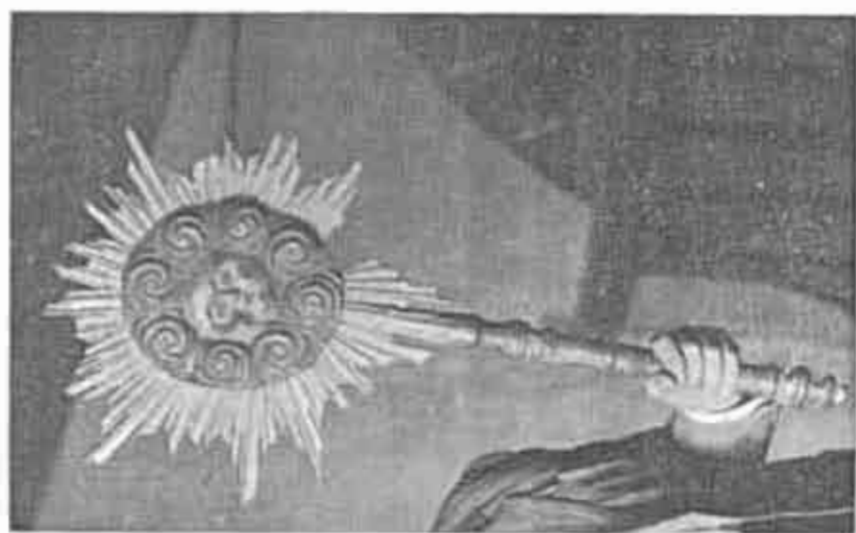


FIG. 8

MONTALVAO (Precisão dos Fuzos) — O símbolo solar é Jesus da Virgem Maria
ELEITA UT SOL — PULCHRA UT LUNA

Fora da igreja, o adro e o largo adjacente parecia um mercado. Escaparates de guloseimas, rifas de amêndoas e outros gêneros, cordões de ouro, brincos, medalhas, gargantilhas do mesmo metal trazidos de Castelo de Vide pelos ourives, etc., em todos eles se fazia negócio, não só com os portugueses mas também com os forasteiros espanhóis de Casalinho e Ferreira de Alcântara. Nestes dias a fronteira do Sever estava franca para os convidados e não convidados.

No dia seguinte, 20 de Março, as imagens nos seus andores e pela mesma ordem em que tinham sido conduzidos para a igreja, regressavam, com o mesmo cerimonial da ida, para as casas onde permaneciam habitualmente durante o ano, até ao seguinte dia de S. José e da sua Festa no ano imediato.

O dia de S. José em Póvoa e Meadas não era festejado tão brilhantemente como em Montalvão. Limitava-se a simples cerimónias de igreja.

Dia da Anunciação de Nossa Senhora

Poucos dias depois da Festa de S. José vinha o dia da Anunciação de Nossa Senhora, em 25 de Março.

Tanto em Póvoa e Meadas como em Montalvão, as pessoas devotas repetiam as cem Avé-Marias, porém de forma diferente das da primeira Sexta-feira de Março. Durante o dia ou a noite do dia 24 e do dia 25, as mulheres iam a qualquer igreja ou capela, ajoelhavam-se e faziam o sinal da Cruz, rezavam uma Avé-Maria e beijavam o chão. Isto cem vezes. Encerravam a oração com os seguintes versos:

Minha alma está muito crente na fé,
Por mim morreu Jesus de Nazaré.
Eu não morrerei mas trespassar-me-ei,
Aos campos de Jirafá irei, (Josafá?)
O inimigo da Cruz encontrarei
E eu lhe direi
Arreda, arreda Satanás,
Tu em mim parte não terás, (ou, Tu comigo não irás)
Porque cem vezes me persinês
Cem Avé-Marias rezei
Cem vezes o chão beijei
Na véspera e no dia
Da Anunciação da Virgem Maria.

Esta devoção ainda hoje é praticada, embora por um limitado número de devotas.

Festa de S. Silvestre

A ermida de S. Silvestre, a meio caminho entre Montalvão e Póvoa e Meadas, fica no termo de Montalvão e por este motivo a chave do pequeno templo está na mão do pároco daquela povoação.

Antigamente estava isolada em pleno descampado, mas depois de muradas as propriedades circunvizinhas está num recinto respeitado na azinhaga que ficou estabelecida no antigo caminho.

O edificio da capela está na actualidade muito alterado na sua traça primitiva pelas obras sucessivas que tem sofrido no decorrer dos séculos, umas determinadas pela exigência de reparações de protecção contra a ruína, outras pela necessidade de a dotar de uma sacristia anexa, que não tinha, onde os sacerdotes pudessem paramentar-se. Tem agora, assente em quatro colunas de alvenaria, quadradas, um alpendre que protege a entrada única, por uma porta de moldura de pedra em arco de meio ponto e arestas cortadas a qual dá acesso ao pequeno corpo da ermida, rectangular, tecto de esteira em madeira e pavimento de cimento. Aos lados da porta, duas frestas gradeadas dão luz para o interior. Na da direita está uma caixa de esmolas, acessível do exterior, para recolher o óbulo que lhe lançará o devoto que por ali passe e não deixe de espreitar a imagem de S. Silvestre Papa, sobre o altar e a quem reza a sua oração.

Do corpo da ermida passa-se para a capela-mor por um arco cruzeiro, gótico, de pedra, com as arestas fortemente cortadas e dobrando em folha com um besante, sobre as empostas. A capela-mor, de planta quadrada, tecto de abóbada de aresta com arcos cruzados de granito apoiados em mísulas, com bocete onde está gravada a Cruz da Ordem do Templo, na forma menos evoluída.

Na capela-mor está o único altar, em alvenaria, muito simples, a imagem de S. Silvestre instalada em uma mísula de pedra encastrada na parede, sobre o altar, mísula que foi colocada em 1958 para substituir a mal segura prateleira de madeira onde a antiga imagem assentava inclinada.

O dia da Festa de S. Silvestre é no Domingo de Pascoela.

Na véspera, um dos festeiro percorria as suas de Montalvão a pedir donativos para as despesas a que os festejos obrigavam, dizendo:

Dai esmola a S. Silvestre,
Para que nos livre da peste
E dos maus vizinhos de ao pé da porta.

Além das esmolas em dinheiro, a gente pobre do povo de Montalvão e de Póvoa e Meadas oferecia um galo e os lavradores davam um borrego ou um chibo; havia outras ofertas de bolos e vários géneros, tudo para ser leilado e arrematado no dia seguinte.

Na manhã do Domingo de Pascoela, o Festeiro acompanhado dos seus auxiliares, saía de sua casa empunhando a Bandeira de S. Silvestre desfraldada, todos com os chapéus enfeitados com flores e nas lapelas dos casacos, pregadas com alfinetes, fitas de várias cores.

Com o tamboreiro à frente a rufar no tambor, seguiam a pé pelas ruas até onde era considerada a saída de Montalvão, onde hoje é o posto da Guarda Fiscal. Ali os aguardavam os meios de transporte, carros ou alimárias que os levariam por aqueles caminhos maus até à ermida, uns bons cinco quilómetros. Antes de ocuparem os seus lugares nos carros ou montarem nas cavalgaduras, a Bandeira era desenhada da vara, dobrada e resguardada para evitar qualquer dano.

O caminho era assinalado pelos inúmeros devotos que, a pé ou transportados, desde cedo partiam aos grupos, cada um nos seus garridos trajes de festa, levando os seus farnéis.

Chegados à ermida, o Festeiro e companheiros apeavam-se, armavam a Bandeira e com ela erguida cumpriam a praxe tradicional de dar três voltas ao redor da capela, rogando a S. Silvestre que nos livrasse da fome e da peste e dos maus vizinhos de ao pé da porta. A seguir entravam na ermida para assistir às cerimónias religiosas que então começavam.

A parte religiosa, com a capelinha a transbordar de fiéis, constava de Missa e sermão e por fim uma procissão que também dava as três voltas ao redor da ermida. Recolhida a procissão consideravam-se terminadas as cerimónias da igreja e chegada a hora de comer os farnéis.

Nos terrenos próximos continuava a festa. Começavam a ouvir-se os gritos dos leiloeiros apregoando os ramos:

Quem dá mais por este ramo, que está em... (tantos)... tostões que é para S. Silvestre bendito?

O produto da venda dos ramos concorria para fazer face às despesas com a festa. O produto líquido era arrecadado pelo tesoureiro que tinha obrigação de comunicar o montante a todos os festeiros. Se havia *déficit* também todos tomavam conhecimento e ficava em dívida para o ano imediato por abono, se não houvesse alguém generoso que o cobrisse. O comprometimento dos festeiros em fazerem a festa era unicamente por voto de devoção, sempre gratuito.

A Banda de música, contratada somente quando as disponibilidades financeiras o consentia, tocava num coreto improvisado as peças do seu repertório. Logo se armavam balles com rapazes e raparigas, não só da Póvoa e de Montalvão mas também dos campos e povoações vizinhas, atraídos pelo divertimento. Vendia-se vinho que taberneiros industriais levavam montados em carroças, e, quase

sempre o excesso de álcool fazia levantar rivalidades entre Montalvão e Póvoa que em breve se traduziam em briga violenta, à pedrada e à paulada, até um dos grupos rivais ser expulso do terreno. Cabeças abertas e corpos magoados não faltavam, mas era da praxe esta briga e sem ela a festa não estava completa.

Por fim os festeiros de Bandeira erguida tornavam a dar as três voltas à ermida, em sinal de despedida, arrumavam a Bandeira e regressavam a Montalvão, apeavam-se no mesmo local à entrada da vila e novamente com a Bandeira armada, a pé pelas ruas, iam entregá-la ao festeiro que se propusera para no ano seguinte fazer a Festa a S. Silvestre.

Os rapazes e raparigas que vão da Póvoa em romaria a S. Silvestre, referindo-se a um eventual namoro que ali arranjem, costumam dizer: «Vou ao S. Silvestre arranjar um bácio ou uma bácora», conforme rapaz ou rapariga. Só nesta festa se atribui ao namorado ou namorada o nome de bácio ou bácora.

A maioria das ofertas da gente da Póvoa consta de galos, o galo do S. Silvestre, do que resulta grande abundância destes bicos.

Festa de S. Marcos

Em Montalvão a antiga capela de S. Marcos, hoje desaparecida, situava-se no Arrabalde, em terreno que hoje é quintal da casa do Sr. José António Morujo, no qual estão bem aparentes restos das muralhas que cercavam a Vila. A imagem foi recolhida na matriz e colocada na capela-mor.

Não se sabe quando foi arruinada a capela à qual se refere o Vigário Frei António Nunes de Mendonça na carta datada de 24 de Abril de 1758 em resposta ao questionário do Padre Luís Cardoso: «As ermidas, quem dentro da vila, he sómente a de S. Marcos, que tem altar próprio, que tem irmandade e nada de renda...» A imagem que se venerava, e venera ainda hoje, apresenta S. Marcos acompanhado de um touro em vez do leão.

A festa é a 25 de Abril.

Como já ficou dito, a Irmandade foi extinta em 1910. Dispunha de Bandeira, e esta era levada para a matriz conforme era usual nas Irmandades que a tinham, acompanhada pela Irmandade até à capela-mor onde se conservava durante a Missa cantada. Se as posses da Irmandade comportavam a despesa, era contratada uma Banda de música em Nisa ou em Castelo de Vide, da qual se destacavam uns executantes para no coro da igreja acompanharem a Missa, tocando e cantando segundo mandava a liturgia.

Quando terminava a Missa e dito o sermão era chegado o momento da entrada do «touro» na igreja, touro que era apenas um bezerra ou novillo oferecido por algum dos lavradores em cumprimento de promessa. O animal era conduzido pela

coxia central até à capela-mor, junto do andor de S. Marcos numa apresentação, e era retirado pelo mesmo caminho.

Nem sempre os bezeros ou novilhos solriam bem esta cerimónia de caminhar por entre a massa agitada dos devotos no interior de um edifício com a atmosfera saturada de odor de gente misturado com o perfume do incenso. Muitas vezes o animal excitava-se, ou era excitado, e havia correria e atropelos com gáudio de muitos.

Passada a agitação organizava-se o cortejo da procissão acompanhado pela Banda, ou não havendo, pelo tamboreiro a tocar cadenciadamente no tambor. Abria a procissão a Cruz da Paróquia seguida da Bandeira de S. Marcos, depois vinha o andor, o sacerdote levando a Cruz e na retaguarda os homens. As mulheres, como em todas as procissões, seguiam em âleas a ladear as insígnias e o andor. O itinerário era o habitual das procissões quando acompanhadas por música, mas era encurtado se ia o tamboreiro, isto é, ia Rua da Barca abaixo, subia a Rua da Costa e voltava para a matriz pela rua do Outeiro.

Recolhida a procissão procedia-se à arrematação dos «ramos» oferecidos a S. Marcos, além do bezerro que era leiloado no adro da Igreja. Eram borregos, galos, chibos, carne de porco, cereais, legumes, doces, etc., apregoados conforme o uso:

Quem dá mala por este ramo, que está em (tantos) tostões
que é para S. Marcos bendito?

À noite arraial com concerto pela banda num coreto armado, bailes, foguetes, fogo preso quando se podia comprar.

As Mães, cheias de devoção, costumavam levar os filhos pequenos a dar com a cabeça no tourinho junto à imagem, no andor, fazendo a petição:

S. Marcos bendito te faça um bom homem.

Em Póvoa e Meadas a Festa de S. Marcos era feita pelos «lavregas».

O «lavrega», nome pejorativo de «lavrador», é o pequeno proprietário de uma exploração agrícola em escala limitada, nos poucos terrenos que possui ou arrenda. Está entre o grande proprietário que administra as suas propriedades, com feitor ou maioral, e o trabalhador rural que trabalha assalariado. O lavrega dispõe das alfaias agrícolas indispensáveis aos seus trabalhos, e de algum gado. É ele que amanha as suas terras, com a mulher e filhos quando necessário, mas se o trabalho é superior e urgente, contrata um ou dois trabalhadores para os ajudarem.

Em geral era seareiro nos grandes latifúndios das Meadas, onde, de acordo com o proprietário, demarcava determinada parcela de terreno em arrendamento a longo prazo, visto que a cultura cerealífera exige trabalhos em mais de um ano nesta zona do país onde o afolhamento é de quatro em quatro anos.

Dentro da parcela de terreno o seareiro erguia uma pequena casa de pedra solta, denominada «Socha», (Choça), com duas divisões, que servia para armazenar, recolha de gados e alfaias e onde habitava enquanto durassem os trabalhos na preparação do terreno, sementeira, monda, ceifa, etc., nos quais mourejava de sol a sol. O nome da choça compreendia a casa e o terreno e era tomado do nome do seareiro. Ainda hoje os restos arruinados destas parcelas têm o nome dos antigos arrendatários constituindo forma de pormenor topográfico nestes grandes latifúndios.

A Irmandade de S. Marcos era formada pelos lavregas, a qual tinha a sua Bandeira como todas as outras, grande, vermelha, com um círculo no meio onde estava bordado o Santo patrono com o braço estendido sobre o touro que tinha ao lado.

A Bandeira ficava sempre em casa do festeiro encarregado de fazer a Festa e era ele que a levava na procissão segurando a vara com a mão envolvida em lenço de cachênê, a extremidade do pau ornamentada com flores e fitas de várias cores.

A Banda de Música acompanhava a Bandeira desde a casa do festeiro até à igreja, onde havia Missa, sermão e depois a procissão, tudo da parte da manhã. Desfeita a procissão o Festeiro com a Bandeira é acompanhada pela irmandade e pela Banda regressava a casa. À janela sobre uma colcha era exposta a Bandeira com o conto preso a cadeira ou banco pesado, e ali ficava durante todo o dia, à vista de toda a gente. Eram servidos bolos, tremoços, vinho, etc., com fartura, à Irmandade, músicos e convidados.

A tarde realizava-se a transmissão do encargo da Festa. Com o acompanhamento normal a Bandeira era levada para a igreja e deposta nos braços da imagem de S. Marcos onde o novo festeiro ia tomá-la e acompanhado de todos a levava para sua casa. De novo eram servidos bolos, vinho, etc. Quem queria, pegava na Bandeira e à janela fazia o seu voto em verso, vitoriado pelos acordes da Banda e pelos «Fetó, Fetó» do povo. (Ventó, ventó).

Quase todos os anos era oferecido um novilho, o touro de S. Marcos, para ser leiloado no adro da igreja a benefício da Festa. Em regra não entrava na igreja.

À noite havia arraial muito animado com concerto pela Banda.

Guardava-se o dia com todo o rigor, suspensos todos os trabalhos salvo o de lutar dos animais,

Festa do Espírito Santo

A festa do Espírito Santo em Montalvão constava apenas de Missa cantada e sermão. Não se fazia procissão porque a imagem da Santíssima Trindade é de pedra-mármore e por isso excessivamente pesada para ser transportada.

A capela do Espírito Santo está situada na Corredoura, nome que parece evocar a parada das fortalezas medievais.

No dia da festa o tamboreiro rufando no tambor dirigia-se à casa do Festeiro, uma ou duas horas antes de começar a Missa. Ali ambos aguardavam a chegada dos membros da Mesa e mais festeiros auxiliares.

Logo que todos estavam reunidos iniciavam a marcha para a capela do Espírito Santo pela seguinte ordem: À frente o tamboreiro, depois o Festeiro com a Bandeira, seguido do juiz com a vara e os mais festeiros.

Chegados à capela era cantada a Missa durante a qual e na altura da leitura do Evangelho era nomeado o Festeiro para o ano imediato. Os cargos de juiz, tesoureiro e escrivão tinham validade para três anos. No final a arrematação dos ramos, no adro da capela.

À tarde, o Festeiro cessante, com o cerimonial do costume, ia entregar a Bandeira a casa do próximo e imediato Festeiro, onde era guardada com todo o cuidado até Domingo de Páscoa do ano seguinte e festa do Espírito Santo.

Em Póvoa e Meadas a festa do Divino Espírito Santo era uma das maiores, se não a maior do ano.

As cerimónias da igreja consistiam de Missa cantada, sermão e procissão. O Festeiro e os seus auxiliares tinham o nome de «mordomos», e a nomeação, também para efeito no ano imediato, era tornada pública no decorrer do sermão, indicando os nomes, alcunhas e filiação para não haver confusões. Estas nomeações não eram mais que confirmações do já de antemão combinado, pois o novo Festeiro tinha a obrigação de dar a «Flória» na véspera da festa, à noite.

A «Flória» era praxe das raparigas moças, grandes e pequenas. Reuniam-se na casa do novo festeiro, em regra vestidas de branco, das quais uma seria a Flor de Laranjinha, — em regra a filha do Festeiro —, e duas outras as Madrinhas. Todas se apresentavam com uma capela de rosas na cabeça.

À hora aprazada saíam de casa, tamboreiro à frente, a Flor de Laranjinha empunhando a Bandeira do Divino Espírito Santo, enquadrada pelas duas madrinhas segurando as borlas da Bandeira e seguidas pelas raparigas de branco por ordem de alturas, as mais pequenas adiante, todas com uma vela acesa na mão. Acompanhavam a Flória as mulheres casadas — as mulheres velhas — vestidas com

ssia branca, cantando versos em louvor do Divino Espírito Santo, tocando em adufes e tenindo almofarizes ao ritmo marcado pelo tamboreiro.



Espírito Santo Divino
Divino Amparador
Amparai as nossas almas
Para o reino de Senhor,

A Floria passava por todas as ruas da Póvoa, parando à porta da casa que tivesse colcha estendida à janela e candeia acesa, sinal de querer dar um voto, rimado, como por exemplo o do marido de Barrenta que votou:

O meu Divino Espírito Santo
Eu tenho uma dor que arrebenta
Dai saúde a mim e aos meus machos
E também à minha Barrenta.

ou de homenagem:

O meu Divino Espírito Santo
Aqui Vos pego na Vossa Bandeira
Que no meo tem uma pombinha
Dai saúde a todos que aqui estão
E à Sr.ª D. Maria da Graça Godinha,

seguido do coro dos Fetós acompanhados a adufe, almofarizes, palmas e rufar do tambor em ruidoso aplauso. Pronunciados os votos, eram oferecidos bolos, pão, tremoços, etc.

Percorridas as ruas, a Floria regressava à casa do Festeiro onde por último se organizava animado baile ao som de harmónio ou gaita de beijos. Era o que se chamava festa rija, com alegria e abundância, pois eram amassados muitos pães e bolos para serem consumidos neste dia.

Na festa a S. Marcos nunca era contratada Banda de música, era sempre presente um tamboreiro, o da Póvoa ou o de Montalvão na falta daquele. Quando vinha o de Montalvão era da praxe percorrer todas as ruas da povoação a rufar no tambor, numa «arruada».

No dia seguinte, 25, o próprio dia de S. Marcos, os mordomos com a Bandeira e o tamboreiro à frente dirigiam-se para a igreja a fim de assistirem às solenidades religiosas. Missa com sermão ao decorrer do qual era oficialmente indicado o nome do Festeiro para o ano imediato, e por fim organizava-se a procissão, indo a Cruz e Guião do Santíssimo Sacramento a abrir, seguidos das cruces e Bandeiras das Irmandades mais o tamboreiro.

De particular nesta procissão era a presença de um rapaz de doze ou treze anos, envergando opa vermelha, na cabeça uma coroa de latão com a orla superior rameada, segurando junto ao peito uma peça de madeira com uma pomba branca esculpida. Como guarda de honra iam quatro homens com opas vermelhas, dois por diante e dois por detrás, segurando esticada e de lado a lado do cortejo, uma comprida banda vermelha de um côvado de largura. O rapaz simbolizava o Divino Espírito Santo Imperador (ou Amparador? Confunde-se aqui a pronúncia das duas palavras.)

O itinerário da procissão era o habitual, da matriz pela Rua Nova, Rossio, Rua do Mártir Santo e pela Rua de Baixo regressava à matriz, onde se desfazia.

Festa do Corpo de Deus

Festa variável, realizava-se na igreja matriz com Missa cantada, sermão e a seguir, procissão. Além da Irmandade do Santíssimo, com a Cruz e Guião, compareciam todas as Bandeiras, tal como nas solenidades da Páscoa.

Tira Maias

No dia três de Maio, dia de Santa Cruz, havia o costume tradicional de TIRAR AS MAIAS, provável reminiscência das festas pagãs da Primavera.

As raparigas solteiras faziam cada uma o seu ramo de lindas e variadas flores, a Maia, e iam levá-las a casa de pessoa que amavelmente cedia uma sala para a festa. A meio da sala era colocado um alguidar grande onde as raparigas punham as suas maias devidamente assinaladas para se saber a quem pertenciam. Isto da parte da manhã.

De tarde as raparigas juntavam-se todas na sala. No meio do alguidar uma garotinha era sentada numa tripeça, vestiam-lhe uma rodada saia de mulher com o cós atado em volta do pescoço e a roda espalhada de forma a cobrir o alguidar e as maias que lá estavam.

As raparigas tocando adufes e almofarizes andavam em roda em passo de dança e a cantar:

Com bem venhas Maio
Por esses outeiros
Dando o grão ao trigo
E a lá aos carneiros.

e logo a seguir:

Tira, tira a Maia,
A Maia de flores.
Tira tu Maria
Tira os meus amores.

P'ra que Deus me dê
Um amor sapateiro (ou carpinteiro, professor, etc.)
P'ra brincar com ele
No mês de Janeiro,

ou:

Tira tu Maria
Tira os meus amores
Com quem brincar
Em manhã de flores.

P'ra Deus me dar
Um amor doutor
Com quem eu brincara
Em manhã de flores.

A pequenita, sob a saia, tirava ao acaso uma das Maias que logo era reconhecida pela autora, que ficava desta forma conhecedora da profissão do futuro marido. A pequenita que tirava as Maias ganhava uma grande, o Maião.

Neste dia também era hábito ornamentar com flores e alecrim as Cruzes e em Montalvão o Cruzeiro em frente da ermida de Nossa Senhora dos Remédios.

Santo António, S. João e S. Pedro

As festas populares aos Santos no mês de Junho eram organizadas tradicionalmente por categorias sociais, em Montalvão. A de Santo António estava por conta dos seareiros, porque eram muarees os animais que utilizavam nos seus trabalhos de lavoura. A de S. João era da atribuição dos lavradores proprietários.

que, por estarem em melhor situação económica imprimiam à sua festa o maior luzimento. A de S. Pedro pertencia aos pastores.

A organização era idêntica para as dos três santos, a diferença principal assentava no exercício das cavalladas. Ao passo que os lavradores, por mais ricos, se apresentavam a correr nos seus cavalos, os seareiros, ou macheiros cavalgavam nos machos, os pastores, ou cabreiros, mais pobres, montavam em burros.

A primeira festa no mês de Junho era a Santo António, a dos seareiros ou macheiros, que punham nela todo o seu carinho e devoção.

Uma das devoções a Santo António era as das Trezenas, nos treze dias antes da festa, ou seja, de 1 a 13 de Junho, cerca das cinco horas da tarde. Cantava-se o Terço e a Ladainha a Santo António. No dia 12 os Festeiros de Santo António, os seareiros, compareciam com a Bandeira e o tambor para assistirem à devoção. As Trezenas também se rezavam em outros meses, por promessa, sempre de 1 a 13, porém eram cantadas logo após a Missa da manhã e sujeitas ao padre ter ou não possibilidade de as fazer.

Para a festa de S. João, cada ano havia um Lavrador-Festeiro, nomeado no ano anterior, e auxiliado por outros lavradores no desempenho das suas funções. O Festeiro principal distinguia-se dos outros apenas por ser em sua casa o local onde se efectuavam as reuniões de todos eles, não só para a organização da Festa como também para as refeições.

Estas reuniões obedeciam às seguintes praxes, curiosas e rigorosamente cumpridas. A meio da tarde do dia anterior, cerca das quatro horas, o tamboreiro com o seu tambor dirigia-se a casa do Festeiro principal a fazer a sua apresentação, depois rufava uma arruada, isto é, percorria todas as ruas a tocar o tambor em anúncio da Festa. Antes do pôr-do-Sol tornava a dar outra arruada para convocar os lavradores que quisessem tomar parte na Festa, os quais em grande número affluíam à casa do Festeiro, onde eram acolhidos alegremente pelos donos da casa e conduzidos à mesa abundantemente guarnecida de comidas e bebidas. A praxe determinava que pelo facto de terem tomado parte naquela refeição estava tomado o compromisso de entrar como festeiro, compromisso chamado «cabresto», pois cada um ficava preso à responsabilidade de contribuir com dinheiro para as despesas da Festa, que, além dos encargos com a parte religiosa respeitava às das refeições e outras menores. Para as refeições, o Festeiro principal contratava uma cozinheira mais um homem para servir à mesa e tomava nota de todos os gastos, desde o pão até ao sal, para no fim o total ser repartido e pago por todos igualmente.

Após a recepção da Casa da Festa, saíam todos à rua para do exterior assistirem ao arvorar da Bandeira de S. João numa das janelas da casa, acto que era desempenhado pela esposa ou filha mais velha do Festeiro. No peitoril da janela tinha sido colocado um lençol de linho «cercados», ou seja, guarnecido de renda

em toda a volta. Por cima dele era lançada uma colcha ou coberta de damasco na qual assentava o pau da Bndeira desfaldada e, para que não caísse, a extremidade inferior do pau era fixada às costas de uma cadeira pesada. Com o pano da Bandeira no exterior e a haste já firme, a esposa ou filha que colocara a Bandeira gritava para os festeiros e para o povo: «Fetó, Meu divino S. João!» Logo o tamboreiro partia noutra arruada anunciando que estava arvorada a Bandeira de S. João.

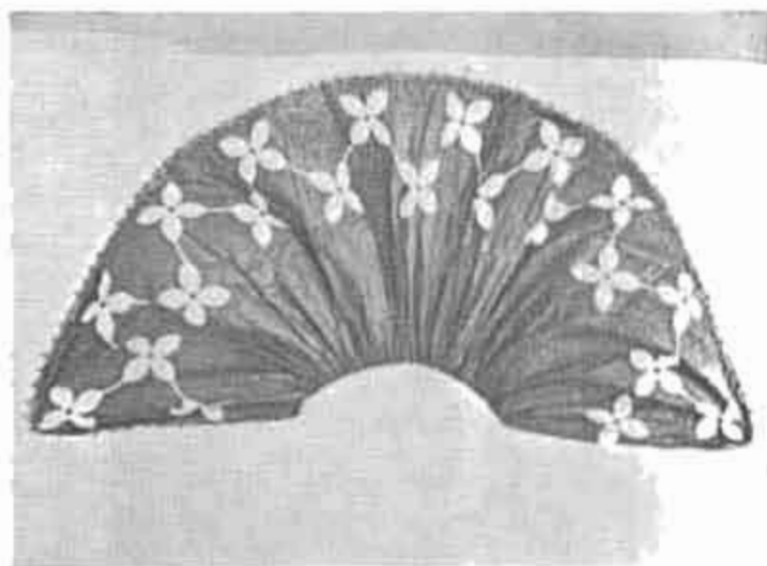


Fig. 9

MONTALVAO — O «maroto» dos cavalheiros, na Festa de S. José. De bico a bico, 1,30 m. Vermelho, flores brancas. Na orla, enfeite metálico prateado

Entretanto ia anoitecendo, e já tarde, de novo o tamboreiro em arruada partia a chamar os festeiros para a ceia na mesma casa, finda a qual se dava início às «Cavalladas».

De entre os festeiros lvradores, os mais novos iam preparar-se e às suas montadas. Vestiam calça branca e pelos ombros o «maroto» (Fig. 9), capa de paninho vermelho bordado a pano branco. Na cabeça punham chapéu alto recoberto de um pano branco enfeitado com fitas de várias cores. As montadas apresentavam a crineira e o rabo ornamentados com flores, e a cobrir o peito, preso ao peitoral e à sela, um lençol branco, qual gualdrapa. Sobrevivências de torneios.

Preparada a montada, o cavaleiro subia para a sela, a «facha» acesa e dirigia-se para a casa da Festa, onde se concentravam. A «facha» era constituída por um pedaço de cana com um coto de vela protegida por uma armação de papel, como nas procissões, mas em forma de cubo aberto por cima.

Todos reunidos, com o tamboreiro e seu tambor, o Festeiro ou o filho ou quem o representasse, de Bandeira ao alto e seguido pelos outros, cavalgavam até à Praça, local onde teriam lugar as cavalhadas. Lá chegados, davam a passo três voltas ao largo, colocavam a Bandeira numa janela também preparada com o lençol cercado e a colcha de damasco. Isto feito, largavam em correrias mostrando a sua destreza. Aquecidos cavaleiros e cavalos, seguiam para a Corredoura, onde, desde o cimo até um local marcado corriam à desfilada em cômputo de velocidade.

Nas ruas ardiam as fogueiras de rosmaninho ou de alecrim, e queintava-se logo de artifício, preso e do ar.

Os cavaleiros, terminadas as exhibições na Corredoura regressavam à Praça onde repetiam as três voltas a passo em volta do largo, recolhiam a Bandeira que, acompanhada por todos era reconduzida à Casa da Festa. Com estas solenidades acabavam as práticas equestres da noite.

A festa nocturna continuava com as «Flórias dos homens». Com a Bandeira à frente, entravam na igreja da Misericórdia onde estava S. João no seu andor armado e pronto para seguir na procissão do dia seguinte. Rodeavam o andor muitos devotos, sobretudo mulheres, das quais duas entoavam louvores a S. João com acompanhamento a adufe. As cantoras revezavam-se havendo sempre duas em acção, e deste modo continuavam até alta madrugada. A música destes cânticos era uma salmodia lenta, repetindo incansavelmente os mesmos e poucos versos.

Chegados os homens junto da imagem de S. João, deitavam os seus «votos» em louvor de S. João, pedindo saúde para todos e a divina protecção para a lavoura.

Acabada a Flória dos homens junto do andor, já na rua, o homem do tambor a tocar de forma diferente, percorria as ruas, então já madrugada, em sinal de estarem findos os actos festivos e de ser conveniente cada um recolher as suas casas para repouso, curto, mas merecido.

Na manhã do dia de S. João de novo se corriam as cavalhadas mas com outro cerimonial. Os cavaleiros, de chapéu alto, sobrecasaca preta, calça branca e esporas, montavam sem o lençol na frente da montada.

Chegados à Praça, era apresentada e oferecida por um homem do povo ao cavaleiro mais velho uma cana recentemente colhida, completa com as suas folhas. O cavaleiro levava a cana para casa depois de agradecer a oferta. Qual seria o significado desta prática?

Nas cavalhadas da manhã e que continuavam de tarde se não houvesse touxada, eram exhibidos os actos de destreza a cavalo no Largo da Corredoura, onde,

a atravessar a rua e a conveniente altura, estava uma corda da qual pendiam várias argolas de ferro. O cavaleiro, em corrida e munido de um pau simulando lança, procurava enfiar uma das argolas.

Chegada a hora da Missa, todos os festeiros se encaminhavam para a igreja a fim de assistirem aos actos. Por fim era a procissão, à frente o tamboreiro e outro homem a deitar os foguetes, a seguir a Bandeira de S. João levada pelo Festeiro ou seu representante, ladeado por outros dois, um de cada lado. Depois o andor com a imagem de S. João levado aos ombros por quatro cavaleiros ainda com os trajes de cavalgar. Os restantes ladeavam o andor e por fim o padre levando a Cruz, seguido do povo. Recolhida a procissão ia cada um para sua casa.

A tarde, realizava-se a cerimónia de transmissão da Bandeira ao Festeiro do ano seguinte. Dentro da igreja, o Festeiro cessante passava a Bandeira para as mãos do escrivão que junto do andor e com ela erguida, proclamava:

«Fui eleito por mais votos para alferes de S. João Baptista e para dar a Festa segundo os usos e costumes no ano de... para o ano de 18... e senhor Putano. Está por si ou alguém por ele?»

Era da praxe o nomeado, que por via de regra estava presente, aguardar que a chamada se fizesse por três vezes. Só à terceira voz avançava, já com o lenço de seda na mão pronto para receber a Bandeira. Com ela erguida seguia para sua casa acompanhado de todos os presentes e colocava-a à janela preparada com o lençol cercado e colcha de damasco, para que todo o povo soubesse quem era o novo Festeiro. Convidava os acompanhantes a entrarem e servirem-se dos bolos e vinhos.

A Bandeira ficava exposta até à noite, para as Florias das Meninas, e ao principio da noite havia ceia durante a qual se comentavam os acontecimentos do dia, com louvores e chufas que não alteravam a boa disposição.

A noite, a filha do Festeiro, ou, não a tendo, a menina mais íntima da casa, a quem era dado o nome de «Flor de Laranjinha», tomava nas mãos a Bandeira e ladeada por mais duas meninas, as «Madrinhas», juntamente com grande grupo de raparigas atrás, tangendo almofarizes e adufes em cadência com o tambor que seguia ao lado, tlm, tlm, tintintim, o Festeiro e muito povo, dirigiam-se primeiro à igreja da Misericórdia em visita a S. João, e depois percorriam as ruas. A esta ou aquela janela, a dona da casa pedia a insignia e com ela segura nas mãos agitava-a à direita e à esquerda e dava o seu voto: «Fetó, meu divino S. João» e acrescentava o seu voto. Por fim regressavam a casa.

A meia noite as raparigas iam em grupo à fonte de Nossa Senhora dos Remédios, a quatro quilómetros, ou aos chafarizes de Santa Clara, do Paulo, encher as enfusas com a «água nova de S. João». Também deitavam um ovo sem casca num copo de água para antes do nascer do sol observarem as formas caprichosas

que tomara a clara, procurando interpretá-las como seria a profissão do futuro marido.

Nesta mesma noite as raparigas faziam capelas de ramos de videira enfeitadas com cravos. Uma de cada vez punha-a na cabeça e recitava:

S. João casai as moças
Que vos trazem capelas
Aqueias que as não trazem
Deixai-as ficar donzelas.

S. João casai as moças
Que vos fazem fogueiras,
Aqueias que as não fazem
Deixai-as ficar solteiras.

e outros semelhantes.

No dia seguinte ao da festa ainda havia o almoço dos festeiros cessantes e à tarde o jantar, findo o qual se faziam as contas de todas as despesas que eram equitativamente repartidas por todos, como dissemos.

Como nota indicamos os versos entoados pelas mulheres na igreja junto do altar de S. João:

S. João é bom santinho
Se não fosse tão velhaco
Foi à fonte com três moças
Foram três e vieram quatro.

O meu divino S. João Baptista
O meu Santo marinho
Levai-me na vossa barca
Até ao Rio de Janeiro.

O meu S. João Baptista
Quem te deu a fita verde?
Foi uma moça solteira
De uma doença que teve.

Em Póvoa e Meadas o S. João também era festejado, havia as celebrações religiosas, Missa, sermão e procissão, e pouco mais. Em redor das fogueiras era a maior animação, com cantigas:

S. João disse que há-de vir
Visitar a Santa Sé
Há-de trazer por companhia
Jesus, Maria e José.
Eu adoro de joelhos
Meu rico S. João

Para ver se me caso
Este ano ou não,
Eu adoro de joelhos
Meu rico S. Pedro
Para ver se me caso
Este ano cedo.

Donde vindes S. João
Que vindes tão molhadinho
De apagar as fogueiras
De arrancar rosmaninho
Eu adoro de joelhos
Meu rico S. João
etc.

Donde vindes ó Baptista
Pela calma sem chapéu
Venho de apagar fogueiras
Que acenderam lá no Céu,
Eu adoro de joelhos
Meu rico S. João
etc.

ou outra,

S. João à minha porta
Toma lá, dá cá
E eu não tenho que lhe dar.
Ó meu rico S. João, vem cá (bis)
Darei uma cana verde
Toma lá, dá cá
Para pôr no seu altar
Ó meu rico S. João, vem cá (bis)

S. João chora, chora,
Toma lá, dá cá
Que não tem sapatinhos
Ó meu rico S. João, vem cá (bis)
Haja quem te dê as solas
Toma lá, dá cá
Que eu lhe darei os saltinhos
Ó meu rico S. João, vem cá (bis)

outra,

A roda daquele mastro
Foi a minha perdição
Perdi o anel de ouro
Na noite de S. João.

Não é pelo anel que eu choro
Mas é pelo que dirão,
Que eu sou uma perdida
Perco tudo que me dão.

O dia de S. Pedro em Montalvão era festejado pelos pastores e cabreiros, já está dito. Este dia tinha marcada importância na profissão deles porque era neste dia que iniciavam e terminavam os contratos com os seus amos, uso que ainda perdurava até há pouco. Assim, quando durante o ano algum pastor saía de casa do amo com quem estava contratado, comentava-se: «Aquele fez hoje S. Pedro». Igualmente quando algum pastor era visto em Montalvão onde vinha tratar coisas de sua vida, portanto longe dos rebanhos onde davia permanecer todo o ano, observavam: «Parece que é dia de S. Pedro, vêm os pastores à vila!»

Em Póvoa e Meadas o dia era festejado além da parte na igreja, com as fogueiras, cantigas e o fogo do costume nestes dias.

Do mês de Junho passava-se ao mês de Setembro.

Festa de Nossa Senhora dos Remédios, Montalvão

A ermida de Nossa Senhora dos Remédios dista quatro quilómetros da vila, para Noroeste, e avista-se bem de Montalvão por estar em pleno descampado (Fig. 3). É uma pequenina igreja com gálibê e a porta de entrada para o corpo onde estão os altares de S. José e de S. Caetano e, por um degrau sob o arco cruzeiro, a capela-mor onde numa maquinaeta está a imagem de Nossa Senhora dos Remédios metida. Aos lados as imagens de S. Francisco e S. Simão.

Ao lado da ermida, e fazendo corpo com ela, está a habitação do ermitão, por onde se passa para chegar à sacristia, através da cozinha e do quarto de cama. Atrás da sacristia, por onde comunica, está uma sala grande a toda a largura da sacristia e ermida, que era utilizada para os jantares e bailes de outrora. Anexa à morada do ermitão, uma horta murada pertencente à Sr.^a dos Remédios serve de rendimento e sustento ao ermitão, que além deste modestíssimo provento se governava das esmolas que aos Domingos vinha pedir a Montalvão, fazendo-se acompanhar de uma pequena caixa envidraçada contendo a imagem de N.^a Sr.^a. A porta de cada casa pedia a esmola: «Em louvor de N.^a Sr.^a dos Remédios» e todos lhe davam, dinheiro ou géneros.

A frente da ermida, um pequeno adro rectangular, calcetado, com três entradas no muro que o limita e, em frente, a umas dezenas de metros, um Cruzeiro em granito. Envolvendo a capelinha, vários eucaliptos dão sombra e frescura. Muito perto, está a Fonte de N.^a Sr.^a que fornece excelente água; dela se abastecia a maioria dos moradores de Montalvão que iam ou mandavam por ela em burros ou machos.

Para ir até à ermida há dois caminhos, o da Alagoa, no qual já perto, numa depressão em grande pedra está a «Cama de N.ª Sr.ª», e o de Cima, ou da «Cadeirinha», por em disposição natural em jeito de cadeira num penedo, um pároco aproveitava para descansar no seu passeio e leitura do breviário. Ainda hoje se chama a este lugar o «Cancho do clérigo».

A Festa de Nossa Senhora dos Remédios é no dia 8 de Setembro.

Na tarde do dia anterior os lavradores dispensavam do trabalho os seus criados para se prepararem e irem ao arraial da romaria, que tinha lugar nos terrenos junto à capelinha.

As trindades entrava na vila a Banda de música de Castelo de Vide ou de Nisa, a que melhor preço fizera. Logo que os músicos desciam dos carros, formavam e a tocar percorriam as ruas a apresentar cumprimentos aos montalvaneses. Cumprida a praxe, subiam de novo para os transportes que os levavam até ao adro da ermida, onde já estava montado um coreto em paus a pique para os receber. Todo o adro estava engalanado com mastros ligados uns aos outros por festões de murta, bandeirinhas de papel de cor, dos quais pendiam inúmeros balões venezianos.

A frontaria da capelinha ostentava lanterninhas de azeite, acesas de modo a desenharem as iniciais N S R, de N.ª Sr.ª dos Remédios. O recinto era iluminado pelos balões venezianos e luzinhas de azeite em tigelinhas de vidro de várias cores.

Mais afastados, por entre os eucaliptos e para além deles, viam-se montes de melões e melancias ou outras frutas do tempo, as barracas de quinquilharias, botequins de comidas e os pipos de vinho montados em carroças.

O arraial começava com a primeira peça de música tocada pela Banda. Armavam-se bailes no adro ao som da música ou das gaitas de belços e harmónios. Na sala por detrás da ermida, a Sala de Jantar, dançavam meninas das famílias dos lavradores. De espaço a espaço queimava-se fogo preso e do ar, e assim o arraial prosequia até de madrugada, sempre com animação e respeito.

Frequentavam esta romaria gentes vindas de longe e de perto, da Beira Baixa, de Casalinho e Herrera na Espanha, de Castelo de Vide, Póvoa e Meadas, Nisa, Alpalhão, Pé de Serra e Salvessa, etc. Muita genté que dava brilho e animação a esta afamada Festa.

Algunsromeiros lá passavam a noite, confortados com o prato de afogado e uns copinhos de vinho, outros na capelinha, em oração ou enrodilhados sobre o pavimento coberto de bunho. A maior parte, não esperando o fim do arraial, regressava a Montalvão para descansar o resto da noite, uns nas próprias casas e outros nas de conhecidos ou de quem os convidara, para no dia seguinte voltarem à ermida e assistirem às solenidades religiosas, Missa, sermão e procissão.

A Missa era cantada e acompanhada por um quarteto ou quinteto de elemen-

tos da Banda. O sermão tinha a fama de ser o mesmo todos os anos, pronunciado a maior parte das vezes pelo pároco de Montalvão.

Depois da Missa saía a procissão, pela passagem Norte do adro, atravessava a horta de N.ª Sr.ª, dava a volta por detrás da ermida, descia por entre os eucaliptos onde os rapazes das sortes do ano seguinte abriam alas em guarda de honra à imagem, ia abaixo a rodear o Cruzeiro e regressava à capela pela porta central do adro.

O comportamento dos rapazes era notável pela devoção e respeito. Em número de vinte ou mais, pois a freguesia de Montalvão inclui a povoação da Salavessa, de joelhos em terra esperavam a aproximação do andor. À medida que este ia avançando, os rapazes levantavam-se aos pares, um da esquerda outro da direita, beijavam o manto de N.ª Sr.ª, deixavam a sua estola no andor e tornavam a ajoelhar. Assim sucedia com todos os rapazes de dezasseis anos que no ano imediato iriam às sortes. Mais abaixo, e de igual maneira, esperavam os de dezoito anos que procediam como os anteriores. Afirma-se que a fé deles foi recompensada, pois os soldados que saíram de Montalvão para a guerra de 1914-18 voltaram todos sãos e salvos a suas casas.

Após a procissão eram leiloados todos os «ramos», com o pregão usual: «Quem dá mais por este ramo que está em tantos tostões, para Nossa Senhora dos Remédios». Os ramos, oferecidos por simples devoção ou em cumprimento de promessa, eram colocados nos bancos da galilé e em mesas junto dos mesmos, sem embaraçarem o acesso à ermida. O tesoureiro tomava conta da distribuição das oferendas pelos pregoeiros e recebia a importância da arrematação, que muitas vezes atingia elevados preços, porque nenhum rapaz deixava ir parar a outras mãos a fogaça oferecida pela sua namorada.

A organização e custeamento da festa a cargo da Irmandade de N.ª Sr.ª dos Remédios, actualmente extinta. Paralelamente à Irmandade havia as «Mordomas de N.ª Sr.ª dos Remédios», nomeadas todos os anos para o exercício no ano seguinte, por ocasião do sermão. As Mordomas tinham o encargo do arranjo da Imagem e o dever de oferecerem um ramo de bolos, fruta, trigo, etc., para serem leiloados a favor das despesas.

Com a arrematação dos ramos, que devido à sua abundância demoravam a vender, findava a romaria. A banda tocava o último número do seu programa e preparava-se para o regresso. Terminavam os bailes com pena de muitos e aos poucos iam partindo. Em breve a capelinha tornava a estar quase deserta deromeiros e isolada no descampado.

A devoção a Nossa Senhora dos Remédios não se limitava à romaria no dia 8 de Setembro. Ainda hoje muita gente de Montalvão faz a promessa de, durante nove dias, ir e voltar a pé até à ermida fazer a sua petição. Outras vão para lá «de estâncias», isto é, permanecerem na capela desde manhã até quase ao pôr-do-

Sol, Dádivas de objectos de ouro, cordões, pulseiras, fios, brincos, etc. em cumprimento de promessas, são muitas, prendas que ficam arroladas e em depósito na casa de pessoa de confiança do pároco.

Há em Montalvão o uso de terem preparada em casa a mortalha que hão-de levar no caixão por sua morte, mas quando por doença grave chegavam a perigo de vida, prometiam a N.ª Sr.ª dos Remédios a sua mortalha se se salvassem.

Os ranchos de «ratinhos» que vinham da Beira contratados fazer a ceifa no Alentejo e transitavam pelo caminho da Barca, ao passar pela ermida deixavam a sua esmola e prometiam as foices a N.ª Sr.ª se voltassem com saúde a suas casas na Beira, e escreviam na parede da capela «Passou por aqui no dia... o rancho de... (nome do manageiro) de... (terra de origem)... composto por... homens que vão fazer a ceifa do sr... em...

As foices e mortalhas oferecidas durante o ano eram leiloadas no dia da festa, e o produto reservado para obras de reparação na capela.

Em caso de calamidade, como por exemplo nas grandes estiagens, principalmente nos meses críticos de Março e Abril, faziam-se romagens a implorar as chuvas benéficas.

Osromeiros, que durante o dia tinham estado ocupados nos trabalhos do campo, concentravam-se, já sol posto e munidos de lanternas para alumiar o caminho, junto às «Almas», local ao fundo da Rua da Barca, início do trajecto para a ermida. Todos juntos e a sinal dado, partiam em andamento de marcha, pelo que só gente nova e rija podia participar nesta devoção.

A ida iam cantando o Terço, mas sempre Padre-Nossos em vez de Avé-Marias. Dividiam-se em dois grupos, um cantava a primeira metade do Padre-Nosso e o outro cantava a segunda parte. Iam assim descansando, Terminada cada dezena, a sinal dado pelo Mestre com um bater palmas, todos se ajoelhavam na terra e o primeiro grupo implorava:

Senhor Deus, Misericórdia,
Virgem Santa, Mãe de Deus e Mãe nossa,

e o segundo grupo continuava:

Acançal-vos de Vosso amado Filho,
Água de misericórdia.

Na capela cantavam o Terço da Quaresma — levava quase uma hora —, e, em cada mistério do Terço, rogavam de novo e da mesma forma, a água de misericórdia.

No regresso cantavam a «Bendita e louvada seja, a Sagrada Morte e Paixão do amante Jesus» nos mistérios do Terço, mas já não se ajoelhavam. Quando

acabava um Terço começava outro, e chegados a Montalvão iam à igreja da Misericórdia onde terminavam o Terço que estivesse por completar. De joelhos, dentro da igreja, perante o altar com as velas acesas, cantavam os últimos versos da «Salve-Rainha» a partir de: Lá em cima no Monte Calvário, está Jesus Cristo à morte. Por fim recolhiam a casa.

Contou-nos a Tcha Maria Isabel, uma das mulheres que ainda se lembrava das músicas dos cânticos religiosos, que quase sempre ao nono dia das romagens já chegavam a Montalvão encharcadas e sujas de lama de ajoelharem na terra molhada. E não deixa de ser curioso transcrever o que a este respeito disse Frei António de Mendonça no dicionário de Luís Cardoso: «... (a vila de Montalvão) ... Não tem romagens frequentadas, excepto nos dias de Nossa Senhora que costumam por devoção ir os moradores deste povo a Nossa Senhora dos Remédios, que dista meia légua; e no tempo de esterilidade de água é tal a fé que esta freguesia tem com a dita N.ª Sr.ª que não consta que em todas as ocasiões que tem ido buscar em Procição a imagem da mesma Senhora para Matriz desta Vila deixa sem ter despacho as súplicas e rogativas dos pecadores.» A carta de Frei António Nunes Mendonça é de 1758.

Como nota anedótica contamos a lenda, parece com fundo de verdade, de num Domingo em que o ermitão no seu peditório pernolhou em Montalvão, uns meliantes assaltaram a ermida para roubar o ouro de N. Sr.ª. A ermitoa acordou com a tentativa de arrombarem a porta e percebendo do que se tratava, cheia de medo, começou a gritar. «Francisco, Simão, José, Caetano — os nomes dos Santos nos altares —, acudam que querem roubar N.ª Sr.ª.» Os ladrões, com tanta «gente» lá dentro tiveram medo e fugiram.

Na Sala de Jantar da ermida havia uma valiosa colecção de pratos, talheres e copos de estanho para servirem a cerca de duas dezenas de convivas, além de louça de barro, terrinas, espetos, etc. Tudo desapareceu, embora haja memória da forma como isto sucedeu.

Festa de Santa Margarida, em Póvoa e Meadas

No terceiro Domingo de Setembro era a Festa de Santa Margarida, a maior do ano, que durava três dias, Sábado, Domingo e Segunda-feira, três dias de touradas à vara larga, arraiais, bailes, fogo de artifício, período em que se realizavam os casamentos e a visita dos que trabalhavam fora da terra.

As solenidades religiosas constavam de Missa, sermão e procissão que percorria o itinerário do costume. No terreiro em frente da ermida armava-se o coreto para a música. Em frente da capela, sempre de porta aberta, vendiam-se os «ramos» das promessas, da parte da manhã. Da parte da tarde em recinto vedado com carretas, no Rossio, toureava-se o gado de trabalho cedido por um dos lavra-

dores em cada dia. Rivalizavam os pegadores da Póvoa e de Montalvão, e raro era não haver cabeças partidas. Aflua gente das proximidades em grande número, atraída pela fama dos festejos e nunca iam desiludidos. Contudo, não havia praxes especiais que as distinguissem de outras romarias ou festas.

Festa e Feira de Nossa Senhora das Mercês, Montalvão

Estes festejos realizavam-se no dia 25 de Setembro.

As celebrações religiosas eram segundo o costume, Missa, sermão e procissão, organizadas pela Irmandade de N.ª Sr.ª das Mercês, constituída por estudantes, admitindo pessoas não estudantes se estes não fossem em número suficiente. Extinguiu-se em 1907 por falta de interesse dos irmãos, como dissemos ao tratar das irmandades. No dia da Festa dava licor e bolos aos irmãos e durante a Semana Santa conduzia o andor com a imagem de N.ª Sr.ª das Mercês da Matriz ao Calvário e deste novamente à Matriz.

Neste dia também se realizava a feira com o mesmo nome, onde os lavradores negociavam os seus gados e produtos agrícolas, e eram ajustados os criados para as próximas sementeiras dos cereais.

Festa do Santíssimo Sacramento, Montalvão

No terceiro Domingo de Outubro, a Irmandade era convocada à igreja pelo toque de nove badaladas do sino, as nove badaladas de convocação para a comparecência da Irmandade em todos os actos da sua obrigação.

Na igreja era o habitual, Missa, sermão e procissão, sem nada de diferente. A tarde era posto em arrendação por quem mais desse o arrendamento de um «chão», terreno que fica próximo da igreja de S. Pedro, conhecido pelo «Chão do Santíssimo», propriedade da Irmandade, que organizava e custeava a Festa.

Dia dos Santos

Primeiro de Novembro. Em Montalvão, na véspera, pelas oito horas da noite, tocava o sino da Misericórdia a convocar os pobres da terra a comparecerem nesta pequena igreja, que se enchia por completo de homens, mulheres e crianças.

Os irmãos da confraria da Misericórdia trajavam os balaandras pretos e de tocha acesa na mão. Dispunham-se em alas, duas, junto à porta principal, onde estavam grandes sacos cheios de pão, uns inteiros, outros em metades e outros em quartos. O secretário e o tesoureiro auxiliados por um dos vogais, procediam à distribuição das esmolas, entregando um pão inteiro aos homens, meio pão às

mulheres e um quarto aos garotos. Amassavam às vezes trinta alqueires de trigo. Estes bodos acabaram em 1910.

Os pequenos até aos dez anos de idade procuravam os respectivos padrinhos de baptismo e pediam-lhe a «esmola» ou «bolo dos Santos»: Também pediam o mesmo às pessoas amigas.

Dia de Finados

Era o dia das visitas às campas no cemitério, onde o pároco dizia uma das três Missas do dia. O sino da Misericórdia dava toques de dobrar a finados durante nove dias, de dois a dez de Novembro.

Dia de Nossa Senhora da Conceição

Em 8 de Dezembro, as festas na igreja constavam de Missa, sermão e procissão. Em Póvoa e Meadas, em lugar costumado no Rossio, era pegado fogo ao Madeiro de Nossa Senhora da Conceição, que durava toda a noite a arder e parte do dia seguinte. O Madeiro era um grande tronco de árvore reservado para este fim por um dos lavradores. De capote e a conversar não faltava gente à volta do lume, como numa adoração do fogo.

Natal

Como em todas as terras portuguesas, era a época da reunião das famílias, Missa do Galo, e beijar o Menino, cânticos, segundo o uso tradicional.

Percorrendo as ruas os rapazes roncavam a «urra» e queimavam as Fachas. A urra é feita de uma panela de barro com uma pele retesada a tapar a boca, e no centro fixado um gamão. Segura abarcada pelo braço esquerdo, deslizando a mão direita pelo gamão encerado, resonava a panela em urros que se ouviam de longe. As fachas eram molhos de gamões atados com correias de trovisco. Colhiam-se os gamões, dobravam-se pelas extremidades para durarem mais tempo a arder, juntavam-se em molho atado pela casca do trovisco e usavam-se como archotes.

Em Muntalvão, homens e mulheres, rapazes e raparigas, em grupos pelas ruas, cantavam entre outras, em espanhol aporuguesado e não ligando ao mau sentido:

Abre-me la puerta
Cerra la ventana
Esta noche-buena
Vou dormir à tua cama.

Abre-me la puerta
Cerra lo boatigo
Esta noche-buena
Vou dormir contigo.

Não quero más bois
Não quero más novilhas,
Que estan mul caras
Los campanillos,
Los campanillos.

Além naquele cerro
Fazem lume os pastores
Aonde nasceu el niño
Entre las flores.

Com o Natal encerra-se o ciclo anual das tradições religiosas que nos propu-
semos registar, visto que a seguir recomeçava com as Boas Festas, na transição
de um ano para o outro. Porém, outras tradições havia que não sendo pertencen-
tes ao ciclo estão pelo seu carácter religioso a elas intimamente ligadas. Refe-
rimo-nos aos baptizados, casamentos, Sacramento da Extrema-Unção e funerais,
e de cada uma damos a seguir umas notas.

Baptizados

No dia combinado para o baptizado, a mulher a quem davam o nome de
parteira, mulher analfabeta que a muita prática permitia alguma utilidade nos
trabalhos de parto, levava a criança ao colo a caminho da igreja, acompanhada
pelo padrinho e madrinha do neófito, pelos pais, pessoas de família e convidados.
Celebrado o acto e feito o registo, o cortejo voltava para casa com mais um con-
vidado, o pároco.

O nome da criança era escolhido pelo padrinho, se fosse rapaz, e pela madri-
nha se fosse rapariga. Quase sempre havia um acordo prévio com os pais do menino
ou menina.

Durante o percurso de regresso, os padrinhos e pessoas amigas iam atirando
amêndoas e confeitos para os lados e para as janelas donde também pessoas
amigas lançavam amêndoas e confeitos misturados com pétalas de flores. Os
garotos, para os apanharem, metiam-se por todos os lados, empurravam-se, caíam,
levantavam-se embaraçando o andamento, pelo que iam levando o seu cachação
à mistura com os doces.

Da janela ou da porta da casa, os padrinhos atiravam à rua punhados de fruta da época, maçãs, castanhas, pêras, passas de figo, etc., que eram disputadas pela garotada e mesmo por pessoas crescidas que não resistiam à tentação.

Quando chegava a hora da refeição iam todos para a mesa fazer as honras aos primores de cozinha que eram apresentados em festa tão alegre e memorável.

Casamentos

Quando um namoro começava a sério, era com o conhecimento e consentimento dos pais de ambos os namorados.

No norte do Alentejo era, e é ainda, da obrigação da noiva «pôr a casa» pois os noivos só levam as suas roupas e as ferramentas do seu ofício. Neste sentido, as raparigas, sobretudo as de famílias de poucas posses, iam pouco a pouco preparando o seu enxoval, adquirindo roupas, loiças, utensílios e por fim a mobília, com que iriam guarnecer o respectivo e futuro lar.

Ao aproximar-se a data marcada para o casamento, a noiva era pedida pelos pais do noivo, ou, na sua falta, por pessoas de família de parentesco próximo ou então por pessoa muito íntima da família. A cerimónia era simples, os pais do noivo encaminhavam-se para a casa da noiva onde os esperavam e, exposto o motivo que ali os levava, era chamada a noiva a quem era perguntado diante de todos se era de sua livre vontade fazer aquela união. A noiva respondia que sim, os pais dela davam o consentimento e estava cumprida a formalidade.

A diligência imediata era a de se dirigirem ao pároco para tratar dos papéis e fazer os proclamas ou preções, três domingos seguidos, durante a Missa. O povo contentava dizendo: «Lá caíram hoje do altar abaixo Fulanos.»

Pronunciada a segunda proclamação os pais dos noivos iam convidar o padrinhos para o casamento dos filhos, que por costume eram os do baptismo, indo a noiva com a sua madrinha e a esposa do padrinho, ao passo que o noivo levava o seu padrinho e o marido da madrinha. Obtida a anuência dos padrinhos, passavam aos convites às pessoas de família e aos amigos.

Nos três dias anteriores ao casamento, as madrinhas iam arranjar a casa e cama da noiva, casa pobre mas muito limpa, com a loiça a brilhar na cantateira, os cântaros cheios de água pelas amigas da noiva, solteiras, a cama de ferro com as cochas, cobertores bordados e entrecamas, qual delas a mais rendada. Durante os oito dias seguintes ao casamento a casa ficava exposta à curiosidade e apreço das pessoas amigas. Faziam-se mesmo convites para lá irem admirar as suas coisas e era caso para melindre não aceitar.

As roupas da cama que assim se expunham ao exame, na maioria não eram para serem usadas, mas faziam parte do enxoval. Eram mais tarde vendidas e de novo iam guarnecer as camas de outros noivos, e tornarem a ser vendidas.

visto que o produto da venda destas roupas era aplicado na compra da casa de habitação. Quantas cobertas, cobertores bordados e entrecamas de lindas e precisas rendas não teriam já estado noutras camas e quantas não iriam depois cobecer!

As prendas dos padrinhos também eram expostas para serem apreciadas.

Na manhã do dia do casamento os noivos iam à igreja confessar-se e comungar. A hora combinada para a cerimónia, os padrinhos e convidados encaminhavam-se para a casa do noivo, que pedia a bênção aos pais e seguia com os padrinhos e amigos para a casa da noiva, onde eram aguardados à porta da rua. Feitas as despedidas dela aos pais, a quem pedia a sua bênção, acompanhada das madrinhas e pessoas da sua amizade, incorporava-se no cortejo. A frente a noiva entre as duas madrinhas e logo atrás o noivo entre os dois padrinhos. Vinham depois os familiares, convidados e curiosos e assim se dirigiam para a igreja onde eram casados e feitos os registos após o que assistiam à Missa.

Terminados os actos religiosos lá ia o cortejo para a casa onde os esperava o almoço. Pelo caminho, durante o percurso, das casas ou mesmo da rua, os moradores lançavam sobre os noivos, ao lado um do outro, e sobre os padrinhos, punhados de flores, arroz, trigo, amêndoas, em votos de prosperidade. O sino da igreja repitava alegremente durante o tempo calculado bastante para o cortejo chegar ao destino, mas se a gratificação ao sacristão tivesse sido boa, continuava o toque por tempo proporcional à esportula.

Na casa do almoço, por via de regra, havia duas mesas, uma para os noivos, padrinhos, padre que os casara e um ou outro convidado mais íntimo ou pessoa a quem se queria honrar; na outra sentavam-se indistintamente os outros convidados. Dos manjares da boda, os pais dos noivos mandavam presentes às pessoas amigas, o prato de afogado, sempre obrigatório, mais o prato de sustância, bolos, etc. A estes presentes eram também chamados «fogaças».

A noite ainda havia jantar, com o mesmo uso, e os convidados eram convocados por meio de um pregão pelas ruas.

Os noivos recolhiam ao seu novo lar, mas as praxes não estavam terminadas. Pela meia-noite ou uma da manhã, ouvia-se um cantar dolente e baixinho; eram os amigos solteiros do noivo e da mesma idade que à porta da rua do novo lar, com a boca junto ao postigo ou à fechadura, cantavam as suas loas a enaltecer as qualidades do noivo.

I Boa noite, boa noite
Boa noite vimos dar
Vimos pedir benção
Para nos deixarem cantar.

Ao cimo daquela rua
Está uma luz a brilhar
Queira Deus que ilumine
Para sempre o vosso lar.

Olha lá ó..... (o nome do noivo)
Meu raminho de salsa fina
Quando las para a igreja
Só parecias uma rainha.

Ao cimo daquela rua
Está uma rosa encarnada
Tu já foste á igreja
Já tens o nome de casada.

Olha lá ó..... (o nome do noivo)
Meu raminho de hortelã
Tu já foste á igreja
Dar á tua direita mã. (mão)

O noivos que vos cumates
Foi dia de grande alegria
Também serviu de testemunha
Deus e a Virgem Maria,

e outros, alguns muito carregados de pimenta.

O noivo devia vir á porta a agradecer e trazer vinho. Se se demorava, as cantigas traduziam impaciência:

O amigo... fulano,
Levanta-te devagarinho,
Vem aqui á porta
E tras o garrafão do vinho.

De boa ou má vontade lá vinha de satisfazer-lhes o apetite, entre chalaças mais ou menos picantes.

No dia seguinte ao do casamento a festa continuava, principalmente para os padrinhos e pessoas mais chegadas.

Era da praxe as madrinhas oferecerem a coberta da cama ou o leito de casar ou aquilo que mais falta fazia. Por seu lado os padrinhos ofereciam todo o vinho que se consumia na festa e ainda uma fogaça de trigo.

O traje do noivo era o seguinte: Na cabeça chapéu de alta larga com borla de seda; jaqueta, colete, calça estreita, cinta, meias e sapatos, tudo de cor preta. A noiva, a cobrir a cabeça a «coca» ou mantilha preta, roupinha de cor, rameada.

(algumas punham lenço de seda franjado, de cores, traçado e a ver-se por baixo da coca), saía rodada, preta, meias brancas e sapatos pretos. Não usavam flor de laranjeira e quando iam para a igreja levavam o véu da coca descido para a frente a cobrir a cara mas após o casamento voltava com o véu para cima e cara descoberta. Se a noiva tinha posses comprava o «fato de casar», que depois era vendido juntamente com a «camas». Sendo muito pobre, pedia-o emprestado.

As loas aos noivos pelos rapazes, à meia-noite, eram os «descantes».

Os Sacramentos da Extrema-Unção a um enfermo

Quando eram pedidos os Sacramentos da Extrema-Unção para um enfermo em estado grave, o sino da matriz dava o toque das nove badaladas a convocar a Irmandade do Santíssimo e simultaneamente soava no adro da igreja a campainha da mesma Irmandade.

Em geral era à noite que se procedia a este acto, e a igreja enchia-se de gente porque já tinham regressado dos trabalhos no campo nesse dia.

O cortejo saía levando à frente a campainha a anunciar a passagem do Santíssimo, que avançava seguido da respectiva Cruz e da Cruz da paróquia. Depois a Irmandade, os irmãos vestidos com as opas vermelhas e de tocha acesa nas mãos. Por último o Pálio ou a Umbrela a cobrir a Custódia própria para este fim, onde ia o Sagrado Viático. Acompanhando o cortejo o povo ia atrás a cantar o Bendito e Louvado.

Em todas as casas do percurso, até nas mais pobres, as janelas estavam iluminadas com lanternas ou castiçais, ou simplesmente candeias de azeite penduradas na porta da rua. A passagem do Santíssimo toda a gente se ajoelhava.

O padre entrava na casa do enfermo, e, enquanto cumpria a sua missão o povo esperava a sua saída, a rezar em silêncio rogando as melhoras do doente.

No regresso à matriz tornavam a cantar o Bendito e Louvado e outros cânticos. Chegados à igreja, depois do padre implorar do Altíssimo o restabelecimento do doente, era dada a Bênção do Santíssimo à assistência após a qual os irmãos e mais homens presentes, cantavam:

Lançai-nos a Bênção
Senhor Sacramentado
Senhor escondido,
Senhor adorado,

e as mulheres respondiam:

Sois cravos e rosas (ou Bendito Sejaís)
Senhor Sacramentado
Senhor escondido,
Senhor adorado,

O cântico era dito e cantado por três vezes.

Lan... çai... nos a Ben... ção Se... nhor Se... cre... men...
... ta... do Se... nhor ex... con... di... do Se... nhor a... do...
... ra... do. Sois...
Três vezes

Funerais

Para o transporte dos cadáveres de crianças havia na Misericórdia de Montalvão dois esquifes, o menor para recém-nascidos e o maior para crianças até aos oito anos ou para mais velhas que lá coubessem.

A Tumba é um esquife com uma armação de madeira (na Póvoa era de ferro) em arco, para poder ser lançada por cima uma coberta de pano. Servia para adultos.

Os funerais nos esquifes eram gratuitos, mas para os de tumba o preço era metade dos que levavam caixão ou urna.

Quando a inumação era de de «corpo à terra», o cadáver, nu ou em roupas menores, era envolvido na mortalha, em geral de linho caseiro, cosida à cabeça e aos pés, formando monhos para lhe pegarem, e mais umas ataduras ao meio e às quartas partes. Em Póvoa e Meadas a forma era semelhante à de Montalvão, mas chamavam a esta forma de amortalhar «mortalha de foguetes», pela semelhança com o saco das bombas nos foguetes. Actualmente nas mortalhas fazem umas pregas bem feitas, ao comprido, da cabeça à cintura.

Em Montalvão, antigamente a Misericórdia dava a mortalha aos mais necessitados.

A Tumba iam a pegar quatro homens, vestidos com os balandrans negros da Irmandade da Misericórdia próprios para este fim, quer fossem ou não irmãos da Irmandade.

Antigamente, logo que havia notícia de que em determinada casa se tinha dado um falecimento, muitas famílias amigas e conhecidas mandavam um candieiro de azeite de três ou quatro luzes, devidamente cheio de azeite para estar

aceso na câmara mortuária. Quem não tinha candieiro de latão, o que era raro pois em geral em todas as casas havia o «candieiro dos enterros», mandava uma candeia com azeite em sua substituição. Estas luzes eram colocadas num altar de câmara ardente em casa do falecido.

No caso de ser falecido um irmão da Misericórdia ou do Santíssimo, era obrigação de todos os irmãos incorporarem-se no acampamento. Sobre a tumba, ou sobre o caixão, ia estendido o balandru do irmão falecido, balandru que era entregue à Irmandade quando da inumação, quer fosse ou não propriedade do morto. No caso de ter sido irmão do Santíssimo comparecia o Guilho e Cruz da Irmandade. Sendo da Irmandade da Misericórdia ia a Bandeira deitada horizontalmente, segura pelo tesoureiro e secretário que lhe pegavam pelos ângulos superiores e o cabo seguro por um dos vogais. Outro vogal levava a Cruz e o provedor empunhava a vara do mando, e os restantes membros levavam uma tocha acesa. Todos iam de balandru e a ladear o morto.

A convocação dos irmãos da Misericórdia, seja para os funerais seja para as sessões ou para as procissões, era feita pela «irmã hospitaleira», que levava um protocolo com os nomes dos irmãos, no qual cada um assinava o nome em prova de que tinham recebido a convocação. Os irmãos do Santíssimo eram avisados pelas nove badaladas do sino da matriz, como já foi dito.

O sino dobrava a finada de três em três horas até à hora do enterro. A hora do saimento dobrava o sino da matriz e a seguir o da Misericórdia em chamamento para o enterro.

Quando não havia Missa de corpo presente, o funeral saía da casa do falecido, acompanhado pelo pároco. Durante o percurso até ao cemitério faziam-se paragens a sinal do padre para todos rezarem um Padre-Nosso por alma do morto, e no dia seguinte era a Missa do saimento.

Outro costume, que ainda subsiste, era o de mandar a «panela» à casa da família de luto. A «panela» representa a alimentação pronta para quem, dominado pela dor, não está em condições de cozinhar. Para as famílias ricas ou remediadas a panela constava de uma galinha cozida com arroz ou só a canja. Ora como havia mais de uma pessoa amiga a ter a lembrança de enviar a «panela», por vezes juntavam-se várias, excedendo as necessidades dos contemplados. Para evitar a estragação e evitar estes excessos de comida, também era costume de, em vez de mandar a «panela» no dia próprio, enviá-la nos dias imediatos ou ainda mandar os géneros quando era para casas pobres. Nas casas em que sobrava comida, aproveitava-se a carne para fazer empadas, por exemplo.

No caso de o falecimento se dar em família pobre, a «panela» era de feijão branco, (nunca de cor), ou de grão de bico, só em azeite, não levando nem carne nem hortaliça.

Nas casas ricas, que tinham criados de lavoura, era costume cozer uma «panela» grande com feijões para os alimentar, pois no dia de falecimento nenhum ia trabalhar senão o indispensável como era por exemplo o trato do gado, mas este costume acabou desde que, em vez de se comportarem com o devido respeito perante o desgosto dos amos, os criados levavam tudo com ar de feriado.

Actualmente, em vez dos candieiros mandam velas ou azeite para as luzes, e em Montalvão está a tomar força o costume de dar dinheiro aos anojados para a compra do caixão em vez de dar luzes.